



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE**

ELILIA CAMARGO RODRIGUES

**A RECONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DA
LIDERANÇA EM ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DE SALVADOR**

Salvador
2009

ELILIA CAMARGO RODRIGUES

**A RECONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DA
LIDERANÇA EM ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DE SALVADOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação, Gestão e Desenvolvimento Sustentável.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo José Fernandes Nunes

Salvador
2009

R696 Rodrigues, Elilia Camargo.

A reconstrução do processo de identificação da liderança em associações de moradores de Salvador / Elilia Camargo Rodrigues. - 2009.

136 f.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo José Fernandes Nunes.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação, 2009.

1. Liderança comunitária. 2. Associações de moradores – Salvador (BA). 3. Subjetividade. I. Nunes, Eduardo José Fernandes. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. III. Título.

CDD – 303.34

ELILIA CAMARGO RODRIGUES

A RECONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DA LIDERANÇA EM ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DE SALVADOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovada, 4 de novembro de 2009.

Banca examinadora

Eduardo José Fernandes Nunes – Orientador _____
Doutor em Análise Geográfica Regional, Universidade de Barcelona, UB, Espanha
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Elizeu Clementino de Souza _____
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Juarez Duarte Bomfim _____
Doutor em Geografia Humana pela Universidade de Salamanca-Espanha
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Dedico este trabalho a todas as pessoas que
construíram suas utopias e as
transformaram em práticas sociais.

AGRADECIMENTOS

São muitos a agradecer e não será possível contemplar a todos (as). Àqueles que não foram citados não será retirada a relevância na participação e contribuição para a minha formação. Gostaria de agradecer em especial a minha mãe Maria, *in memoriam*, referência de alteridade, que cumpriu sua missão aqui na terra na criação dos filhos e deixou o legado de mulher guerreira, honesta, rural, que buscava água em fontes distantes e trazia na cabeça para saciar a nossa sede. A meu pai, Paulo Nogueira, referência de homem público, origem de lavrador.

Agradeço às minhas irmãs: Célia, *in memoriam*, Mara Lúcia, Rita de Cássia, Luciana, Isabella e, em especial, Ângela (Nina) pelo apoio financeiro e emocional nas horas mais difíceis da vida; talvez sem a sua participação não seria possível a realização deste trabalho.

A meus sobrinhos Lenina, Elis, André, Pedro, Hugo, Bruno, Otávio, Isaac, Vitória e Millan, carinho incondicional.

A meu cunhado Cláudio, referência de amizade.

A meu marido, companheiro e amigo Paulo Dantas de Santana Filho; com ele o futuro nos espera para cumprir a missão de criar e educar nossos filhos. A Paulo Dantas e Maria das Candeias (sogra e sogra), o carinho, consideração e acolhimento na família.

A meus filhos, Antonio e Sophia, com quem compartilho a emoção e a magia da maternidade, pois proporcionam sentido especial à minha vida.

À equipe do Projeto Ágata Esmeralda, atualmente Conexão Vida, os momentos de aprendizagem e referência de trabalhos de base comunitária. Considero esta realidade vivenciada, quase uma década, o campo de investigação empírica que resultou, *a posteriori*, essa pesquisa.

Às amigas Ingrid e Zuleide, laços que não se rompem.

Sou muito grata a meu orientador, Prof. Dr. Eduardo Nunes, que foi exemplar no exercício de seu papel.

Muito devo a Antonieta Santos, do Conselho de Moradores da Engomadeira, Anivaldo, do Conselho de Moradores da Estrada das Barreiras, e a Tadeu, da

Associação de Moradores da Mara Escura. Seu apoio e atenção constantes me foram fundamentais para desenvolver a pesquisa.

Reconheço como bastante valiosa a orientação da Profª Drª. Hilda Maria Braga em todos os momentos de escrita da dissertação.

Expresso minha gratidão aos colegas deste Mestrado, especialmente Heron, Bira, Genivaldo, Camila, Suzete, Rosa, Viviane, Ivonilda. Impossível esquecer o senso de companheirismo, capacidade de partilhar conhecimentos e experiências, o que para me significa grande afeto.

Também reconheço que muito aprendi com os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB, campus I. Cada um, a seu modo, me possibilitou saber com mais consciência crítica o que hoje sei neste domínio de estudos e me intriga a estudar mais.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a bolsa tão importante que me concedeu, para cursar este Mestrado.

RODRIGUES, Elíia Camargo. **A reconstrução do processo de identificação da liderança em associações de moradores de Salvador**. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2009.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar os fatores que influenciam a reconstrução do processo de identificação de lideranças que atuam em associações de moradores nos bairros de Mata Escura, Estrada das Barreiras e Engomadeira em Salvador, Ba. Procura compreender a liderança como categoria construída no campo da investigação empírica a partir do envolvimento, interação e participação com a pesquisa qualitativa. A orientação metodológica do trabalho com as histórias de vida permitiu considerar a memória e identidade como elementos que fundamentaram a investigação. Os fatores que impulsionaram a constituição de lideranças comunitárias são representativos na formação da identificação desses sujeitos. Os sentimentos de pertencimento, construídos ao longo da convivência em um mesmo território, representam a conquista do direito democrático de instituir espaço coletivo para a reivindicação de aspectos da sobrevivência negada na sociedade. A perspectiva sociológica interacionista e etnometodológica foi de importância crucial para a construção da pesquisa, que se baseou na contribuição de autores como Berger e Luckmann (1985), Coulon (1995), Goffman (1983), Halbwachs (1990), Hall (1999), Weber (1982), Gohn (1998) em análises sobre: identidade memória individual e coletiva, representações coletivas da identidade e sentimentos de pertencimento, na construção do conceito de carisma e para a análise do caráter educativo dos movimentos coletivos.

Palavras-chave: Liderança comunitária. Associações comunitárias. Subjetividade. Território.

RODRIGUES, Elilia Camargo. **Reconstruction process of identification of leadership in associations residents of Salvador**. 2009. pp.136 Dissertation (Master's Degree) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2009.

ABSTRACT

This research aims to investigate factors that influence the reconstruction process of identifying leaders active in neighborhood associations in the neighborhoods of Forest Dark, Estrada das Barreiras and ironing in Salvador, Bahia. Seeks to understand leadership as a category within the field of empirical research from the engagement, interaction and participation with qualitative research. The methodological approach of working with life histories allowed us to consider memory and identity as factors justifying the research. The factors that drove the creation of community leaders in training are representative of the identification of these individuals. The feelings of belonging, built along the coexistence in the same territory, represent the achievement of the democratic right to impose collective space for the claim denied aspects of survival in society. The ethnomethodological and interactionist sociological perspective was crucial for the construction of the survey, which was based on the contribution of authors such as Berger and Luckmann (1985), Coulon (1995), Goffman (1983), Halbwachs (1990), Hall (1999) Weber (1982), Gohn (1998) in analysis of individual memory and collective identity, collective representations of identity and feelings of belonging, the construction of the concept of charisma to analyze the educational nature of collective movements.

Keywords: Leadership community. Community associations. Subjectivity. Territory.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMME	Associação de Moradores do Bairro da Mata Escura
CETRAS	Centro de Tratamento de Animais
CIPA	Congresso Internacional sobre Pesquisa (auto) biográfica
COMOBA	Conselho de Moradores do Bairro da Estrada das Barreiras
COMOBE	Conselho de Moradores do Bairro da Engomadeira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
LBA	Legião Brasileira de Assistência
PLANDURB	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano
SESI	Serviço Social da Indústria
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	17
2.1	O INTERACIONISMO SIMBÓLICO E A ETNOMETODOLOGIA NA COMPREENSÃO DA IDENTIDADE DOS SUJEITOS.....	17
2.2	SIMBOLOGIAS NO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO.....	26
2.3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	31
2.4	DIFICULDADES DETECTADAS NO CAMPO DA INVESTIGAÇÃO EMPIRÍCA.....	33
3	O INDIVIDUAL E O COLETIVO DA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E IDENTIDADE	34
4	A LIDERANÇA NAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES EM SALVADOR	41
4.1	PERFIL DE UMA CIDADE SEGREGADA E CENÁRIO REPRESENTATIVO DAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES.....	41
4.2	LIDERANÇA E ASSOCIATIVISMO: FATORES QUE JUSTIFICAM....	43
4.3	PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE.....	51
4.4	HISTÓRIA DE VIDA E LIDERANÇA: ATUAÇÃO NO CONSELHO DE MORADORES DA ENGOMADEIRA.....	52
4.5	HISTÓRIA DE VIDA E LIDERANÇA: ATUAÇÃO NO CONSELHO DE MORADORES DA ESTRADA DAS BARREIRAS.....	58
4.6	HISTÓRIA DE VIDA E LIDERANÇA: ATUAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA MATA ESCURA.....	63
4.7	CARACTERÍSTICAS RELEVANTES DA LIDERANÇA.....	66
5	IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE NO CAMPO DA SUBJETIVIDADE COLETIVA	70
5.1	LOCALIZAÇÃO E FORMAÇÃO DOS TERRITÓRIOS.....	70
5.2	TERRITÓRIO E IDENTIDADE.....	72
5.3	TERRITÓRIO E SUBJETIVIDADE COLETIVA.....	81
5.4	TERRITÓRIO E ASSOCIATIVISMO.....	84
6	O CARÁTER EDUCATIVO DA LIDERANÇA NOS BAIROS POPULARES DE SALVADOR	96
6.1	LIDERANÇA, GESTÃO DEMOCRÁTICA OU AUTOGESTÃO.....	103
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
	REFERÊNCIAS	112

APÊNDICE A – História de Vida de AT – Liderança do Conselho de Moradores do Bairro da Engomadeira (COMOBE).....	116
APÊNDICE B – História de Vida de NA – Liderança do Conselho de Moradores do Bairro da Estrada das Barreiras (COMOBA).....	127
APÊNDICE C – História de Vida de TD – Liderança da Associação de Moradores do Bairro de Mata Escura (AMME).....	132

1 INTRODUÇÃO

A liderança é um tema discutido na atualidade e considerado relevante para as interpretações das relações entre sujeitos, grupos, instituições e organizações na sociedade. Percebe-se a emergência da liderança nas práticas sociais das subjetividades coletivas, na representação do associativismo em bairros populares o que rompe com o individualismo como paradigma clássico consolidado no sistema hegemônico capitalista. Trata-se da construção do processo de identificação dos agentes sociais, que, na condição de líderes comunitários, possuem sentimentos de pertencimento como solidariedade, alteridade e reciprocidade no território delimitado na apropriação e defesa do espaço. Constitui um tipo ideal carismático que possui atributos de poder descentralizado e manifesto de forma legítima.

A consolidação do sistema capitalista e o surgimento de inovações tecnocientíficas proporcionaram novas condições de trabalho e também formas de opressão em paralelo à luta de classes. Os movimentos coletivos estavam, em tempos remotos, associados à ideia de revolução na concepção de luta de classes “modelo clássico”; na contemporaneidade, porém apresentam-se distantes do modelo revolucionário; caracterizam-se por uma visão subjetiva e autônoma centrada no ator social e nas instituições. Diante disso, a acumulação do capital produziu desigualdades sociais, o que gerou discussão acadêmica e promoção de espaços coletivos de reivindicação e mobilização social. Pensadores, como Fourier e Proudhon (apud BAURRICAUD, 1993), propuseram modificações significativas das estruturas sociais.

O ideário do associativismo de Charles Fourier (1772-1837) e Pierre Proudhon (1809-1865) foi relevante para o surgimento de práticas associativas e cooperativistas no mundo. Fourier, filósofo francês, teórico do socialismo utópico do século XIX, inspirou-se nas ideias de Rousseau e pensava em uma sociedade de comuns. Os falanstérios imaginados por Fourier eram espécies de comunas de

produção e moradia, que organizariam a vida em comunidade. Proudhon trabalhou como operário na condição de autodidata e desenvolveu teorias sobre a organização social baseada na cooperação e no mutualismo. Outros pensadores contribuíram e contribuem para a reafirmação do associativismo no mundo, pois constitui alternativa contra-hegemônica no enfrentamento das desigualdades sociais reproduzidas no sistema capitalista.

As associações de moradores são formas de mobilização social, política e cultural de uma demanda popular e representativa, que possuem ação movida por sentimentos de solidariedade através da liderança, como manifestação espontânea dos sujeitos no território. Essas manifestações estão relacionadas à condição de opressão de uma parcela significativa da população que sofre o processo de exclusão nas relações de dominação. Somente nos modelos societários democráticos é possível a existência de movimentos associativos e das manifestações de liderança, pois a liberdade nas escolhas políticas, o livre arbítrio e outras conquistas democráticas, garantidas constitucionalmente, impulsionam o ator social a lutar pelo bem comum na intenção de reivindicar condições de sobrevivência biológica e social negada na sociedade.

O surgimento dos espaços de mobilização social, no Brasil, data do ano de 1940; porém, torna-se expressivo a partir da década de 1970, como resultado das transformações políticas e sociais pós–segunda Guerra Mundial, dentre as quais destacam-se: independência da Índia (1947); Revolução Chinesa (1949); independência do Egito (1952); libertação do Vietnã (1954); e a legalização dos partidos comunista em muitos países. (IANNI, 1975 apud ESPÍNEIRA GONZALEZ, 1997, p. 18)

Na Bahia, a criação da Federação de Mulheres, em 1946, foi pioneira na representação da identidade coletiva; posteriormente surgiram associações de moradores, inclusive o Conselho de Moradores do bairro da Engomadeira (Comobe), em 1985; Conselho de Moradores do bairro da Estrada das Barreiras (Comoba), em 1977, e a Associação de Moradores de Mata Escura (Amme), em 1993. Essas entidades representativas do associativismo em Salvador lutam por melhorias em seu território quanto à infraestrutura, saneamento básico, profissionalização e outras reivindicações.

Na realidade do associativismo, a liderança mantém espaços coletivos e intensifica a reprodução da identidade comunal das subjetividades coletivas.

Constitui a representação social da identidade mobilizadora das minorias nas comunidades populares que protagonizam a história de suas vidas e do país em processo de opressão e segregação socioeconômica e cultural.

A reconstrução do processo de identificação da liderança em associações de moradores em Salvador, tema do presente estudo, tem a perspectiva de discutir a liderança como objeto de pesquisa. Esta categoria, adquirida nas situações específicas que envolvem o contato com práticas solidárias e recíprocas, é designada na representação do alter, o outro, como sujeito coletivo, e constitui práticas de poder horizontalizadas, de colaboração e ajuda mútua. Para tanto, as motivações para a realização deste estudo são várias e destacam a condição favorável da cidade de Salvador na existência de espaços associativos, e a subjetividade da autora em trabalhos profissionais ligados a organizações não-governamentais, movimentos sociais e associações de moradores.

Por ser a cidade de Salvador palco de diversos movimentos sociais, de organizações não-governamentais e associações de moradores, esses espaços coletivos “organizados” lutam por melhorias sociais diante da ausência de políticas públicas efetivas voltadas para a formação de cidadãos capazes de atuar no mercado de trabalho. A negação de espaços de afirmação justifica, pois, a existência de movimentos coletivos no território visando a suprir carências da sociedade. Dessa maneira, este estudo propõe-se a contribuir para a reflexão dessas esferas coletivas não-governamentais de representação da sociedade, ratificando sua importância para a redefinição da identidade solidária dessas manifestações espontâneas, que agem como processo educativo. Poderá também oferecer contribuições para a práxis dos sujeitos envolvidos nessa realidade e para os demais que se interessam pela temática, reforçando a importância desses territórios na reafirmação da cidadania ativa e participativa.

O envolvimento com o trabalho de base comunitária, durante período significativo na atuação profissional da autora em bairros periféricos da cidade de Salvador e interior do Estado, possibilitou a percepção de inquietações sobre os fatores imbricados nas histórias de vida dos sujeitos que realizam trabalhos solidários e de ação comunitária. Assim, a necessidade de sistematizar experiências de quase uma década como assessora, em contato direto nos bairros populares, foi relevante para a escolha desse tema.

Entretanto, foi muito significativo perceber que, ao abordar a emergência da liderança, constata-se que as relações solidárias encontram-se comprometidas diante das problemáticas sociais que geram violências e colocam em risco a credibilidade no semelhante. Não por acaso, a convivência em grupo, organizações e instituições, na contemporaneidade, implica uma complexidade de conflitos, o que dificulta a formação de lideranças. O descrédito na coletividade reforça o individualismo nas relações de poder. Assim, a discussão temática possui relevância para refletir a importância das subjetividades coletivas nas práticas de alteridade como campo de promoção da confiança no outro, como semelhante, e na reafirmação da reciprocidade entre indivíduos e sociedade.

Foi possível perceber, no processo de interação e conhecimento entre os líderes entrevistados, a existência de sentimentos de pertencimento imbricados nas práticas sociais, entre eles os quais os construídos pelo e no território, que impulsionam a necessidade de defesa do espaço, e a confiança como resultado da convivência solidária. O território apresenta-se como um elemento que contribui para redefinição da identidade e esta, por sua vez, permite o reordenamento espacial em dialogicidade constante entre sujeito e espaço.

O caráter educativo da liderança no contexto do associativismo, questão abordada neste estudo, é entendido como impacto e resultado das manifestações espontâneas na formação dos sujeitos. Por isso a liderança e o papel social do líder em execução em associações de moradores são manifestações que contribuem para a definição do processo de construção da identidade dos indivíduos na sociedade e garantem a continuidade e permanência do associativismo no cenário urbano.

O associativismo é um elemento corporificado no espaço destinado às associações de moradores, que, em casos específicos, ganham relevância denominativa de conselho no viés da participação, da solidariedade e do estar juntos em movimentos coletivos. Justo por isso, tanto o Conselho de Moradores do bairro da Engomadeira (Comobe), o Conselho de Moradores do Bairro da Estada das Barreiras (Comoba) têm essa denominação na mesma acepção de associação e não perde a essência designada. Já na Associação de Moradores da Mata Escura (Amme) não existe essa denominação.

No que concerne ao problema da pesquisa, cumpre assinalar que, para sua formulação, foi relevante buscar elementos investigativos capazes de subsidiar o

desenvolvimento do trabalho. Eis o problema: Quais os fatores relacionados no processo de identificação dos agentes que definem o papel social da liderança? Assim percebido e enunciado o problema, tornou-se crucial pensar e sistematizar experiências no campo teórico e empírico. Seria ingênuo pretender esgotar o problema. As reflexões críticas que ele suscita, possibilitam análises cuja abertura permite o desdobramento das inferências e considerações.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que analisa as diversas interfaces na construção da discussão problematizada, e tem como objetivos: Investigar os fatores que influenciam na reconstrução da identidade das lideranças atuantes em associações de moradores nos Bairros de Mata Escura, Estrada das Barreiras e Engomadeira. Buscar elementos representativos, classificatórios da identidade mobilizadora dos agentes sociais na condição de liderança desses espaços coletivos. Descrever as características que especificam a liderança, a fim de construir o perfil das formas de ação local.

A perspectiva teórica e metodológica que balizou as discussões e subsidiou as investigações empíricas foi o interacionismo simbólico e a etnometodologia como correntes do pensamento sociológico que fundamentaram análises sobre a identidade da liderança. Dessa maneira, o estudo considera que a categoria identidade é construída de forma dinâmica, ao longo da trajetória de vida dos sujeitos, na interação com o meio e é considerada pelo seu dinamismo e pelo caráter de reconstrução, como processos de identificação. O levantamento das histórias de vida dos sujeitos, líderes que atuam em associações de moradores, foi realizado para a investigação dos fatores que interferem na formação identitária, em tempos remotos, porque contribuíram para a definição do papel social de liderança na conjuntura atual. A memória e identidade foram priorizadas como aspectos relevantes para o estudo. Pretende-se deixar evidente a relação entre sentimentos de pertencimento cultivados nas práticas de solidariedade e o papel de liderança em atuação no território.

A dissertação está estruturada em seis capítulos o primeiro faz a introdução do estudo, apresentando o tema, a justificativa, as motivações para a escolha do objeto de investigação, os objetivos propostos e a pergunta de investigação que intermediou as discussões nos demais capítulos.

O segundo discute os aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa, os procedimentos, as dificuldades empíricas e as simbologias detectadas no campo de

investigação, sendo o interacionismo simbólico e a etnometodologia as correntes do pensamento sociológico e referências fundamentais do presente estudo.

O terceiro capítulo faz contextualização histórica das consequências do capitalismo, do surgimento da modernidade e da desconstrução do paradigma positivista dominante nas ciências humanas, com o desenvolvimento das pesquisas qualitativas no mundo e no Brasil. Mostra que é relevante o trabalho com histórias de vida, como procedimento que permite analisar aspectos da memória e identidade dos sujeitos individuais e coletivos.

No quarto capítulo discute-se a liderança como categoria conceitual construída com base nas investigações empíricas e no trabalho com as histórias de vida. O conceito weberiano de carisma é também considerado na discussão. Pequenos excertos da história de vida das lideranças são apresentados.

O quinto capítulo analisa a construção da identidade e os sentimentos de pertencimento adquiridos com a vivência por tempo significativo em um mesmo local. Discute território e identidade e a importância dessas categorias para a reafirmação do associativismo.

No sexto capítulo o foco da análise é o caráter educativo da liderança em associações de moradores. Procura-se mostrar por que a essência da coletividade consiste na construção da identidade, e, desse modo, permite a permanência do movimento de associações de moradores no território.

2 ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Os aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa permitem a descoberta de formas diferenciadas de visualizar o objeto no campo da investigação empírica. Não se trata de elaborar um discurso epistemológico para a adequação à realidade observada, mas de perceber as manifestações espontâneas a luz de subsídios teóricos. O interacionismo simbólico e a etnometodologia são correntes do pensamento sociológico que ressaltam a busca de informações associada à importância da participação no *locus* de ação. Assim, os processos que desencadearam a construção da identidade da liderança em associações de moradores, na ótica dessas correntes do pensamento, permitiram o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa com prioridade na interação com os sujeitos e na relação face a face.

2.1 O INTERACIONISMO SIMBÓLICO E A ETNOMETODOLOGIA NA COMPREENSÃO DA IDENTIDADE DOS SUJEITOS

O interacionismo simbólico é uma corrente do pensamento sociológico que se originou nos Estados Unidos e ocupou espaço significativo na Escola de Chicago, em meados da década de 1930. Seu principal idealizador, George Mead (1863-1931), tornou-se referência nos meios acadêmicos pelas investigações sobre a formação do *self* (si mesmo). Mead enfatizou as etapas da formação da identidade social dos sujeitos, na qual a interação representa elemento relevante na constituição do processo de identificação. Outros seguidores dessa corrente são: Robert Park (1864–1944), jornalista e sociólogo norte-americano, ensinou Filosofia na Universidade de Harvard e se dedicou ao estudo da situação social do negro e

dos imigrantes. Exerceu influência como professor e orientador de pesquisas; Herbert Blumer (1900-1987), psicólogo social e sociólogo, professor de Sociologia da Universidade de Chicago; Burgess, Ernest Watson (1886-1966) sociólogo, também professor da Universidade de Chicago.

O quadro teórico de referência e análise da teoria social, desenvolvido inicialmente por George Mead, ganha a denominação de interacionismo simbólico. Mead não chegou a publicar escritos sistemáticos sobre a sua teoria. Suas obras póstumas foram organizadas por editores, a partir de palestras, aulas, notas e manuscritos fragmentados. Este referencial de análise da realidade social sofreu mudanças ao longo do tempo, pois redimensionou suas bases filosóficas com autores de correntes diferentes; entretanto, com perspectivas teóricas similares.

Essa corrente do pensamento sociológico, que trata das questões sociais sobre o prisma da interação dos indivíduos nos grupos, tem como fundamento filosófico o pragmatismo de John Dewey (1859–1952), pensador norte-americano que atuou na Escola de Chicago e deu importantes contribuições ao campo da educação, entre as quais destacam-se: a ênfase à necessidade de estabelecer interações entre conhecimento e ação, a construção da autonomia na prática pedagógica, como forma de redefinir o paradigma do individualismo, e a busca de relações humanas com base na cooperação, na ótica da inter-relação entre indivíduos e sociedade, meios e fins, teoria e prática.

A análise dessa corrente de intervenção e investigação parte da realidade do cotidiano dos atores, a fim de construir a compreensão sobre o processo de formação do sujeito no meio. Mead pretendia transformar o pragmatismo em instrumento de intervenção social. Por isso participou plenamente das atividades da Escola de Chicago e promoveu a modificação radical de seus programas acadêmicos, a fim de contribuir para uma educação mais aprimorada do cidadão.

O aporte teórico dessa escola tem a perspectiva de estabelecer relações de conhecimento, aproximação e interação do pesquisador com o objeto, considerando os sujeitos produtos de suas próprias ações e significações. Nessa concepção microsociológica da realidade, a noção de significação têm relação com a ideia de sentido, ou seja, é possível perceber a realidade a partir do *locus* de ação, atribuindo aos sujeitos a construção de suas subjetividades e subjetivações, como produzidas no processo de interação no meio. A esse respeito, Lapassade (2005, p. 24) assinala:

Os interacionistas acreditam que o sentido não é imposto pela cultura, pela sociedade, mas construído pelos atores. A ideia básica é que a “realidade” não é transcendente à atividade dos membros, mas construída ou produzida pelos membros no decorrer de suas interações.

A interação é um princípio que fundamenta o interacionismo e permite que o pesquisador considere a aproximação com os sujeitos, relevante para o trabalho no campo da investigação empírica. Trata-se de priorizar, como perspectiva teórica referencial de análise da investigação, a reconstrução do processo de identificação da liderança. A valorização da subjetivação nas reflexões sobre o estudo proposto faz a análise priorizar a memória do senso comum como significativa. Assim, a liderança é uma representação coletiva e espontânea dos atores sociais que interagem na comunidade, como alternativas do processo de exclusão social. Estas manifestações associativistas dos movimentos urbanos são formas de inclusão dos indivíduos no meio social.

A tradição do paradigma cartesiano reforça a dicotomia entre conhecimento científico e senso comum, sobrepondo o primeiro em relação ao segundo. A ciência é valorizada como verdade absoluta que, embora se aproprie dos elementos que compõem a vida comum, como referência para muitas pesquisas, não os considera como fontes autênticas, pois não mantém a integridade das informações coletadas e adaptam-nas, na maioria das vezes, a seus postulados. Essas adaptações em muitos casos, retiram da pesquisa a originalidade. Trata-se de um procedimento que se mantém como tradição e prevalece em muitas investigações acadêmicas.

É fato que o interacionismo simbólico concebe a formação da identidade do indivíduo na inter-relação com o meio social. Hall (1999) observa que a identidade não é congênita e nem fixa, mas concerne a um processo interativo, histórico, culturalista e etnológico, formado na relação entre eu e o outro, o local e o global, preenchendo espaço entre o interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público, entre os indivíduos e sociedades. É nessa inter-relação que indivíduos (re) afirmam a personalidade, numa comunicação dialógica e dialética entre o mundo pessoal (subjetividade) e o mundo público (objetividade). Sublinha o autor:

O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável

[...] a identidade tornou-se uma celebração móvel formada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados ou interpelados pelos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. (HALL, 1999, p. 12-13)

O caráter processual, provisório e variável é uma das características da formação identitária, razão pela qual há flexibilidades, mudanças e transformações da personalidade do sujeito no contexto socioeconômico e cultural. O meio social constitui um agente de formação, adaptação de múltiplas aprendizagens que acumulamos ao longo da vida. É possível pensar que a identidade mantém o caráter dialógico de (re)construção, porque mudanças significativas acontecem no curso da vida, com novas aprendizagens, quebra de paradigmas para repensar ou problematizar normas sociais aprendidas como verdades, tanto no plano pessoal quanto no coletivo.

Pensadores como Peter Berger e Thomas Luckmann (1985) na obra clássica da sociologia do conhecimento *A construção social da realidade*, fazem importante análise da representação do eu na vida cotidiana, quando focalizam o interacionismo simbólico como uma corrente teórica voltada para a compreensão da realidade social. Os autores retratam a relação existente entre objetividade e subjetividade no campo da ação do sujeito, vista como ação coletiva. A construção da identidade, nessa perspectiva, é formada na interação, que implica o eu e o outro, numa condição não dicotômica, mas complementar. Dessa forma, no que tange à discussão sobre a constituição identitária e a relevância biológica ou histórica, é importante ressaltar que Hall (1999) a define como uma condição histórica e não biológica, enquanto que Berger e Thomas Luckmann (1985, p. 73) consideram a existência dos dois elementos, ao argumentar:

[...] a formação do eu deve também ser compreendida em relação com o contínuo desenvolvimento orgânico e com o processo social, no qual o ambiente natural e o ambiente humano são mediatizados pelos outros significativos.

O desenvolvimento orgânico, no sentido biológico, e a relação com o processo social, na formação da identidade, são aspectos relevantes para compreender que essa construção tem dimensões múltiplas, pois existe imbricada nas relações intrapessoais e intergrupais, ou seja, do sujeito com ele mesmo e do

sujeito com a comunidade ou ambiente espacial ou mesmo território. Essa interação envolve elementos multirreferenciais, que são mediadores na formação da identificação, quais sejam: a matéria orgânica entendida como o corpo e as reações biopsíquicas e espirituais; o espaço social os valores e normas sociais; o político e as relações econômicas e, por último, a dimensão cultural, que constitui a capacidade de os seres humanos transmitirem as interações simbólicas de geração para geração.

Segundo Hall (1999), a identidade é resultado da concepção interativa dos indivíduos e sociedades. Percebe-se esse processo como celebração móvel condicionada às formas como somos representados ou interpelados pelos sistemas culturais em que vivemos. O autor apresenta uma versão de sujeito moderno que emerge a partir das mudanças estruturais no curso da história da humanidade: Reforma Protestante, Renascimento, racionalismo, iluminismo, Revolução Industrial, quando o cidadão individual tornou-se enredado nas maquinarias burocráticas dos aparelhos de Estado.

Entretanto, o modo de produção capitalista, em seu desenvolvimento histórico, vai excluir cada vez mais um grande número de indivíduos, cujo pagamento por sua força de trabalho não lhes permite condições mínimas de sobrevivência. Daí a espoliação que sofrem, é sempre crescente, nos grandes centros urbanos.

Nas circunstâncias estruturais da modernidade associadas à falta de oportunidades dos indivíduos de inserção no meio, o sistema exclui e estigmatiza indivíduos na condição de marginalizados, pois a ausência de condições mínimas de sobrevivência determina a realidade existencial na sociedade em que a “espoliação urbana” é uma realidade para a maioria populacional. Eis como Kowarick (2000, p. 22) a define:

[...] Espoliação urbana é a somatória de extorsões que se opera pela inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo, que juntamente ao acesso a terra e a moradia apresentam-se como socialmente necessários para a reprodução dos trabalhadores e aguçam ainda mais a dilapidação decorrente da exploração do trabalho ou, o que é pior, da falta desta [...] é possível reafirmar que a espoliação urbana está intimamente ligada a acumulação do capital e ao grau de pauperismo dela decorrente.

A definição de espoliação urbana de Kowarick (2000) remete a explicações sobre o processo de precarização em que vivem os indivíduos nas sociedades capitalistas, mais notadamente a dos países periféricos, como o Brasil. Em contraposição a essa realidade dramática de precarização, os sujeitos sentem necessidade de redimensionar as práticas sociais e econômicas como alternativas de enfrentamento e superação da hegemonia capitalista, que os marginalizam e mantêm o processo de exclusão. A estrutura social de negação de oportunidades instiga o surgimento de espaços de mobilização e representação da população. Assim, o associativismo, o cooperativismo e outras formas de mobilização surgem no contexto de busca da sobrevivência e de luta contra a espoliação.

Mas, a despeito da exclusão social, melhor dito, como resposta à miséria que ela significa, o imperativo da sobrevivência gera sentimentos de pertencimento dos indivíduos ao espaço social que compartilham, cria e fortalece laços entre eles, donde a existência do associativismo como forma de mobilização e inclusão, pois, como observa Hall (1999, p. 39), a identidade surge a partir das ausências ou falta de inteireza do ser, que é preenchida na representação do outro, enquanto coletividade.

Desse modo, a identidade percorre “caminhos” que vão do si mesmo, o eu consciente, ao outro e à coletividade em cujo percurso constitui-se à personalidade. Na medida em que se dá a percepção da alteridade (existência do outro) como significativa, ocorre também, nesse processo, a formação do sujeito cognitivo, o que só fortalece a aprendizagem nos grupos sociais.

Na complexidade do mundo contemporâneo, entretanto, verifica-se uma crise que é a da representatividade institucional e grupal, isto é, a noção de coletividade, que implica sentimentos de solidariedade, está cada vez mais rarefeita e muitas vezes é substituída pela chamada realidade virtual. O desenvolvimento da tecnologia da informação afetou a vida das pessoas, com proporções maiores no processo de interação. O encontro entre amigos nas praças públicas, o contato e as relações entre vizinhos e outras situações que implicam aproximação com o outro foram “substituídas” pela conexão a distância nas redes de relacionamentos virtuais. Por outro lado, essa mesma tecnologia veio a ser parte essencial do processo de construção da identificação dos indivíduos, pois ela possibilita nova modalidade de interação, ao formar redes virtuais de contato entre as pessoas.

O interacionismo simbólico e a etnometodologia têm compreensões similares na concepção do sujeito em seu *locus* de ação. Para Coulon (1995), essas correntes se constituem como epistemologias construtivistas, pois ambas consideram o papel desempenhado pelos atores, em seu cotidiano, na construção do processo de interação com o meio. A justificativa para a escolha desses campos teóricos do pensamento científico, como referenciais de análise da liderança, consiste no fato de que um complementa o outro, visto que o interacionismo está centrado na interação e a etnometodologia na valorização da origem. Consideramos, como Bourdieu (2001), que a liberdade metodológica foge da objetividade científica de tradição secular nas pesquisas acadêmicas. Eis o que ele argumenta:

[...] é preciso muitas vezes, para se fazer ciência, evitar as aparências de cientificidade, contradizer mesmo as normas em vigor e desafiar os critérios correntes do rigor científico [...] A verdadeira ciência, na maior parte das vezes, tem má aparência e, para fazer avançar a ciência, é preciso, frequentemente, correr o risco de não se ter todos os sinais anteriores de cientificidade. (BOURDIEU, 2001, p. 42)

As aparências de cientificidade e o rigor acadêmico constituem em pressupostos do legado positivista que muitas pesquisas atendem como absolutos. Busca-se, no entanto, priorizar outras formas de investigação, considerando-as como relevantes para o trabalho científico. Sobre isso, Bourdieu (2001, p. 26), faz a seguinte reflexão crítica:

[...] a liberdade extrema que eu prego, e que me parece ser de bom senso, tem como contrapartida uma extrema vigilância das condições de utilização das técnicas, da sua adequação ao problema posto e as contradições do seu emprego.

Este estudo discute a relevância das metodologias qualitativas e participativas e tem como princípios a interatividade, a cotidianidade, a participação, o engajamento, a observação participante e a história de vida. Princípios que concernem ao interacionismo simbólico, à etnometodologia e à etnografia.

Esse entendimento diverge do modelo estabelecido pelo positivismo, pois o postulado tradicional de que é preciso afastar as pré-noções e os sentimentos do pesquisador em relação ao objeto de pesquisa, deixa de ser relevante epistemologicamente em detrimento do desenvolvimento de estudos que priorizam a

subjetividade, a interação e participação dos sujeitos nas histórias de vida. Trata-se de uma visão micro para chegar a uma compreensão macro, proposta pelos etnométodos: pesquisa-ação, estudo de caso, abordagens fenomenológicas, autobiográficas, observação participante e outros procedimentos que reforçam a pesquisa qualitativa. Escreve Minayo: “[...] a etnometodologia compreende o conjunto de reflexões que se abrigam sob seu próprio nome, além do Interacionismo Simbólico, da história de vida e da história oral”. A autora refere a origem dessa corrente e destaca sua importância no desenvolvimento das pesquisas em ciências humanas:

Seu berço foi a Universidade de Chicago e seu principal arquiteto foi Robert Park, que nas décadas de 20 e 30, preconizava a experiência direta com os atores sociais para a compreensão da sua realidade. Ao mesmo tempo dava um lugar de destaque às suas histórias de vida com um material de excelência para a sociologia. (MINAYO, 1993, p. 52)

O reflexo do capitalismo, na formação do sujeito, é representado nos grupos e instituições e só reforça as relações de poder: na família, na escola, nas corporações militares, em qualquer ambiente de trabalho, e não apenas no âmbito governamental.

A análise que faz Michel Foucault (1979) das relações de poder, sulinha a importância das memórias locais na constituição do saber histórico não legítimo contra a instância teórica unitária, que pretende desqualificá-lo em nome de um conhecimento verdadeiro. Nessa perspectiva, Foucault (1979, p. 161) faz o seguinte registro:

Minha hipótese é que o indivíduo é dado sobre o qual se exerce e se abate o poder. O indivíduo com suas características, sua identidade, fixado a si mesmo, é produto de uma relação de poder que se exerce sobre corpos, multiplicidades, desejos, forças.

A multiplicidade de desejos e forças, a que o autor se refere, pode impulsionar a (re)significação de realidades do contexto macroestrutural, pois representa o desejo e força de mudanças das relações hegemônicas e conseqüentemente a intensificação de práticas contra-hegemônicas. Para ele, “[...] o poder tem que ser analisado como algo que circula, que funciona em cadeia, que se exerce em rede.” (FOUCAULT, 1979, p. 183)

O pressuposto teórico etnometodológico voltado para a compreensão dos processos intencionais e subjetivos da memória individual, e portanto coletiva dos sujeitos comuns, reconhece a realidade a partir do local, ou seja, das manifestações espontâneas dos indivíduos, como um micropoder relevante e representativo da realidade social que foi vivenciada por atores ao longo da vida. Esses elementos representativos precisam ser considerados como subsídio para entender a estrutura global. É preciso partir da análise micro para compreender a macroestrutura societária.

A perspectiva de análise, aqui apresentada, toma como referência a abordagem de Alain Coulon (1995), que contextualiza a trajetória histórica do movimento etnometodológico e prioriza elementos comuns existentes na praticidade da vida. Para o autor, os sujeitos engendram, criam significados práticos que estruturam a vida social, o que é simbolizado na linguagem. Assim:

A etnometodologia vai defender que a atividade científica, sendo elaborada a partir de operações idênticas aquelas utilizadas por atores comuns, é produto de um modo de conhecimento prático que, por si só, tem a possibilidade de se tornar um objeto de pesquisa para a sociologia e ser questionado cientificamente. (COULON, 1995, p. 17)

A liderança constitui fenômeno da racionalidade humana que agrega forças contra-hegemônicas e parte da visão de que o corpo social, manifesto nas identidades e memórias coletivas, transparece nas histórias de vida dos sujeitos. A concepção de racionalidade, neste estudo, tem relação com as formas de viver em sociedade e estão imbricadas com o que é irracional, no sentido de puramente biológico, ou estritamente afetivo. Para Coulon (1995, p. 35), “[...] na sociologia existencial, os indivíduos atuam obedecendo a elementos irracionais e emocionais. São, simultaneamente, livres e predeterminados: são influenciados pelas restrições estruturais e permanecem aptos à mudança.”

Podemos considerar que o interacionismo e a etnometodologia são referenciais teóricos e metodológicos que possuem origens similares, visto que há convergência com ideias dos diversos pensadores que as corporificaram. O interacionismo representa uma filosofia e a etnometodologia constitui um valioso subsídio instrumental de pesquisa empírica. Ambos, por isso, encontram-se articulados neste estudo como fundamento epistemológico. O pensamento que

prioriza abordagens qualitativas, nos meios acadêmicos em geral, é de importância decisiva para a reconstrução de uma história contada por aqueles que protagonizaram o processo histórico. Este enfoque na pesquisa considera, pois, como cruciais: priorizar o conhecimento da vida comum, valorizar as subjetividades, as histórias de vida, a interação dos sujeitos e a memória coletiva das manifestações locais.

2.2 SIMBOLOGIAS NO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

As pesquisas acadêmicas em geral, compreendem a construção de um quadro teórico e metodológico fundamentado a partir de um modelo explicativo e capaz de adequação ao campo de investigação empírica. Assim, esse efeito “de cima para baixo” possui armadilhas e a principal delas é a incompatibilidade da construção teórica sistematizada em relação às observações realizadas. As consequências são conflituosas para o pesquisador e para a pesquisa, que pode ser visualizada na construção do texto sem a participação dos agentes sociais vistos como sujeitos da investigação. A ausência de referenciais empíricos pode sugerir que a construção teórica está distante do conhecimento do senso comum, mesmo em realidades de apropriação de informações em fontes primárias e observações diretas no *locus* pesquisado.

Para evitar a camisa de força em que muitos pesquisadores concebem o conhecimento científico é necessário que haja reflexão crítica na construção do conhecimento, na observação do campo escolhido para a investigação. A escolha da abordagem metodológica adequada ao objeto analisado é fundamental para a construção teórica com relevância e coerência. Nessa perspectiva, a atenção criteriosa e sistemática ao objeto investigado possui relevância teórica e metodológica, considerando o princípio da espontaneidade na relação face a face e nas informações coletadas. A pesquisa em que não existe observação direta, principalmente quando o objeto assim o exige, reforça a preocupação com a veracidade dos dados e informações. Bourdieu (2001) reflete sobre o processo de construção da pesquisa, os limites e desafios da cientificidade e a importância em si do campo de pesquisa, como elementos que permitem o pesquisador pensar

relacionalmente, isto é, estabelecer conexão entre o local investigado e a estrutura social, ao observar:

A noção de campo é em certo sentido uma estenografia conceptual de um modo de construção do objeto que vai comandar ou orientar todas as opções práticas da pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o estudo em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial de suas propriedades [...] é preciso pensar relacionalmente. (BOURDIEU, 2001, p. 28)

Assim, Bourdieu ressalta a importância do campo de investigação de seu *locus* no que concerne aos conhecimentos que necessitam ser explorados. A noção de campo, para o autor, é de “[...] descobertas de um modo de construção do objeto, onde os procedimentos metodológicos precisam ser visualizados como *modus operandi* que orienta e organiza a prática científica.” (BOURDIEU, 2001, p.161)

A escolha do referencial teórico e metodológico, nesta perspectiva de estudo, propõe uma maneira peculiar de olhar, descrever, perceber a pesquisa no campo de investigação e foge da tensão imposta por um referencial teórico elaborado com a finalidade de checar o objeto *in loco*. A inserção do pesquisador, nesta circunstância, é o que lhe permite elaborar análise cuidadosa de seu trabalho. Quanto mais o pesquisador busca estar atento às descobertas da investigação, mais ele delimita e apura a observação de seu objeto.

O estudo sobre a liderança em associações de moradores é uma construção teórica que considera os saberes locais significativos para a compreensão dessa categoria, razão pela qual dá grande importância ao campo de investigação. Este possui simbologias específicas e é considerado revelador de saberes materiais e imateriais. Daí, o fato de que remete, para sua apreensão, a princípios interacionistas, etnometodológicos e etnográficos.

As abordagens qualitativas consideram o conhecimento do senso comum, como subsídio, para a construção teórica e epistemológica, na medida em que os cenários explorados revelam saberes importantes que se traduzem em compreensões fundamentais para o estudo. A relevância do conhecimento do senso comum constitui, assim, o diferencial da pesquisa etnográfica associada à interação, aproximação e participação com os sujeitos da pesquisa. Para as investigações que trabalham com memória e identidade coletivas é fundamental a utilização de

histórias de vida. A luz desse entendimento, portanto, possuem alta relevância todos os aspectos, humanos e materiais que compõem o cenário explorado. O campo de observação se apresenta, nessa perspectiva, como espaço de busca de conhecimento e interação com os sujeitos, além da significação na coleta de informações pertinentes, como assinala Lévi-Strauss (1985, p. 397):

O homem não se contenta em conhecer; conhecendo, mais ele vê a si mesmo conhecedor e o objetivo verdadeiro da sua pesquisa torna-se um pouco mais, cada dia, este par indissolúvel formado por uma humanidade que transforma o mundo e que se autotransforma no curso de suas operações.

O par indissolúvel entre pesquisador e pesquisa de Lévi-Strauss (1985) se refere ao processo de interação estabelecido como princípio que fundamenta a abordagem, pois a pesquisa está voltada, de maneira geral, para coletar dados, interpretar fontes empíricas, inferir análises latentes e ocultas, adentrar a subjetividade, interagir com os sujeitos e oferecer contribuições, a partir do estudo proposto. A dimensão intersubjetiva é crucial para as ciências humanas.

Ao referir sobre trabalho de campo e seus efeitos, é necessário mencionar a contribuição de Malinowski (1978), que sublinhou a importância do “olhar” diferenciado nas investigações científicas. Para Malinowski (1978), o pesquisador precisa de disponibilidade, compromisso com a investigação, sem perder a lucidez, ou seja, não deixar envolver-se sentimentalmente e comprometer as interpretações sobre o objeto estudado. Por outro lado, o caráter subjetivo das vivências do pesquisador no campo da pesquisa é importante como fonte e coleta de informações e contribui para a aproximação na realidade observada. Para tanto, inserir, coletar, inferir com interpretações pertinentes, conviver, participar, entender a realidade e colocar-se como o outro significa, também, ser capaz de pensar teoricamente como pesquisador. Esse enfoque antropológico na construção das teorias acadêmicas, principalmente no campo da educação, aponta para uma multiculturalidade subjacente à edificação das ciências sociais e humanas.

Os aspectos simbólicos do senso comum constituem um aporte valioso para a compreensão dos saberes locais, na medida em que, analisados, são pertinentes à construção de análises globais, nesse percurso, das microestruturas para chegar à macroestrutura. Assim, as interpretações macroestruturais nas pesquisas acadêmicas em geral perdem a predominância em virtude do desenvolvimento de

alternativas de construções teóricas com perspectivas etnometodológicas e interacionistas, pois estas correntes ganham relevância na reafirmação dos sujeitos em sua cultura.

O conceito de cultura, importante para a análise interacionista e etnometodológica, tal como foi exposto por Geertz (1989), concerne a uma visão sincrônica do local como valor singular cabível de ser interpretado e compreendido com rigor científico. As análises diacrônicas, macroestruturais e dedutivas perdem predominância nas investigações em consequência do crescimento significativo de estudos que adotam referências teóricoqualitativas. Procedimentos metodológicos que permitem interação com os sujeitos da pesquisa podem ser considerados um contravalor para aqueles que defendem a necessidade de adotar a neutralidade e o distanciamento em relação a tais sujeitos.

A inserção como participante das manifestações espontâneas de uma determinada cultura permite o envolvimento afetivo a fim de buscar informações seguras e respaldadas no *locus* da pesquisa, de tal modo que é possível empatizar com os sujeitos investigados, isto é, coloca-se como o outro em seu lugar, entender seus papéis naquele contexto.

Não por outro motivo, as representações simbólicas são compreendidas na dimensão do local em relação ao global. A etnografia como recurso metodológico permite aprender tanto o local da cultura quanto o global da estrutura. De acordo com Geertz (1989, p. 21-24), “[...] a cultura (está localizada) na mente e no coração dos homens [...] compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade, sem reduzir a sua particularidade.”

A inserção no campo de pesquisa com as associações de moradores dos bairros da Engomadeira, Estrada das Barreiras e Mata Escura foi uma experiência rica porque o contato direto com as lideranças possibilitou entender a dinâmica e a operacionalização dos espaços coletivos, bem como a atuação dos agentes sociais no papel que executam em cada comunidade de origem. As histórias de vida efetivadas como procedimento metodológico, permitiram recuperar a memória e reconhecer a identidade dos sujeitos na relação de interface do presente e passado vivenciados entre os sujeitos da pesquisa. O que se percebeu foi a vivenciação do etnométodo, sua aplicação a esses sujeitos para iluminar o que viveram e vivem como pessoas socialmente excluídas.

Podemos considerar que estamos tratando de uma “etnobiografia”, isto é, a realização do trabalho com histórias de vida associado à participação, inserção e interação no campo subjetivo dos atores, o que remete à memória e à identidade de cada sujeito das comunidades estudadas.

A participação na dinâmica das associações em momentos importantes para entender seu funcionamento, como os das assembleias, reuniões e eventos recreativos, deu significado à investigação. Trata-se de uma orientação metodológica em tudo e por tudo diferente da de pesquisadores que se inserem nos bairros populares para coletar informações nas instâncias organizacionais e institucionais e não retribuem o conhecimento que produziram a população local. Essa atitude é não só negativa, preconceituosa e excludente, como impossibilita a relação entre o conhecimento científico e o senso comum.

A inserção e interação nas associações de moradores para a observação do cotidiano, na atuação da liderança, tiveram importância-chave na fundamentação, análises e reflexões deste estudo. As relações de aproximação com os grupos garantiram informações concretas, pois a presença nesses espaços facilitou entender os discursos, as falas informais, que possibilitaram a compreensão do processo que envolve a atuação desses agentes sociais. A esse respeito, como assinala (GEERTZ, 1989, p. 15), “[...] praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campo e manter um diário. Esses instrumentos de coleta e análise associados à intenção de realizar levantamento com histórias de vida delimitam uma prática etnobiográfica. É importante destacar, como resultado do processo de interação com os líderes, o convite formal ao Conselho de Moradores da Engomadeira, para inteirar-se da associação e dela participar, o que deu transparência e legitimidade ao trabalho de campo.

O estudo sobre a liderança em associações de moradores tem por objetivo focalizar os aspectos, entre os quais o da subjetividade, que contribuem para a formação dos processos de identificação dos líderes. A subjetividade representa dimensão importante para o desenvolvimento do estudo e tem relevância para a pesquisa que prioriza o contato direto, pois perceber a singularidade do indivíduo comum possui riqueza de informações que precisa ser considerada.

A pesquisa que prioriza a abordagem qualitativa não postula a certeza de conclusões e considerações fechadas, visto que propicia o diálogo com diferentes

pesquisadores e mesmo sugere outros desdobramentos e outras vertentes do objeto investigado. A subjetividade do pesquisador no campo de pesquisa é diferente da de outros atores sociais no contexto, pois tem ele uma visão crítica da investigação proposta, por mais que esteja envolvido afetivamente com o seu objeto. Para (CARDOSO, 1986, p. 102), “O pesquisador se envolve completamente e por isso seus valores, sua visão de mundo deixam de ser obstáculos e passam a ser condição para compreender as diferenças [...]”.

No caso do envolvimento subjetivo do pesquisador com a realidade de um campo local específico, como micropoder, possibilita compreender a dimensão macroestrutural. Para Haguette (2005, p. 19), a pesquisa qualitativa teve um desenvolvimento notável no século XX, o que gerou discussões importantes. Eis o que sublinha:

A grande questão que se coloca hoje, para o cientista social, especialmente nos países periféricos onde sua atuação se aproxima com mais violência das consequências do exacerbado poder de poucos sobre muitos, não é, a nosso ver, o domínio dos métodos e técnicas da pesquisa social, mas o escrutínio de sua própria visão de mundo, pré-requisito fundamental daquilo que dela decorre, a atividade do analista do real, de intérprete das experiências alheias e de protagonista que lhe parecerão necessários. (HAGUETTE, 2005, p. 19)

O analista do real, que Haguette (2005) retrata, possui visão diferente da de muitos outros analistas, que se apropriam da realidade com a leitura ou com os meios de comunicação ou outras fontes. Existem diferenças consideráveis quanto a apreensão da realidade por parte de quem vivencia, por exemplo, as desigualdades sociais e de quem só se limita à utilização das fontes primárias e secundárias.

2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As etapas para a realização do trabalho de campo foram planejadas com antecedência, o que possibilitou organizar os critérios que delimitaram a observação. A primeira etapa, a observação do objeto de pesquisa, visou a estabelecer aproximação e interação com os atores, as lideranças, o que permitiu perceber a

dinâmica e operacionalização das associações a fim de estabelecer vínculos de aproximação e confiança com os sujeitos. A segunda etapa tornou possível a relação face a face e a realização de entrevistas gravadas, para coletar informações pertinentes aos relatos das histórias de vida. Essas duas etapas foram fundamentais para a simbologia da investigação, porque, como observa (COULON, 1995, p. 28), “[...] é preciso que o pesquisador perceba o mundo do ator, a fim de poder identificar e compreender suas ações.”

As entrevistas foram realizadas de forma espontânea, com relatos abertos, sem interferências, pois o critério, apesar dos objetivos previstos, era não estabelecer critérios. Essa estratégia é importante para o trabalho com histórias de vida porque suscita o aparecimento das vivências afetivas, sendo necessária a relação de aproximação, respeito e confiança mútua.

As entrevistas tinham por objetivo buscar informações concernentes às fases de desenvolvimento dos sujeitos (infância, juventude e maturidade), bem como sobre a atuação das lideranças nas associações de moradores. A linha do tempo foi construída com esses atores, de modo a organizar os momentos significativos para a existência individual e coletiva.

A escuta atenta à fala dos sujeitos da pesquisa foi fundamental para a aquisição de conhecimentos sobre os aspectos relevantes e peculiares de suas histórias de vida. A relação dos fatores vivenciados, em tempos remotos, e a conjuntura atual permitiram perceber os limites e avanços do trabalho desenvolvido na interface do associativismo, bem como o envolvimento comunitário de cada líder no seu território de atuação.

O processo de interação no campo da pesquisa empírica foi construído com a aquiescência dos líderes, os quais foram os sujeitos do estudo. Houve interesse entre eles em disponibilizar tempo para compartilhar momentos de relatos. Alguns conteúdos não foram aproveitados, pois não havia relação com o objeto, mas foram pertinentes para o conhecimento aprofundado do senso comum. Dos conteúdos retirados, destacam-se: acontecimentos no bairro e da vida, problemas financeiros, familiares e relações pessoais.

As entrevistas foram registradas com instrumentos de gravação, tendo sido possível a manutenção de um diário de bordo, como procedimento importante de documentação das observações realizadas.

2.4 DIFICULDADES EMPÍRICAS DETECTADAS NO CAMPO DA INVESTIGAÇÃO

A fase preliminar da investigação consistiu em uma sondagem das associações existentes nos bairros da Engomadeira, Estrada das Barreiras e Mata Escura. Uma das lideranças de uma das localidades foi contactada, mas recusou disponibilizar informações. Essa recusa pode ser compreendida como consequência da relação construída entre pesquisadores acadêmicos e a comunidade. Muitos estudantes, com a intenção apenas de coletar informações, desenvolvem pesquisas em linhas similares cujos resultados não chegam ao conhecimento dos sujeitos pesquisados. A relação entre comunidade e universidade é conflituosa e foi assim caracterizada por um dos líderes: “Esses estudantes chegam aqui, colhem as informações e saem, deixando nós com nossas dificuldades e ainda falam mal”.

Tornou-se então eticamente imperioso reconquistar o espaço de credibilidade acadêmica junto a essas comunidades.

O legado que temos ora implícito, ora explícito nas práticas acadêmicas de um modo geral, de que é preciso neutralizar a relação com os sujeitos pesquisados e limitar-se à coleta de dados e informações, não só frustra esses sujeitos como converte em espaço de fria manipulação o cenário em que eles atuam. Em consequência, reforça o preconceito segundo o qual o conhecimento do senso comum é inferior ao conhecimento científico, e a este deve servir.

Outro problema que cumpre referir é a existência do narcotráfico nesses bairros, o que dificultou a realização da pesquisa. Os moradores sentem-se coagidos na liberdade de transitar com segurança. Um morador da Engomadeira, polo de concentração do tráfico de drogas, assim se expressa a respeito do poder dos bandidos na comunidade: “Eles são muito desconfiados, até telefone não podemos atender, podem pensar que estamos denunciando...”

Trata-se de um problema que limita o desenvolvimento das ações da associação e do processo de investigação deste estudo, e chegou mesmo a coibir o trabalho desta pesquisa quanto ao conhecimento das delimitações territoriais do bairro, embora não tenha dificultado a discussão do objeto de estudo.

3 O INDIVIDUAL E O COLETIVO NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E IDENTIDADE

A consolidação do paradigma da modernidade e o modo de produção capitalista proporcionaram avanços significativos da ciência e da tecnologia, com reflexos nas relações sociais entre indivíduos e sociedades. O processo de acumulação do capital desordenou as sociedades na forma de estratificação em classes e legitimou as formas hierárquicas de poder. A divisão simbólica piramidal, representada no ápice entre os que mais possuem bens materiais, na base os que menos possuem e aqueles que são desprovidos constitui a realidade que categoriza a população entre os incluídos dos direitos sociais básicos e os excluídos socialmente. Para tanto, as ciências exatas e naturais ganharam relevância por causa do desenvolvimento de técnicas de produção e das descobertas científicas, com benefícios na elevação da expectativa de vida da população.

As ciências humanas, no curso desse progresso científico e tecnológico, foram submetidas às noções do quantificável; as pesquisas sociológicas, por sua vez, adotaram metodologias de observação a partir de postulados positivistas. Em consequência, foram silenciadas as vozes das subjetividades subjacentes às culturas e se manifestavam em diferentes locais do planeta.

Dessa maneira, na configuração da modernidade, elementos como espaço, tempo e lugar são divergentes diante do contexto estrutural de homogeneização institucional, busca de produção, acumulação do capital e utilização de mão de obra como mercadoria. Assim visto e tratado, o ser humano torna-se vulnerável quando lhe são retirados os referenciais importantes para a convivência comunitária. As relações entre indivíduos e o contato entre as pessoas ficam comprometidos nas ausências e distâncias comuns do dia a dia, nas rotinas diárias do mundo capitalista pragmático. Giddens (1991, p. 27), ao abordar essa questão, afirma: “O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações

sobre outros 'ausentes', localmente distantes de qualquer situação dada ou interação 'face a face'" [...]

As categorias espaço, tempo e lugar são analisadas por Giddens (1991) nas condições de modernidade como dissociadas. A padronização em escala mundial dos calendários e a invenção do relógio são instrumentos de mensuração que permitem o deslocamento no tempo e no espaço, diferentemente da dinâmica pré-moderna, a qual estava vinculada à ordem das ocupações que se regulavam segundo o curso da natureza. Escreve Giddens (1991, p. 25-26):

Todas as culturas pré-modernas possuíam maneiras de calcular o tempo. O calendário, por exemplo, foi uma característica tão distintiva dos estados agrários quanto a invenção da escrita. Mas o cálculo do tempo que constituía a base da vida cotidiana, certamente para a maioria da população, sempre vinculou tempo e lugar, e era geralmente impreciso e variável. Ninguém poderia dizer a hora do dia sem referência a outros marcadores socioespaciais: "quando" era quase, universalmente, ou conectado a "onde" ou identificado por ocorrências naturais regulares. A invenção do relógio mecânico e sua difusão entre virtualmente todos os membros da população (um fenômeno que data dos primórdios do final do século XVIII) foram de significação-chave na separação entre o tempo e o espaço.

Assim, o processo histórico da modernidade e a consolidação do modo de produção capitalista proporcionaram a dissociação das categorias tempo, espaço e lugar, pois na Idade Média o local estava associado ao território, onde as interações eram construídas. Nas estruturas modernas, com a institucionalização, os espaços de relações foram unificados e os instrumentos de mensuração (GIDDENS, 1991) projetados na lógica do ideário capitalista. Isto quer dizer que o sujeito, antes da modernidade, produzia bens de consumo no mesmo local em que se mantinham as relações familiares; o tempo era livre e a referência era a cultura local. Na sociedade moderna, passa a se deslocar de sua residência para ocupar, na fábrica, uma função cujos horários são determinados pela organização em que trabalha.

Ora, com o tempo institucionalizado, o cumprimento dos horários para as atividades diárias (acordar, fazer refeições, dormir etc.) permite o processo de homogeneização dos comportamentos individuais. Dessa forma, "[...] o local oculta as relações que determinam a sua natureza". (GIDDENS, 1991, p. 27) O tempo, nessas circunstâncias, é utilitarista, pois está voltado para a realização de atividades consideradas "úteis" do ponto de vista da produção.

Em face dessa realidade, as ciências humanas – a sociologia, a psicologia social e a antropologia – começam a fazer achados significativos em seus domínios de investigação, ao privilegiar a atenção no modo de vida das culturas locais.

Dessa maneira nas décadas de 1920 e 30 surgiu, nos Estados Unidos, na Escola de Chicago, um movimento significativo que enfatiza a importância das pesquisas sociais com o objetivo de retratar a realidade a partir do contato direto com os sujeitos.

As pesquisas qualitativas se desenvolveram no Brasil e no mundo e conquistaram espaço nos meios acadêmicos com relevância nas histórias de vida destinadas a priorizar o registro da memória, que produz efeito capaz de articular espaço e tempo, na medida em que o diálogo e a interação com os sujeitos remetem a realidades vivenciadas no passado remoto. É possível visualizar estes elementos simbólicos congregados nas passagens dos acontecimentos relatados, pois o sujeito exercitou a memória histórica que contribuiu para a reconstrução de sua identidade.

Assim, as correntes do pensamento, ao reforçar a importância das subjetividades, passam a ser referências nas investigações. A ênfase em procedimentos metodológicos que priorizam a interação e a relação face a face são representativos e fazem das pesquisas análises construtivistas da realidade social. Nessa perspectiva, as abordagens qualitativas ganham espaço cada vez maior e reafirmam sua autonomia teórica e epistemológica.

Essas abordagens que valorizam a subjetividade como aspecto crucial na pesquisa desenvolveram-se de modo significativo, principalmente no campo da educação, com tendência fortemente associada à formação de professores. Eis o que assinala Souza (2008, p. 33), sobre o avanço das pesquisas autobiográficas no Brasil:

Ao se propor examinar as produções apresentadas nos congressos de pesquisa (auto) biográfica no Brasil, busca-se sugerir indagações que ajudem na construção de novos modos de trabalho e na validação dos já existentes.

A construção de novos modos de trabalho que Souza refere tem estreita relação com os métodos que focalizam o sujeito como elemento fundamental das pesquisas e a relevância da subjetividade como aspecto que favorece o desenvolvimento das investigações qualitativas no Brasil.

A ênfase da pesquisa qualitativa e seu reconhecimento nos meios acadêmicos consolidaram espaços de discussão, ao priorizar aspectos peculiares da subjetividade com efeito, as histórias de vida constituem instrumento para abordar a memória individual e coletiva na (re)construção da identidade, entendida, nesse estudo, como processo de identificação.

O trabalho com histórias de vida pode ser considerado método qualitativo de análise que possibilita a descoberta da memória e identidade no percurso e trajetória dos sujeitos, pois enfatiza momentos importantes que contribuíram para a formação de indivíduos e coletividades. Torna-se relevante entender as vivências e acontecimentos históricos dos colaboradores que se submetem a entrevistas, pois são considerados testemunhos vivos do processo contextual da investigação. A possibilidade de sistematizar histórias de vida representa, para o pesquisador, momento crucial de descobertas empíricas. Debet (1986) assim enfatiza as vantagens da utilização desse instrumental de análise na produção de uma documentação alternativa à historiografia oficial:

Os métodos qualitativos de análise, entre os quais a história de vida ocupa um lugar proeminente, tem aumentado cada vez mais seu prestígio [...] As vantagens desse instrumental são expressas através da abertura de dois campos de problemas [...]: o primeiro desses campos aparece como especialmente relevante quando se tem em vista a produção de uma nova documentação. Por um lado, quando as pesquisas se voltam para as classes populares, trata-se de mostrar a importância de uma documentação que se constitua num ponto de vista alternativo à documentação oficial. (DEBET, 1986, p. 141)

As relevâncias das histórias de vida são analisadas por ele como procedimento que fundamenta as intenções da pesquisa qualitativa, principalmente quando o objeto está voltado para as classes populares. Trata-se “[...] de incorporar à história oficial a versão que os oprimidos e desprivilegiados têm dos grandes e dos pequenos acontecimentos”. (DEBET, 1986, p. 141)

As inferências realizadas através da interação face a face com os sujeitos da pesquisa constituem fonte rica de informações historiografadas pelo pesquisador, pois envolvem acontecimentos do ponto de vista das relações de gênero, étnicas e classe social, e incluem os da conjuntura política e econômica.

Por isso, Debet (1986, p. 142) enfatiza que “[...] a razão alegada para a utilização desse instrumental reside do fato dele possibilitar o estabelecimento de

uma conversação ou um diálogo entre informantes e analistas” À luz dessa perspectiva, as histórias de vida permitem investigar os fatores do passado remoto que contribuíram para a formação identitária dos sujeitos na contemporaneidade e possuem representação social de sua identidade coletiva, ao estabelecer seu processo de emergência como líderes em associações de moradores.

A memória, como fenômeno social de construção coletiva, é estudada por Halbwachs (1990) na relação dialógica entre o indivíduo e coletividade, pois, em sua individualidade, ela está intimamente relacionada ao corpo social. O percurso do sujeito na coletividade é susceptível de mudanças porque a simbologia do lugar ocupado representa a transitoriedade das relações afetivas. O lugar muda assim como as relações entre indivíduos e coletividades. Observa Halbwachs (1990, p. 51):

[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar muda segundo as relações que mantenho com outros meios. [...] Todavia, quando tentamos explicar essa diversidade voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social.

Ao tratar de questões concernentes à subjetivação como aspecto ligado à interpretação do sujeito na coletividade, Halbwachs (1990) afirma que a instância do individual é uma construção social. Essa premissa desconstrói teoricamente a predominância estruturalista e macrossocial para a explicação da realidade. Para a análise estrutural, a instância do social determina a formação individual. Halbwachs (1990, p. 53) admite que existem, para as lembranças,

[...] duas maneiras de se organizar e que possam ora se agrupar em torno de uma pessoa definida, que as considere do seu ponto de vista, ora distribuir-se no interior de uma sociedade grande ou pequena, de que elas são outras tantas imagens parciais.

Os diálogos mantidos com os líderes de associações de moradores foram fundamentais para retomar os acontecimentos da memória desses atores nas histórias de suas vidas contadas de forma espontânea. Os relatos das pessoas entrevistadas, neste estudo, retratam acontecimentos marcados por experiências de lutas sociais e inserção comunitária construída nas etapas de socialização primária e

secundária. As histórias das lideranças revelaram a representação de sujeitos considerados minorias em termos étnicos, de gênero e de estratificação social em conjunturas de preconceitos diversos.

A busca das origens dos sujeitos nas estruturas sociais faz refletir sobre a construção de sua identidade no mundo contemporâneo. Justo por isso, torna-se relevante a utilização de referenciais teóricos alternativos que valorizam o conhecimento do senso comum e a relação interativa com os sujeitos da pesquisa.

A opção da escolha do objeto de estudo e os referenciais teóricos utilizados têm coerência epistemológica, pois a liderança nos bairros populares apresenta-se como manifestação espontânea que requer a compreensão de seu discurso real, à luz da etnometodologia e do interacionismo. Cardoso (1986), ao refletir sobre a possibilidade de adequação do objeto aos referenciais metodológicos nas investigações sobre classes populares afirma:

Em quase todos os temas que despertaram interesses nos últimos anos (movimentos sociais, participação política, estudo de bairros periféricos, conjuntos habitacionais, etc.) os cientistas sociais estão envolvidos em projetos que supõem a utilização de entrevistas longas e amplas convivências com os informantes [...] é uma espécie de volta ao significado do seu estado puro ao discurso “real” que deve permitir descobrir novos sentidos não previstos pelas análises macroestruturais. (CARDOSO, 1986, p. 97)

A descoberta de novos sentidos, aos quais se refere, está associada à emoção de falar da própria vida, relembrar situações que aconteceram e que foram significativas para a existência individual e coletiva. Para Halbwachs (1990), lembrar o passado implica fazer apelo às lembranças de outros, pois essas referências existem de forma externa, fixadas pela sociedade. Sentimos e pensamos nos limites de um tempo real: interior e exterior, pessoal e coletivo; limites estes que não são os mesmos para todos na sociedade. Halbwachs (1990, p. 55) refere-se duas memórias,

[...] que chamaríamos, se o quisermos, a uma interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte de uma história em geral.

Dessa maneira, a discussão no campo da formação identitária está relacionada com a existência da identidade tanto no plano pessoal quanto no da identidade social. A identidade pessoal é a identidade autobiográfica, e a social, a histórica.

As histórias de vida permitem sistematizar os acontecimentos do tempo remoto na configuração atual quando a memória e a identidade se revelam como pessoal e histórica. Ao retratar a memória, como perspectiva de estudo, o tempo individual e o coletivo são transportados para os depoimentos, que ganham riqueza, pois tratam no mesmo texto de uma multiplicidade de questões envolvidas: a vida pessoal, o contexto social e histórico. As inferências retiradas nessa intersubjetividade estão relacionadas aos aspectos emocionais, que concernem à vida das pessoas, e aos sociais, que são os fatos históricos vivenciados. Ambos representam a configuração do processo de identificação dos sujeitos.

Sublinhar a relevância das histórias de vida na pesquisa é fundamental para compreender que um trabalho assim requer compromisso social com os sujeitos envolvidos, o que significa tratá-los como pessoas, e não como coisas.

4 A LIDERANÇA NAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES EM SALVADOR

O aumento da pobreza e o processo acelerado de urbanização das cidades contribuem para a formação de núcleos periféricos, o que é concomitante ao crescimento populacional. Na cidade de Salvador, uma parcela significativa da população convive com a segregação do ponto de vista socioeconômico, e nessa realidade as associações de moradores surgem como movimentos urbanos que se valem de estratégias de mobilização e luta pela sobrevivência. Dessa maneira, a liderança na realidade do associativismo é uma manifestação espontânea, constitui prática social racional e legítima dos sujeitos nos bairros populares e representação de sentimentos de solidariedade através de ações pontuais e contínuas na busca da sobrevivência negada na sociedade.

4.1 PERFIL DE UMA CIDADE SEGREGADA E CENÁRIO REPRESENTATIVO DAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES

Salvador é um grande centro urbano de desigualdades sociais do ponto de vista das relações étnicas, gênero e estratificação social. A percepção dessas relações, nos territórios delimitados para o estudo, foi possível no contato com as pessoas e nas histórias contadas, quando ouvir era ato espontâneo, sem critérios e demarcações. É visível a condição de miserabilidade de muitos residentes, em consequência, entre outras, da precariedade de habitação, do desemprego, subemprego, da falta de perspectiva de inserção e continuidade na escolarização. Trata-se de uma realidade dramática e, o que é muito preocupante, com o crescimento desses indicadores sociais. Assinala Garcia (2006, p. 6), que “[...] Salvador é uma cidade que apresenta em termos absolutos e percentuais a menor

taxa de evolução dos indicadores sociais entre as 12 maiores capitais do país”. Esse cenário de diferenças sociais está associado à história política e econômica do Brasil, que, ao longo de mais de trezentos anos, escravizou, segregou, oprimiu, discriminou e excluiu povos afrodescendentes e aborígenes, que contribuíram para a formação da sociedade brasileira e soteropolitana.

O grau de pobreza da capital baiana é alto em relação às demais capitais brasileiras, e a distribuição de renda é uma das piores do país. Do ponto de vista econômico, a população soteropolitana sofre as consequências da desigualdade, que gera a exclusão social. É possível caracterizar Salvador a partir dessa realidade, na qual persiste uma profunda crise social de pobreza, desemprego e com a menor distribuição de renda do país. É ainda Garcia (2006, p. 38), que observa:

Também a pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, divulgada em 02/03/2001 sobre Salvador, confirma o grau de pobreza da capital, que apresenta a menor renda familiar e *per capita* entre as 12 maiores capitais brasileiras. De acordo com essa pesquisa, Salvador está em último lugar na distribuição de renda, mesmo em relação a capitais do Norte e Nordeste.

Salvador constitui um aglomerado urbano, onde dificilmente não existem ruelas estreitas, vielas com casas desordenadas, construídas em encostas, locais inadequados porque íngremes para a construção arquitetônica, o que constitui séria ameaça à vida das pessoas, principalmente no inverno, quando as chuvas são constantes e a estrutura do solo não resiste a enxurradas. Essa realidade é parte essencial do processo de segregação socioeconômica, em que viveu historicamente o povo soteropolitano. À medida que demograficamente crescem as estratificações médias e média-alta, a população é deslocada para os locais periféricos. Essa população forma, então, o que denominamos categoria de excluídos dos direitos básicos a sobrevivência. São designados como “classe popular” e moram em bairros que denominam também de “populares”. É no âmbito deste cenário urbano, especificamente nestes bairros, que estão instaladas as associações de moradores, as quais possuem representatividade na luta por seus direitos sociais. São espaços de reivindicações referentes à infraestrutura do bairro e oferecem ações que visam à promoção humana da comunidade, como cursos profissionalizantes e de formação pessoal, Escola de Educação Infantil, oficinas, além de serviços gratuitos para fornecimento de cédula de identidade, comprovação de residência etc.

Nestes espaços atuam as lideranças como manifestação espontânea dos atores sociais, que se identificam e são identificados na comunidade através dos sentimentos de pertencimento que possuem, como: alteridade, solidariedade e reciprocidade. Podemos incluir os sentimentos ligados ao território a partir da convivência em tempo significativo no mesmo espaço geossocial. As práticas de liderança associadas aos sentimentos de pertencimento são construções advindas de um processo remoto de convívio, na história de vida dessa população. Essa questão será focalizada no tópico a seguir.

4.2 LIDERANÇA E ASSOCIATIVISMO: FATORES QUE JUSTIFICAM

Esta discussão pretende encontrar, tanto nas histórias de vida quanto na memória e identidade, elementos que explicam a existência da liderança como manifestação espontânea e respaldar a importância dessas práticas em espaços coletivos de mobilização na sociedade. Trata-se fundamentalmente de encontrar explicações sobre a gênese da atuação comunitária, de mobilização e aglutinação associativista de lideranças no processo de construção da identidade no percurso de suas vidas. Eis a pergunta-chave: Quais os fatores relacionados no processo de identificação dos agentes que definem o papel social da liderança?

O estudo sobre a liderança em associações de moradores nos bairros populares de Salvador tem a perspectiva de associar as práticas sociais dos líderes com os sentimentos de pertencimento existentes. O processo de identificação destes agentes comunitários, que exercem papel social de liderança onde residem, foi construído em suas histórias de vida. A relação entre processos de construção e reconstrução da identidade e sentimentos de pertencimento evidenciou-se na trajetória de vida desses líderes, conforme pesquisa realizada no período de 2007 a 2009. A memória e identidade dos atores sociais são retratadas como campos que revelam a existência da alteridade, solidariedade e reciprocidade, bem como o associativismo como representação de atuação da liderança no território delimitado. As associações de moradores pesquisadas são: Conselho de Moradores do bairro da Engomadeira (Comobe); Conselho de Moradores da Estrada das Barreiras

(Comoba) e Associação de Moradores do bairro da Mata Escura (Amme), com as respectivas lideranças.

A liderança vista como caráter processual, interativa dos atores sociais e coletividades, é um movimento dialógico ligado à construção e reconstrução da identidade individual e coletiva. Assim, a identidade se dá no percurso de vida dos sujeitos de forma espontânea e a identificação dos que emergem como líderes é representada a partir da atuação em associações de moradores locais, no exercício desse papel social e público na comunidade. O caráter interativo da identidade é definido como a capacidade natural de conviver com o outro, e nessa convivência é possível a aprendizagem de valores e normas sociais originados dessa relação cotidiana e cuja observância é altamente significativa.

Na conjuntura atual do capitalismo globalizado, cada vez mais acumulativo e excludente, percebemos a importância da convivência coletiva, que se contrapõe ao individualismo exacerbado “de cada um por si”. Dessa maneira, o processo de interação entre indivíduos na sociedade contemporânea tende a se dificultar por causa de problemáticas sociais que historicamente só tem proporcionado distanciamento nas relações entre sujeitos, além de contribuir para a formação de gerações marginalizadas e excluídas socialmente. A conjuntura de desigualdades traz consequências que atingem a todos: os mais atingidos, que são a grande maioria, vivem excluídos das condições de sobrevivência; os demais vivem aterrorizados pela criminalidade onipresente.

Na realidade cruel de segregação socioeconômica existem formas de violência que ameaçam diariamente a vida da população e impossibilitam o trânsito livre de pessoas nas vias públicas. As moradias, protegidas por grades, são verdadeiras gaiolas, que permitem alguma segurança e afastam cada vez mais as relações entre indivíduos na sociedade. A conjuntura social de violências de todo tipo gerou a ausência de confiança no próprio semelhante, o que compromete e pode comprometer ainda mais as intenções de trabalho de intervenção social, isto é, a atuação de pessoas e organizações no território delimitado. Para Reis (2000), a situação social caracterizada pela criminalidade, pobreza e desigualdades fortalece a discriminação, o medo de utilizar os espaços públicos e de interagir com o outro, contribuindo para o aumento das distâncias entre as pessoas na sociedade:

Embora as relações entre a criminalidade generalizada e a extrema pobreza e desigualdade não sejam ainda bem compreendidas, o efeito conjunto desses três fatores tem sido fortalecer a discriminação baseada na etnia e na classe. A própria ampliação das distâncias sociais provoca o medo das pessoas de utilizar o espaço público e causa a sua retirada para a privacidade, levando-as a evitar toda a interação social fora do seu círculo mais próximo. Essa dinâmica não contribui apenas para o aumento das distâncias entre as classes; ela também explica a cultura generalizada do medo que permeia o conjunto da sociedade. (REIS, 2000, p. 42)

Embora interagir com o outro no espaço público seja considerado, na conjuntura atual, uma prática pouco comum, as lideranças focalizadas, neste estudo, conseguem dialogar com muitas pessoas em diversas instâncias, o que constitui um fato singular.

No contato com as comunidades pesquisadas foi possível perceber que, em determinadas ruas, as pessoas, apesar de testemunhar a violência urbana, mostram-se menos temerosas em relação a outros bairros da cidade. O que chamou a atenção no contato com as lideranças foi a relação de confiança mútua entre os presidentes das associações e os moradores dos bairros. A “liberdade e confiança em deixar a casa aberta”, mesmo com restrições, foram observadas nas idas constantes à residência de uma das lideranças, onde janelas e portas permanecem sempre abertas. Indaguei sobre essa questão, pois não achava isso comum, principalmente nas localidades que apresentam alto grau de criminalidade. Ela respondeu que aquele ato é comum, ratificando:

[...] sempre “esquecemos” a porta aberta, mas não gostava muito, ao contrário da janela que sempre está aberta. Aqui somos conhecidos e nunca tivemos nossa casa roubada, moro neste lugar há 35 anos, e conheço muita gente. Com exceção dos novatos, este sim que é um problema, não sabemos a conduta e às vezes, realmente, fica perigoso até passar pelas ruas” (AT do Conselho de Moradores).

Mesmo mantendo o processo de interação e diálogo com o outro no espaço público, de forma a permitir transitar, conversar ou até mesmo realizar visitas domiciliares, a violência no bairro é um fator que dificulta o trabalho comunitário, pois leva as pessoas a se sentir vulneráveis diante do terror que acontece no dia a dia: mortes constantes, casas invadidas, barulho de tiros a qualquer momento. Esta realidade limita as ações de ajuda mútua, embora algumas associações consigam conviver com o narcotráfico.

Os moradores desses bairros sentem-se desprotegidos, porque a polícia é ineficiente e deixa vítimas inocentes em suas diligências. As associações sentem-se impotentes e muitas preferem não interferir com temor de se envolver com marginais e policiais. Diz uma das lideranças:

Pouco tempo, esta semana, os marginais apedrejaram o módulo policial e expulsaram os policiais do bairro. Agora veja... os policiais procuraram a associação para reunir e tentar voltar. Eu é que não fui, pois quando estamos aqui no pior, ninguém vem procurar, depois que acontece com eles, aí eles vêm. De qualquer forma não ia mesmo, quem mora aqui somos nós e nós é que passamos pelo perigo, já pensou se eu tenho ameaças e até morro por isso? Minha família? É demais isso. Não achamos apoio de ninguém e ainda procura a gente quando precisa para colocar nossa vida em perigo. (AT do Conselho da Engomadeira)

Eis, a esse respeito, a análise de Reis (1995a, p. 42):

Quanto maior é a distância entre os segmentos sociais, mais abstrata se torna a preocupação dos que estão em cima com as dificuldades dos que estão em baixo. Teoricamente, aqueles que têm alguma coisa a perder associam diretamente a violência e a insegurança com seus temores frente à pobreza e à desigualdade, enquanto, na prática, a incapacidade do Estado para garantir a ordem, a segurança e o bem-estar incentiva a adoção de medidas de proteção privada. Essas ações privadas, por sua vez, contribuem para reduzir a arena pública ampliando ainda mais as distâncias sociais e reforçando as concepções restritas de solidariedade.

De acordo com a autora, a situação de escassez dos recursos públicos é a principal causa da falta de incentivo para a participação em empreendimentos coletivos nas estruturas sociais de elevadas desigualdades. Seus questionamentos são relevantes para a reflexão sobre o associativismo nos bairros populares:

Até que ponto é possível esperar que se generalize uma confiança mútua, típica dos sentimentos comunitários, em sociedades nacionais nas quais prevalecem graves disparidades nas oportunidades de vida da população? Se a noção de “concidadãos” não encontra ressonância no dia a dia das pessoas, por que razão deveríamos esperar que desenvolva uma identidade comum e uma disposição para participar de atividades destinadas a promover projetos coletivos? (REIS, 1995a, p. 38)

Em face de uma realidade assim, é possível considerar que a ausência de confiança mútua está relacionada ao contexto de negação a sobrevivência nos

aspectos socioeconômicos, político e cultural. Daí o isolacionismo de muitos cidadãos, o que alimenta a atitude desesperada do “salve-se quem puder”.

Ainda que sejam evidentes as dificuldades de atuação das lideranças, isso não impede a manifestação de sentimentos comuns e de pertencimento, por parte delas próprias. As dificuldades principais relacionadas à atuação nas associações concernem à carência total de recursos para operacionalizar as ações propostas. A ausência de parcerias com organismos governamentais e não-governamentais permite a desarticulação institucional para a captação de recursos, proporcionando isolamento, o que determina a diminuição ou escassez de ações pontuais e contínuas, gerando a falta de credibilidade no trabalho desenvolvido na associação. No depoimento abaixo, a presidente do Conselho de Moradores da Engomadeira afirma:

[...] as pessoas não acreditam mais, como antigamente, na associação, também hoje, pouco temos a dar à comunidade, mantemos uma creche com muita dificuldade, este ano eu não ia abrir, com a cobrança de muitas mães eu continuo o trabalho com as crianças. Mas sei como é difícil no final do mês, as professoras precisam ganhar um trocadinho, por isso cobro uma pequena taxa de 25 reais por cada família. As ações do Conselho eram oferecidas com uma variedade de serviços para a comunidade: trabalhos com crianças, idosos, oficinas de arte, capoeira, curso de Inglês e até mesmo cursinho pré-vestibular.

Mesmo diante de limitações assim, as associações pesquisadas permanecem, no cenário local, desde o ano da fundação em funcionamento, com sede própria, regulamentação jurídica (CNPJ, estatuto, utilidade pública) e colegiado de diretores. São polos de atuação que mantêm a legitimidade das lideranças, com respaldo de “autoridade” entre os moradores.

A interação com o contexto local é fator visualizado como positivo na delimitação do território no trabalho desenvolvido entre as lideranças das associações, que conseguem dialogar com a comunidade e expressar sentimentos coletivos. Estes sentimentos, adquiridos no e pelo território, fazem parte das relações de pertencimento construídas na convivência com o espaço geossocial. Os laços afetivos são reforçados pela reciprocidade das relações interpessoais, quando o dar, o receber e o retribuir não estão associados apenas ao bem material, mas à autenticidade dos sentimentos de confiança, consideração e generosidade.

O carisma é considerado uma qualidade atribuída ao líder. Constitui um fenômeno psicossocial que emerge no processo de interação subjetiva e coletiva e

propicia práticas de solidariedade, alteridade e reciprocidade. Na sociologia weberiana, o conceito de carisma constitui atributo para a definição dos tipos ideais. Estes são instrumentos para definir o “[...] elemento individualizante que qualifica a ação social e pode ser analisado como representação de uma totalidade histórica singular”. (WEBER, 2001, p. 24) Assim, a tipologia é uma forma de classificar, designar e conceituar as ações sociais específicas de cada grupo de sujeitos na sociedade. Para Weber, a ação é social quando existe processo de interação entre indivíduos na sociedade. No entanto, o carisma é uma ação social, política, racional e legítima e a condição de líder constitui um tipo ideal, que pode ser assim conceituada:

Autoridade do dom da graça (carisma) extraordinário e pessoal, a dedicação absolutamente pessoal e a confiança pessoal na revelação de heroísmo ou outras qualidades da liderança individual. (WEBER, 1982, p. 56)

À luz dessa compreensão, segundo Weber, a tipologia dos grupos sociais corresponde a um conjunto de características que definem a tipicidade ou a homogeneidade dos traços identitários dos indivíduos na sociedade. “O tipo ideal constitui a síntese entre o objetivo e o subjetivo, o particular e o geral [...] é a representação de uma totalidade histórica singular”. (WEBER, 2001, p. 25-26) Mediante esse substrato da síntese do particular, observado na especificidade das características peculiares da identidade dos atores sociais no território onde residem, podemos compreender a generalidade histórica da categoria liderança, objeto deste estudo.

É possível relacionar a liderança na tipologia designada de carismática em um modelo elaborado no Quadro 1, abaixo.

LIDERANÇA	AÇÃO SOCIAL	TERRITÓRIO
AT	Comobe — Conselho de Moradores do Bairro da Engomadeira (Escola de Educação Infantil, formação para pais e mães, trabalho com idosos, biblioteca comunitária, comemorações de datas festivas e outros)	Engomadeira
NA	Comoba — Conselho de Moradores da Estrada das Barreiras (Cursos profissionalizantes de culinária, artesanato, atendimentos médico e odontológico, ginástica para a terceira idade, eventos comemorativos de futebol, competições organizadas.	Estrada das Barreiras
TD	Amme — Associação de Moradores da Mata Escura (Parceria com a Limpurb para coleta de lixo em áreas de difícil acesso, eventos festivos)	Mata Escura

Quadro 1: Tipologia da Liderança

Fonte: Pesquisa de campo da autora

A partir do quadro acima, podemos conceituar liderança como uma ação social carismática que atua num território delimitado. Neste sentido, o associativismo se apresenta como uma ação de liderança visando à mobilização comunitária e à formação de grupos que desenvolvem atividades de interesse comum.

Quanto ao sexo das três lideranças, uma é do sexo feminino e as demais do sexo masculino. Em geral, há maioria de líderes do sexo masculino, embora a representação do gênero feminino seja significativa na fundamentação do problema desta pesquisa.

O carisma é um tipo de poder manifesto na ação social dos sujeitos que permite a construção da interação, dedicação espontânea e subjetiva e “o dom da graça”. (WEBER, 1982, p. 37) As práticas de liderança fazem parte do processo de identificação dos atores e legitimam-se no reconhecimento pessoal e coletivo entre os indivíduos no território. Por isso não se constitui como uma representação biológica, mas social, onde a ação é designada como racional e legal. Assim, o carisma “[...] se opõe a todas as rotinas institucionais, as da tradição e as sujeitas ao controle racional”. (WEBER, 1982, p. 37) É uma referência conceitual relevante para as pesquisas com esse fim.

O conceito de líder carismático, na perspectiva weberiana, guarda alguma relação com o conceito de gênio do renascimento, isto é, uma característica atribuída às pessoas que, à época, revelavam na arte e/ou na ciência, seu poder

sobre os demais. Weber estende o conceito aos líderes da conduta humana, pois não “[...] só os homens de ideias, mas os homens ideais passaram a ser objeto da atenção”. (WEBER, 1982, p. 37)

Os conceitos de nação e território, enfatizados por Weber, são uma construção subjetiva dos sujeitos que desenvolvem sentimentos de solidariedade no local de origem. Estes sentimentos existem corporificados através da convivência nos espaços e são classificados como de pertencimento, donde o fato de que a convivência no mesmo local permite o desenvolvimento natural de estímulos afetivos concernentes ao pertencimento na relação de solidariedade, alteridade e reciprocidade no território. Consideramos, como Weber (1999), que estas reações comuns têm conseqüências importantes para a ação social. Segundo o sociólogo alemão:

Uma casuística sociológica em face do conceito valorativo empiricamente multívoco da “ideia de nação” teria que desenvolver todas as espécies de sentimento de comunidade e solidariedade em suas condições de origem e suas conseqüências para a ação social dos participantes. (WEBER, 1999, p. 175)

Desse modo, a ação pontual da liderança em associações de moradores possui características relacionadas à experiência no bairro por períodos longos e, principalmente, a construção da afetividade nas relações de alteridade e solidariedade dos indivíduos que residem em um mesmo local. Os líderes convivem na unidade territorial por tempo significativo, o que lhes possibilita perceber as necessidades prementes de infraestrutura e de serviços básicos de educação, saúde e lazer, tanto quanto a evolução urbana, o crescimento demográfico e cultural da localidade, razão pela qual aí desenvolvem sentimentos espontâneos e comuns. Esse processo permite a comparação de situações remotas com a realidade atual, e constitui um exercício da memória histórica marcada por rupturas entre o passado e o presente.

A expansão da cidade proporcionou mudanças significativas no comportamento dos indivíduos e das comunidades pesquisadas. A mais evidente é a perda da liberdade de ir e vir com segurança no espaço público. Os relatos das histórias das associações tiveram como referência a comparação com tempos anteriores. O antes e o depois das ações associativas caracterizam um passado

mais proveitoso em relação ao trabalho desenvolvido na atualidade. Sobre essa questão, uma das lideranças dá o seguinte depoimento:

Realizava visitas nas casas, passava em todos os “buracos” aqui na Engomadeira, conhecia tudo, hoje... está um horror, eles os traficantes, marginais querem mandar em tudo, até na vida da gente, para passar em algumas ruas, não é sempre... tem que apresentar carteira de identidade, está demais a venda de drogas.(AT do Conselho da Engomadeira)

Cumpramos observar que a integração com o território e a interação com os problemas sociais no engajamento político do sujeito na história do território, como protagonista do desenvolvimento local, impulsionam a existência de ações solidárias e a formação da liderança, a qual, como já visto, é conceituada como uma ação social, racional, legítima e expressão de sentimentos de pertencimento relativos à solidariedade, alteridade e reciprocidade. Trata-se de uma prática social dos sujeitos que se dispõe a interagir com o outro de forma humana e integrar um território delimitado.

4.3 PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

A liderança é considerada como uma manifestação espontânea construída nas etapas de socialização a partir do processo de identificação dos sujeitos, com práticas ligadas à solidariedade, alteridade e reciprocidade e o desenvolvimento de sentimentos no território a partir do convívio longo no mesmo local. Apresentaremos excertos das histórias de vida de três líderes que atuam como presidentes de associações de moradores em três bairros de Salvador. Na escuta dessas histórias foi possível perceber no percurso da vida desses sujeitos, os fatores que contribuíram para a formação de cada liderança nas respectivas associações de moradores: a história de vida de AT¹, presidente do Conselho de Moradores da Engomadeira (Comobe), AN, presidente do Conselho de Moradores da Estrada das

¹ É importante ressaltar que não foram utilizados nomes reais das lideranças citadas, mas fictícios, a fim de preservar a integridade física e moral e permitir liberdade nas críticas e considerações.

Barreiras (Comoba), e TD, presidente da Associação de Moradores da Mata Escura (Amme).

4.4 HISTÓRIA DE VIDA E LIDERANÇA: ATUAÇÃO NO CONSELHO DE MORADORES DA ENGOMADEIRA

A liderança AT (51) do Comobe tem trajetória de vida marcada por situações difíceis do ponto de vista financeiro. Nasceu em Livramento de Nossa Senhora (Ba). Filha de D. Alice da Conceição Santos, que, segundo ela, “é uma mulher forte, de quilombo”, que sempre trabalhou na lavoura e também como parteira influente na cidade. AT, desde criança, trabalhava na agricultura com sua mãe para ajudar no sustento da casa. Seu pai abandonou a família; foi para São Paulo a fim de trabalhar numa usina de açúcar e não mais voltou. Este acontecimento marcou a sua infância, pois sofreu preconceitos em consequência do abandono paterno.

Trabalhava na roça plantando arroz, milho, feijão, horta. Esta horta era o sustentáculo de tudo. Vendia tomate, cebola, pimentão, alho. Não conheci meu pai quando eu era ainda pequena, porque ele foi para São Paulo para trabalhar na usina de cana e não voltou mais para a casa. Sou filha única de minha mãe D. Alice da Conceição Santos. Quando eu era criança passei por situações difíceis. Sofri muitos preconceitos em Livramento na época por meu pai ter abandonado a família.

A migração de nordestinos para o Sudeste, em busca de melhores condições de vida, era comum nessa época, o que significava, em muitas histórias, o abandono constante de famílias. Verifica-se, porém, que houve “novas” relações afetivas em casos análogos ao de AT. Sua família foi amparada pelo avô materno. “O ano que meu avô morreu foi uma data que marcou minha vida. Ele representava tudo para mim, pois aceitou mamãe de volta. Hoje eu não seria o que sou”.

A família de AT era muito ligada à Igreja Católica. Essa religiosidade contribuiu para orientar seu processo de socialização primária e secundária. “Duas das minhas tias trabalhavam com padres e bispos. “Minha mãe e minhas tias iam a missa todos os domingos.”

Na experiência de AT, a orientação recebida em práticas ligadas ao catolicismo, no processo de socialização primária, é visualizada em sua infância,

quando frequentava a igreja, na socialização secundária consolida-se ações de solidariedade, em sua adolescência, quando começa a participar de trabalhos comunitários.

A consolidação de ações solitárias é visível no processo de socialização secundária de AT, que menciona seu envolvimento em práticas assistenciais da paróquia à qual estava ligada. Como ações mais importantes, destaca: a tentativa de estender às mulheres prostitutas o direito de cidadãs. Segundo seu depoimento, as prostitutas não tinham acesso a casas comerciais, igrejas e áreas livres; frequentavam a feira sempre no final do expediente quando não havia quase circulação das pessoas consideradas “de bem”.²

Nossa missão na igreja era evangelizar as mulheres prostitutas da cidade que moravam nos bairro distante, as moças de bem não iam lá. Essas mulheres não podiam sair nas ruas, nem assistir missa na igreja, ficavam lá e todos olhavam elas com desprezo. Frequentava a feira no final da tarde quando tinha poucas moças” de bem”. As casas das prostitutas eram feita de barro e cobertas de palha, ou “adobo socado”. Conheci todas elas, minha mãe tinha receio que eu virasse. Tenho uma lembrança de uma delas, que me ofertou um terço. Fui madrinha de casamento de Maria Pombão, fiz os primeiros batismos.

Na linguagem do depoimento acima a expressão “moças de bem” mostram como eram as relações de gênero no contexto da época referida. Assim eram consideradas as moças cujo único objetivo consistia em manter-se virgem para que pudessem se casar e constituir família. As mulheres aceitas socialmente, a partir da legitimidade vigente, eram aquelas que viviam exclusivamente em função de seus maridos, o que as tornavam propriedade deles, tanto quanto a terra. As mulheres prostitutas também existiam para servir aos homens. No relato é evidente a existência de questões sociais que consolida a discriminação de gênero:

Os fazendeiros³ frequentavam esse bairro onde essas mulheres moravam e tinham filhos, muitos deles não eram registrados nos cartórios. Essas crianças também não se misturavam com outras crianças na cidade, não frequentavam a escola e não iam para as praças. A sociedade tinha muito preconceito com essas mulheres, elas também se sentiam menores e sempre evitavam a cidade, ficavam isoladas.

² O relato completo da história de vida de AT encontra-se no Apêndice A.

³ Os fazendeiros faziam parte do mais alto estrato social em Livramento do Brumado, naquela época, por possuir patrimônio como latifundiários.

As práticas solidárias e a postura de AT no enfrentamento de dramas sociais permitiram-na desmistificar a moral da época e seu engajamento na pastoral católica foi uma experiência construtiva. O que ressalta dessa experiência é a percepção da necessidade de ajudar o “outro”. Essa percepção possibilitou-lhe vivenciar bem o processo de identificação posterior como liderança do Conselho da Engomadeira e o desenvolvimento de ações ligadas à solidariedade, reciprocidade e alteridade. Os excertos percebem a caracterização da história de vida contada por alguém que valoriza as origens e orgulha do passado:

Em 1969/70/71, trabalhei na zona rural, fomos descobrindo a comunidade carente e consegui acreditei nesse trabalho. Lançamos campanha junto a um grupo de jovens. Eu cantava nas missas, festas, casamentos na igreja. Em 68 iniciamos um trabalho de evangelização nos bairros carentes. O bairro mais pobre e discriminado era o de Itaguari, na entrada da cidade. Tinha o índice maior de pessoas pobres era local onde tinha várias saídas para outros bairros, onde pessoas de fora chegavam nestes locais primeiro caminhoneiros e outros. As prostitutas de lá nos atendiam bem.

Foram várias as ações que caracterizaram sua imagem de mulher religiosa empenhada no trabalho de ajuda mútua. A ação que merece destaque foi a escolarização dos filhos das mulheres prostitutas, com o apoio do vigário que conseguiu da prefeitura um galpão, o qual funcionou como sala de aula. Essas crianças eram socializadas vivenciando o processo de exclusão e fragmentação ao qual eram submetidas.

Aos 16 anos, AT atuou como professora na zona rural do município; ela ia e vinha de bicicleta, o que era perigoso, porque passava por uma estrada deserta.

AT associou seu trabalho de educadora às ações de solidariedade realizada pela igreja. Daí ela evolui, amadurece o conhecimento e chega a liderança do Conselho da Engomadeira. A educação infantil e a atenção às mães são projetos aos quais ela se dedica no presente. A Escola Comunitária Fonte do Saber funciona, até o momento da pesquisa, na sede da associação.

Arruda (1988), ao analisar o processo de representação da alteridade, como construção da identidade, afirma: “A alteridade convoca a noção de identidade tanto quanto a de pluralidade. É precisamente a constatação da pluralidade social e cultural que conduzirá os laços sociais, suas formas e suas rupturas.” (ARRUDA, 1988, p. 49)

Os sentimentos de alteridade estão imbricados na relação entre identidade e sociedade, ou seja, agir individualmente ou em grupo pressupõe responsabilidade, preocupação ou compromisso com a coletividade. Com efeito, a formação da identidade solidária das lideranças remete ao meio social em que se desenvolveram, ao perceber as carências fundamentais de seus semelhantes. Além da existência de um contexto propício para a formação da identidade de AT, há, em sua personalidade, a predisposição identitária ligada ao substrato biológico que também favoreceu a constituição de sua identificação como liderança. Sobre isso escrevem Berger e Luckmann (1985, p. 237):

Há uma contínua dialética que começa a existir com as primeiras fases de socialização e continua a se desenvolver ao longo de toda a existência do indivíduo na sociedade entre cada animal humano e sua condição sócio-histórica. Externamente é uma dialética entre o animal individual e o mundo social. Internamente, é uma dialética entre o substrato biológico do indivíduo e sua identidade socialmente produzida.

No caso específico de AT, existiam em sua família práticas religiosas, algumas das quais ligadas à educação, o que lhe propiciou interagir construtivamente com seu meio social.

A valorização dos saberes protagonizados pelos indivíduos, como sujeitos históricos da ação social, é uma forma de humanizar a ciência, aproximando-a da realidade vivenciada. Pollak (1989) refere-se à busca da valorização da subjetividade através dos métodos que enfatizam a identidade e a memória como aspectos ligados à realidade vivencial dos indivíduos “numa perspectiva construtivista”, pois, segundo ele, “[...] não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por que eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade”. (POLLAK, 1989, p. 4) Cumpre observar, porém, que a família de AT teve papel determinante na formação de sua identidade, e, esta foi desenvolvida no processo de interação com a coletividade em que vivia.

No construtivismo do método etnográfico, no trabalho com as histórias de vida, a subjetividade tem importância crucial na formação da identidade dos indivíduos. É visualizada nos relatos e reconstruída através da memória individual e dos acontecimentos que marcaram a trajetória existencial das lideranças.

A inter-relação sujeito/história na produção das ações e significações permite visualizar a construção do conhecimento de si e, consequentemente, da coletividade, o que reforça a dialética singular/plural, identidade/sociedade. O depoimento de AT sobre sua formação, seu ser biopsicossociocultural, permite compreender seu processo de subjetivação e, portanto, o que levou a se identificar com a necessidade de promoção humana em sua comunidade. Assim relata sobre sua origem e afirma sua ascendência africana: “Nasci no interior da Bahia, Livramento de Nossa Senhora, próximo a Rio de Contas⁴, onde passei minha infância e adolescência. “Conheci o engenho onde meus avôs foram escravos dos Meiras⁵”.

A história de vida de AT é marcada por vicissitudes de todo tipo no âmbito da família em que nasceu e na que constituiu quando se casou. Abandonada pelo pai, sua família reforça a moral social da época. Sofrera como mulher, negra e ainda com a saúde em alguns momentos fragilizada por ter adquirido sífilis. No casamento não conseguiu mudar as relações de gênero marcadas pela hegemonia masculina. Relata as retaliações que sofreu na família.

Tive a minha vida toda interrompida tinha o prazer de estudar era boa em língua francesa. Quando a professora de Francês, D. Poema, mandava eu dar aula no seu lugar em qualquer série (pausa). Ganhei curso em Salvador por dois dias, D. Poema me inscreveu para eu fazer essa reciclagem, mas minha mãe não deixou.

Mamãe me criava assim ia atrás de mim em qualquer lugar. Ela trabalhava na escola e me controlava o tempo todo na hora do recreio, na hora de entrar na sala, na hora de ir para a Educação Física, tudo. E às vezes quando ela me pegava, batia. Quando eu me casei era doída para casar logo, para me ver livre, VT me prometeu mundos e fundos, que aqui era melhor, que ele conhecia pessoas, que eu nem me preocupasse, que eu ia ser logo contratada. Eu acreditei e mais uma vez quebrei a cara de novo.

A dura realidade enfrentada por AT obrigou-a buscar novos espaços e quando conheceu VT, seu marido, ainda em Livramento, achava que poderia realizar-se como pessoa. Chegou a Salvador depois de casada e percebeu que estava vivendo momentos ainda mais difíceis, por causa de sua condição socioeconômica. Abaixo, relato da situação difícil que enfrentou em Salvador:

⁴ Rio de Contas, localizada na região da Chapada Diamantina, é uma cidade cujo patrimônio histórico e cultural foi tombado pelo governo do Estado.

⁵ Família cujo chefe era um senhor de engenho durante a escravidão, quando a economia baiana era baseada na monocultura da cana-de-açúcar.

Conheci VT⁶ uns tempos depois, em 1971; em 1972 casei e vim morar em Salvador. Quando cheguei aqui morei no Alto do Cruzeiro, em Cosme de Farias, passei seis anos morando de aluguel. Sofri, padeci e depois vim para a Engomadeira em 1973. Moro aqui neste bairro 35 anos. Este mesmo ano fui visitada pelos membros da igreja que não era igreja, era uma capela, a matriz era em S. Gonçalo. Participava de tudo dentro da igreja, fui catequista, cheguei até morar dentro da igreja. Tive uma fase difícil aqui na Engomadeira. VT não teve condições de pagar o aluguel da casa e fomos despejados.

Por participar ativamente na vida da Igreja Católica na Engomadeira, AT teve ajuda financeira da paróquia local, o que lhe permitiu viver melhor. Seu contato com outras entidades como a Associação Recreativa, foi importante para adquirir experiência no trabalho com a comunidade, pois conheceu os programas desenvolvidos pelo Serviço Social da Indústria (Sesi), onde obteve o que lhe foi fundamental: a formação associativista, que impulsionou a fundação do Conselho na Engomadeira.

Cumpramos sublinhar que a parceria com o Sesi permitiu o envolvimento de pessoas na comunidade para a constituição do colegiado de diretores, que formaria, posteriormente, o Conselho. Destaca-se, nessa participação, a presença de VT, marido de AT, que, influenciado pelas ideias dela, empenhou-se na luta, junto aos moradores, para a construção da sede da associação. A construção foi coletiva e todos compartilharam com materiais e mão-de-obra. AT ressalta o envolvimento e a participação de VT, que veio a ser o primeiro presidente da associação; ela atuou como secretária. AT compartilhava com VT a participação na Igreja Católica e também no trabalho comunitário. Ele sentiu então necessidade de voltar a estudar e chegou a concluir o ensino médio. Ela conta:

VT foi o primeiro presidente do Comobe, escolhido pelo grupo. Essa influência ajudou muito porque ele não tinha tirado o segundo grau quando cheguei aqui; ele falava bem, escrevia bem, tinha o dom da palavra na igreja e não tinha o segundo grau. Eu matriculei ele na escola à noite, na Barroquinha — Instituto Bahia. Ele tirou o segundo grau com muito sacrifício, mas tirou. O que impulsionou VT a participar da associação foi porque eu estava no meio. Sentamos e conversamos. Ele nunca achou ruim fazer este trabalho, nunca foi contra, sempre me deu força. Eu disse a ele: você já me deu essa força, agora você entra como presidente e eu como secretária e aí vamos fazer um trabalho juntos. Fizemos um trabalho muito bonito, mas ele se afastou. Foram muitos anos de luta, não é à-toa que estou estes anos todos no Comobe. Teve uma época que ele se afastou total.

⁶ Seu atual marido.

Percebe-se como a história de vida de AT favoreceu-lhe a consciência de participar ativamente de tudo que significou a promoção humana de seus semelhantes no bairro onde foi morar. Sua liderança no Conselho representa, na tipologia designativa, um tipo ideal carismático, racional e legitimado pelos moradores da comunidade.

É importante observar, porém, que embora haja fatores nas histórias de vida que justificam a emergência de lideranças, estes não determinam necessariamente a condição de líder. A história de vida é uma via de acesso a informações pertinentes sobre o processo de construção da identidade dos sujeitos, todavia ela não revela completamente a identidade, pois esta se apresenta de maneira dinâmica, flexível e cabível de mudanças.

4.5 HISTÓRIA DE VIDA E LIDERANÇA: ATUAÇÃO NO CONSELHO DE MORADORES DA ESTRADA DAS BARREIRAS

AN (38), a liderança do Conselho de Moradores do Bairro da Estrada das Barreiras, nasceu no bairro Vasco da Gama, em Salvador. Filho de família de estratificação baixa, desde cedo ajudou a mãe na atividade de lavar roupa para o sustento da casa. Era ele quem ia buscar água e entregava a roupa lavada.

Nasci no bairro Vasco da Gama (em 1970) e comecei a vida trabalhando. Minha mãe Eliezer Francisca da Cruz, lavava roupa de ganho para criar os três filhos e eu ia levar as roupas que minha mãe lavava para as casas das baronas na Barra, Corredor da Vitória e outros bairros. Ajudava minha mãe a entregar as roupas e também carregava água para minha mãe lavar. Toda semana tinha essa obrigação: levar as roupas de ganho para minha ter o sustento da casa.

O pai o abandonou quando AN era criança:

Sobre eu pai, nem gosto de falar. Para que falar de alguém que só me fez botar no mundo? Não conheci meu pai ele abandonou a família quando eu tinha onze anos, depois dizem que ele me procurou, quando eu já trabalhava, mas não se identificou só conheci por conhecer. Ele me conheceu, mas eu, não. Para ele satisfez, para mim, não. Eu nem queria que ele se identificasse.

A expulsão da população de baixa estratificação social das áreas centrais para a periférica urbana foi vivida por AN de maneira bastante dolorosa. Ser obrigado a sair do local onde nasceu e cresceu, isso chegou a ser traumático para ele e para os demais.

Na Vasco da Gama, eu morava no Alto da Canjira, em baixo era a fábrica da Coca Cola. Saí de lá porque tinham que construir prédios, todo mundo vendeu seus terrenos, hoje tudo lá é prédio. Tivemos que sair. O que me lembro foi as máquinas passando e nós botando os móveis no caminhão.

O processo de urbanização inversa do sistema capitalista, analisado no tópico 1 do capítulo 5, agrava a desigualdade social, porque afasta a população de baixa renda para as margens, onde não há infraestrutura urbana nem oportunidade de sobrevivência. No excerto abaixo, AN evidencia esse processo social em sua vida, pois, quando chega à Estrada das Barreiras, percebe o impacto da área desabitada cuja ocupação se faz de modo caótico. Assim:

Quando chegamos aqui nas Barreiras nem casa tinha, era um pedaço de pau e uma lona para cobrir e ter cuidado com as cobras, eu tinha 11 anos e isso marcou minha vida. Fui morar no meio de mato e cobras. Não tinha asfalto, água, luz, morava perto do Horto Florestal. Na rua em que morava tinha só duas casas e para pegar ônibus tinha que andar até a entrada de S. Gonçalo que a gente chamava de “tesoura”.

A capacidade de trabalho de AN é uma qualidade importante para a sua história. Ele sempre teve disposição para trabalhar, mostra-se animado quando fala de trabalho. Por isso consegue manter a sua sobrevivência e a da família. Por ser obrigado a trabalhar duro desde cedo, não pôde concluir o ensino fundamental. O abandono dos estudos não o impede, porém, de lutar dignamente para ganhar a vida. Prossegue seu relato:

Aos dez anos comecei trabalhar na oficina de mecânico para aprender a profissão, estudava num colégio público do Rio Vermelho, onde hoje é um teatro. Estudava pela manhã e à tarde ficava na oficina. Aos 17 anos eu vendia jornal, depois picolé na Barroquinha eu ia andando até a Barra. O que mais marcou a minha adolescência foi quando vendia picolé, e aí o dono da sorveteria gostou de mim e me botou para trabalhar na sorveteria; por um acaso fui demitido. Ele contratou uma menina para trabalhar no balcão e a menina me convidou para a festa do Bonfim, e eu nem maldade tinha; quando chegou na segunda-feira ele colocou os dois para fora. Como vendedor de picolé, fui trabalhar na sorveteria no balcão, despachando e ajudando o sorveteiro a fazer picolé depois voltar a vender picolé de novo? Se não tivesse jeito tinha que ir, mas meu padrasto, que já morreu, na época chegou na SIMBA, tinha

acabado de fazer 17 anos, e conversou e me botou lá para trabalhar de auxiliar de serviços gerais, mas fazia de tudo um pouco, fiquei quatro anos, saí e fui para outra empresa na função de vigilante, que estou até hoje com 19 anos de empresa e 33 de carteira assinada, no próximo ano me aposento.

De 1981 até o momento atual (2007/2009) quando ocorreu a pesquisa, AN sempre residiu a Estrada das Barreiras e constituiu família. Dessa forma acompanhou o processo de evolução urbana da comunidade e presenciou seu desenvolvimento em todos os sentidos. Sua história de vida é marcada pela sobrevivência difícil. Não concluiu o ensino médio. AN conhece os moradores antigos do bairro e acompanhou o desenvolvimento de muitos que lá residem. Esse envolvimento proporcionou-lhe sentimentos de reciprocidade, pois a convivência de indivíduos no mesmo espaço, em que se dá o processo de socialização primária e secundária, propicia a sensação de pertencimento no e pelo território. O pertencimento mútuo entre entes de um grupo social ou de uma comunidade é um fator importante, porque pode definir o grau de engajamento político e a inserção em ações sociais no local de residência.

AN é uma figura pública em seu bairro, por ser capaz de se afirmar no papel de líder que muito lhe exige para pleitear melhorias de infraestrutura e outras, é visível o sentimento de responsabilidade associado à disponibilidade em resolver problemas junto aos órgãos públicos.

Mostra-se uma pessoa tranquila no lidar com o outro; principalmente em situações conturbadas. Ao presenciar o dia a dia da associação, foi possível perceber traços autênticos de liderança na personalidade de AN. Ele se identifica com as decisões que toma.

Para AN foi difícil contar sua história de vida, especialmente compreender sua fase de socialização na infância. Insistiu-se nesse aspecto, entretanto, com a obtenção dos resultados esperados.

AN tem como referência de liderança a participação de AM, que muitos anos antes, atuara no Conselho de Moradores da Estrada das Barreiras. A seu ver, a liderança precisa obter resultados em ações concretas que beneficiem a comunidade. Eis o que relata:

Eu tinha conhecimento de que todos que passavam pelo Conselho, como diretores, não tiveram o compromisso com a associação; nenhum levou a ata no cartório, para registro da diretoria em posse. Na década de 80, com 25 anos, fui convidado por um

diretor para fazer parte da associação, mas não aceitei. Teve um diretor que foi muito importante para o conselho, que foi AM. Para mim, ele foi um grande líder. Ele tentava de tudo, acabou conseguindo. Cesta do povo, posto de saúde, asfalto, linha de ônibus que entrava no bairro, ticket de leite. O meu contato com o Comoba foi no ano de 2002, quando aceitei o convite para ser membro da tesouraria.

Sua paixão pelo Esporte Clube Bahia⁷ evidencia uma tendência natural de estar em grupo, pois, ao longo de sua trajetória de vida, organizava campeonatos de futebol. Com essa experiência, tornou-se conhecido na comunidade. Avalia que, em tempos anteriores, sua participação no Conselho era quase nula; reconhece, porém, que o Comoba sempre teve um significado importante no processo de construção de sua identidade, em sua vida e na da comunidade.

O conselho de moradores era, ao mesmo tempo, próximo e distante — próximo porque estava perto da minha casa e distante porque eu tinha pouco contato atuava só como parceiro para organização dos campeonatos; na verdade, eu não era um participante ativo.

O Comoba caiu assim (pausa) eu não tinha anseio de ser (pausa) foi mais o esporte me fez ser presidente do Comoba, hoje [...] fui envolvendo e acabei aceitando o convite para concorrer como presidente por força da comunidade, não tinha mais como negar.

Na construção da identidade, o sujeito passa por momentos que podem ser definidos como de interiorização e reflexividade. Este processo constitui-se como um fator de reconhecimento emocional dos grupos que fizeram e fazem parte do convívio comunitário. A interiorização vem a ser a base primária da compreensão dos valores, regras e normas que influenciam na construção da identidade dos sujeitos; a reflexividade concerne à apreensão do mundo, o que implica o pensamento crítico. A interiorização faz parte da socialização primária, que acontece nos primeiros anos de vida, e a reflexividade é um dos aspectos da socialização secundária, quando o sujeito, já interiorizado, possui independência na construção cognitiva. Os sentimentos de pertencimento têm relação com a interiorização dos valores, regras e normas assimiladas no processo de socialização e a reflexividade possibilita, em consequência, a formação da identidade quando os sujeitos convivem no mesmo território durante o tempo em que socializam.

Dessa forma, fazer parte do contexto do território, conhecer e ser reconhecido como pessoa, apontam para a construção de laços sociais importantes no convívio

⁷ Time de futebol de maior torcida no Estado e o que conquistou mais títulos de campeão.

comunitário. Esta referência de construção identitária dos indivíduos que convivem por períodos longos de socialização em um determinado território e fazem desse território um local onde são possíveis os sentimentos de pertencimento, eis o que favorece o exercício da liderança nas atividades ligadas ao associativismo.

Atualmente, AN trabalha como vigilante e é associado ao Sindicato dos Vigilantes de Salvador. Para ele, a assistência desse sindicato para a categoria é limitada, embora perceba a importância dessa representação. Diz ele:

Quando comecei a trabalhar como vigilante o primeiro ano, não tinha muita experiência, o sindicato foi fundado em 1983, eu me filiei um ano depois. Quem não era sindicalizado, ia para o sindicato para resolver algum problema, mas não era bem atendido. Então, já que é assim, é melhor se sindicalizar. Se eu quiser algum tipo de informação, eu vou lá e consigo, porque tenho a tal carteirinha nacional dos vigilantes sindicalizados. Eu ainda tenho aquele ditado: “Ruim com ele, pior sem ele”.

É importante destacar que o processo de construção racional do indivíduo na inserção em atividades sociais e a atuação consciente do papel que executa podem determinar o dinamismo da ação política nos diversos aspectos que estão relacionados: capacidade de aglutinação, mobilização ou participação em instâncias de reivindicação da categoria associação em movimentos populares. Nota-se que AN percebeu – e bem – a importância de suas experiências diversificadas de trabalhador ainda que sem qualificação profissional. É o que lhe permite compreender o papel de sua liderança no Conselho da Estrada das Barreiras e sua participação no sindicato como representante da categoria dos vigilantes.

Podemos então afirmar que a identidade é constituída a partir de elementos múltiplos e complexos nos diversos grupos sociais de que o indivíduo faz parte – a família, a escola, a empresa, a igreja ou seita, os amigos, as associações de moradores, o sindicato, os movimentos sociais etc. Segundo Berger e Luckmann (1985), o processo de construção da identidade é caracterizado pela atribuição de um lugar específico no mundo. A existência de associações de moradores contribui direta ou indiretamente para a formação identitária das pessoas que residem nas comunidades. É o caso do Conselho de Moradores da Estrada das Barreiras em relação a AN e a seu processo de identificação como liderança. Assinalam Berger e Luckmann (1985, p. 177-178):

De fato, a identidade é objetivamente definida como localização em um certo mundo e só pode ser subjetivamente apropriada juntamente com este mundo. Dito de outra maneira, todas as identificações realizam-se em horizontes que implicam um mundo social específico. [...] Receber uma identidade implica na atribuição de um lugar específico no mundo.

O processo de construção identitária do sujeito, em suas fases de socialização (primária e secundária), é suscetível de mudanças por causa da interação com os grupos sociais. Só o fato de ser um processo, já o torna essencialmente dinâmico. Assim, quando a criança inicia a idade escolar, são perceptíveis as mudanças em sua linguagem e em seu comportamento. A interação com outras crianças do grupo proporciona-lhe mudanças que refletem em seu modo de pensar e de agir. Outro exemplo é o adolescente ou mesmo o adulto que experimenta participação em qualquer forma de mobilização coletiva, seja na organização de grêmios estudantis, seja no engajamento em movimentos sociais. A linguagem se torna então crucial na socialização do indivíduo. Novos hábitos, costumes, modos de ser, valores, ideologias são assimilados. Foi o que se verificou na trajetória de AN. Ficou evidente em seu caso que chegar à liderança do Conselho das Barreiras tem ligação significativa com a época em que organizava campeonatos de futebol e também com o associativismo como uma instância presente no território em que passou a residir.

4.6 HISTÓRIA DE VIDA E LIDERANÇA: ATUAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA MATA ESCURA

TD (36), da Associação da Mata Escura nasceu na zona rural de Castro Alves, interior da Bahia, onde permaneceu até os 13 anos de idade. Quando lá morava, diz que tinha uma vida tranqüila, apesar das dificuldades financeiras de sua família para criar 11 filhos. Seu pai era lavrador e mantinha uma agricultura de subsistência, que muitas vezes não dava para alimentar os filhos:

Minha infância foi quase vivida no interior de Castro Alves, uma localidade de nome Cardeal, vivi lá até os 13 anos, aquela infância de criança de roça [...] Lá em casa era difícil porque a família era de 11 pessoas, tivemos muita dificuldade nesse

sentido. De vez em quando vinha virose, que matava nossa criação. Eram momentos de muita dificuldade, momento de fome.

As dificuldades de sobrevivência da família marcaram a vida de TD. Seu orgulho é perceptível quando fala sobre esta fase da vida e enfatiza o esforço tanto de sua mãe quanto do pai para alimentar os filhos. A determinação da família na busca da sobrevivência com dignidade e trabalho na agricultura de subsistência solidificou valores positivos em TD: “Faltava alimento, mas não faltava farinha, porque tínhamos mandioca e a casa de farinha. Plantávamos nossa mandioca e era a nossa salvação em alguns momentos; só comíamos farinha com açúcar e o café preto”.

Aos 13 anos foi morar com um irmão em Simões Filho⁸, e a oportunidade de continuar os estudos possibilitou-lhe fazer o curso técnico de contabilidade. A saída do interior para outra localidade foi importante para a busca de qualificação profissional. Era frequente a migração do interior para a capital ou para cidades maiores com mais oportunidades de escolarização e de trabalho, nos anos de 1970 e 1980. TD afirma que a educação que recebeu dos pais foi positiva para sua formação adulta e refere-se a saída da roça como algo necessário para a sobrevivência. Assim faz este registro: “A educação dos pais no início da nossa vida é muito importante. Meu pai me ensinou a pescar e caçar, me ensinou que isso é para a gente aplicar lá mesmo, na roça. Como a cidade grande nos chamava, vimos para cá”.

O trabalho com histórias de vida permite reconstruir a memória individual e coletiva e levanta questões importantes do ponto de vista dos atores sociais e sua representação na sociedade. Os grupos sociais fazem parte da formação individual e são referências-chave para a afirmação da identidade. Eis um fato que TD lembra, o qual teve importância histórica para o país e o comoveu profundamente:

Um acontecimento na política que me marcou muito foi a eleição do presidente Tancredo Neves. A morte dele foi muito falada lá no meu interior, foi muito sentida, eu me lembro como hoje que meu pai falava: “Nós perdemos um grande presidente”. Eu não entendia muito de política, mas naquele momento eu via algumas pessoas chorar e eu também chorei.

⁸ Cidade localizada na Região Metropolitana de Salvador.

Mas logo em seguida conta: “A coisa que mais marcou a minha vida foi quando meu irmão foi me tirar da roça, já que eu não tinha como estudar. Aqui eu tive um futuro melhor; se ficasse lá, não teria o futuro que tenho hoje”.

A trajetória profissional de TD é marcada por trabalho árduo no exercício das atividades de comerciante em lanchonetes, supermercados e também como vigilante, trabalho esse que exerce até o momento da pesquisa e consegue conciliar com suas atividades na associação. Ter podido participar de alguns cursos de formação profissional foi-lhe importante para atuar na associação. Diz que participou do curso de curta duração (três meses) sobre associativismo e cooperativismo, oferecido pela Prefeitura Municipal de Salvador. Considera que essa aprendizagem contribuiu muito para o exercício de sua liderança. Assim resume suas experiências de trabalhador e ressalta o que pôde aprender:

Quem está começando é tudo difícil. Fui tomar conta de uma lanchonete lá na Lapa,⁹ trabalhei durante dois anos, aproveitei e ganhei experiência, não era isso que eu queria. Saí de lá e fui trabalhar em outra lanchonete, fiquei lá mais dois anos e não deu certo, fui para o Supermercado Bom Preço, acreditando que seria um bom passo na minha vida. Lá fui ser repositor de mercadorias. Depois de certo tempo fiz curso de vigilante no ano de 2002, curso esse que vai fazer cinco anos e até hoje estou atuando na área. Trabalho na empresa Protec, sou vigilante na Escola Cândido Emílio Lobo, no Largo do Tanque, no turno da noite. Depois que morei em Nazaré, fui para Tancredo Neves¹⁰ e depois surgiu a possibilidade de morar em Mata Escura, tinha já familiares morando aqui¹¹, meu irmão me trouxe para vir morar aqui em 1987. Fiz cursos para aperfeiçoamento de informática, associativismo e cooperativismo. O último foi patrocinado pela Prefeitura com duração de Três meses. O de cooperativismo e associativismo foi muito importante para lidar com a comunidade, aprender a formular um estatuto, fazer um bom ofício para entregar nas secretarias, nos órgãos públicos e como redigir uma boa carta, foi muito proveitoso. A Prefeitura patrocinou, deu o vale transporte e o lanche.

TD, até o momento da pesquisa, reside em Mata Escura, desde 1987. A convivência nesse bairro, há 22 anos, justifica sua atuação como liderança. A participação na Associação de Moradores de Mata Escura começou a partir do convite para compor inicialmente a diretoria, como tesoureiro. Após essa experiência, candidatou-se a presidente e foi eleito. Atuou até o final de 2008, quando concorreu à reeleição, ainda no momento da pesquisa. Seu perfil na entrevista era similar ao de um político profissional. Eis o que diz:

⁹ Estação de transporte coletivo localizada no centro de Salvador.

¹⁰ Bairro da periferia da cidade, próximo de Mata Escura, onde reside atualmente e atua como presidente da Amme.

¹¹ Está se referindo ao bairro de Mata Escura

Fui convidado a participar da Amme (Associação de Moradores de Mata Escura), na qual atualmente sou presidente. Gostei da experiência, entrei como tesoureiro, depois fui eleito presidente e hoje estou concorrendo à reeleição. A eleição será no dia 21 de dezembro de 2008 e estou muito animado com a possibilidade de ganhar. Nesses seis anos na associação adquiri muita experiência, conheci pessoas na política, conheci o companheiro CH, que me passou algumas informações importantes. Caso seja reeleito, tenho alguns projetos, como: criação de uma creche comunitária, criação do transporte alternativo, a pavimentação asfáltica das ruas, uma boa iluminação pública, saneamento básico e água, pois a Embasa¹² tem que dar um melhor atendimento.

O líder em questão atuava com o vice-presidente CH até o final do mandato, quando este constituiu chapa e concorreu à eleição dissociado de TD, que teve de afastar do papel de liderança, pois foi derrotado. Não tivemos mais informações sobre a realidade descrita porque havíamos concluído o trabalho de campo. O associativismo, será focalizado de modo mais analítico no Capítulo 5.3.

Como se pode observar, nas três histórias de vida apresentadas há convergências e divergências que necessitam ser analisadas para se compreender melhor a trajetória das lideranças na realidade do associativismo. No tópico seguinte serão consideradas as características da liderança, a fim de elaborar o seu conceito à luz dos conhecimentos adquiridos, principalmente, da pesquisa empírica no *locus* de delimitação territorial do estudo.

4.7 CARACTERÍSTICAS RELEVANTES DA LIDERANÇA

No trabalho de investigação, em contato com os agentes sociais que atuam como líderes nas comunidades referidas, foi possível perceber a existência de fatores nas suas histórias de vida que estão relacionados com o processo de atuação nessas comunidades.

Esses fatores, abaixo relacionados, definem a liderança, considerando os aspectos que evidenciam essa categoria tipológica. As características comuns identificam os líderes como tipos ideais e foram constatadas a partir do desenvolvimento da pesquisa no contato com os sujeitos.

¹² Empresa Baiana de Águas e Saneamento.

- a) Existência de sentimentos de pertencimento, como: alteridade, reciprocidade e solidariedade, construídos no processo de formação da identidade nas fases de socialização (primária e secundária).
- b) Convívio no território por tempo suficiente para visualizar o desenvolvimento geoespacial e possibilitar o surgimento desses sentimentos, com a perspectiva de impulsionar a implantação e implementação de ações de intervenção.
- c) Manutenção da figura pública quando o sujeito identifica e é identificado na comunidade, a partir do papel social que executa.
- d) Diálogo com a comunidade, em meio à violência local, a fim de desenvolver atividade em benefício de todos os moradores.
- e) Responsabilidade e compromisso com os problemas urbanos e sociais vividos pela população das localidades em que atuam.
- f) Condição cultural considerada “marginalizada” quanto aos aspectos étnicos, de gênero e de estratificação social.
- g) Legitimidade do papel de liderança no território delimitado e existência do carisma como atributo do poder conquistado a partir da existência dos demais fatores relacionados.

Das histórias de vida sumariamente apresentadas, na de AT é evidente a relação entre sua trajetória existencial, a realização de trabalhos comunitários, quando adolescente, e sua atuação como liderança do Conselho de Moradores da Engomadeira. Nessa relação é possível perceber o caráter processual, histórico e dinâmico de sua identidade e a consolidação do elemento tipificador ligado aos sentimentos de solidariedade, alteridade e reciprocidade. Sua atuação na cidade natal, no interior da Bahia, como membro da Igreja Católica, em missões comunitárias, foi relevante para a construção da identidade solidária e a continuidade dessa prática em Salvador. Na análise de sua história de vida há evidências do processo de (re) construção da identificação quando a participação em ações sociais de solidariedade definiu uma personalidade caritativa, pois cultiva relações de alteridade e mantém estável sua imagem popular. Cumpre reiterar que carisma e sentimentos de pertencimento podem existir independentemente da ação da liderança em atuação nas associações de moradores, pois constituem

características do processo de identificação dos sujeitos. A associação é um cenário representativo, isto é, existe porque há uma identificação subjacente.

Quanto a AN, do Conselho de Moradores das Barreiras, e TD, da Associação de Mata Escura, há poucas evidências de trabalhos comunitários consolidados nas fases de socialização, embora existam outras características em suas personalidades que foram decisivas na identificação das lideranças.

A organização de campeonatos esportivos permitiu a AN o desenvolvimento de competências em trabalhar com grupos grandes; isso explica sua popularidade no bairro e reforça o interesse de sua participação como liderança da associação. Como vimos, no trabalho do Conselho da Engomadeira, os sentimentos de pertencimento são evidentes e cultivados na pessoa da presidente, a qual mantém uma imagem pública bastante positiva.

As três lideranças estudadas conviveram tempo suficiente no bairro, onde foi possível visualizar o crescimento da comunidade em todos os aspectos. Essa convivência possibilitou o desenvolvimento de sentimentos naturais e de pertencimento ao território. Até o momento da pesquisa, AT vive há 36 anos na Engomadeira, AN há 38 na Estrada das Barreiras e TD há 22 na Mata Escura.

O Conselho da Engomadeira mantém uma Escola Comunitária e desenvolve um programa de atenção às mães. O Conselho da Estrada das Barreiras, até 2008, oferece cursos de culinária, artesanato, ginástica para a terceira idade e mantém um serviço médico, além de realizar eventos esportivos, culturais e de lazer. Em Mata Escura, a associação reconhece suas limitações, pois não desenvolve ações pontuais; mantém, entretanto, a parceria com a Limpurb para a coleta de lixo em áreas de difícil acesso, quando essa empresa da Prefeitura disponibiliza funcionários que moram na comunidade.

O papel social de liderança em associações de moradores, executado por agentes sociais que têm popularidade na comunidade, é bem representativo, de uma demanda. Para tanto os sentimentos de pertencimento desenvolvidos de forma espontânea constituem característica importante e designativa da tipologia analisada, porque são referências para a identificação de pessoas ligadas às instâncias organizativas da sociedade civil, donde o uso significativo da preposição combinada com o artigo definido: AT do Conselho da Engomadeira, AN do Conselho de Moradores das Barreiras e TD da Associação de Moradores de Mata Escura. Isso, que tem um significado simbólico explícito foi perceptível no contato com o

território delimitado, pois, ao procurar, no início da pesquisa, os endereços das associações ou mesmo das residências dos líderes, ficou evidente na informação prestada pelos moradores.

Quanto à presença pública das lideranças no território, todas conseguem trafegar, com certa segurança, e mantêm referência no papel que executam. São conhecidas na comunidade, principalmente entre os moradores antigos. Todas elas são de origem que registra dificuldades financeiras e não existe situação favorável no presente. Essa questão é relevante do ponto de vista da existência sociohistórica dos atores sociais estudados, porque a busca da sobrevivência deixou na memória marcas de sofrimentos contadas nas histórias de vida. AT informa que sofreu preconceitos por ser negra e mulher; já AN e TD não deixam evidentes como viveram as relações étnicas e de gênero. No que tange à escolaridade das três lideranças estudadas, duas concluíram o ensino médio, e uma não conseguiu completar esse nível.

5 IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE NO CAMPO DA SUBJETIVIDADE COLETIVA

A discussão, nos meios acadêmicos em geral, sobre crises e rupturas é comum no sentido de fim e possibilidade de recomeço, com interpretações contemporâneas do social. Fala-se sobre o fim da História, do marxismo, enfim, das Ciências Humanas. A noção de ruptura chegou às diversas questões teóricas e epistemológicas, inclusive ao que se entendia, até há pouco tempo, por território, o que suscitou um outro termo: desterritorialização. Qual é o conceito de desterritorialização? É o que se trata do fim das relações de pertencimento no território? Significa que não construiremos mais laços afetivos no território, no sentido de base geográfica material e imaterial? Discutiremos neste capítulo questões sobre identidade e subjetividade coletiva e a relação com os agentes sociais no território delimitado. Para isso, focalizaremos o associativismo nos bairros da Engomadeira, Estrada das Barreiras e Mata Escura, com as respectivas lideranças que representam estas localidades e a relevância dos movimentos urbanos na cidade de Salvador.

5.1 LOCALIZAÇÃO E FORMAÇÃO DOS TERRITÓRIOS

Os bairros da Engomadeira, Estrada das Barreiras e Mata Escura estão localizados em uma zona territorial denominada Miolo de Salvador, nome designado nos estudos do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano para a Cidade (Plandurb), da década de 1970. Na região que compreende o Miolo existem 41 bairros, cuja área representa mais de 35% da superfície de Salvador. A denominação é consequência da localização geográfica, parte interna e central desse município que

possui 115 km² situa-se entre a BR 324 e a Avenida Luiz Viana Filho, mais conhecida como Avenida Paralela, e se estende ao bairro de Saramandaia até o Norte da cidade. Essa área era praticamente rural até fins da década de 1940, e expandiu-se urbanizando-se através do processo de periferização socioespacial. Para Fernandes (2004), o Miolo vem sendo aceleradamente ocupado pela população de baixa renda. A partir dos anos 1950 e mais intensamente na década seguinte,

[...] as alterações foram impressionantes. Da década de 60, mudanças no sistema de transporte transformaram a cidade. Nos anos 70 houve a implantação de importantes equipamentos e um intenso incremento habitacional. Nas décadas de 80 e 90 o Miolo cresceu com taxas superiores às de Salvador, constituindo-se num grande eixo de expansão da cidade. (FERNANDES, 2004, p. 2)

Abordar a localização geossocial é importante para se entender o território geográfico e o processo de desenvolvimento urbano. Fernandes (2004) reflete sobre o crescimento horizontal das cidades associado às questões de ordem político – administrativa do local, que intensifica a formação da periferia socioespacial e uma suburbanização, gerando sérios problemas sociais.

A segregação socioespacial da região que compreende o Miolo de Salvador é uma questão imbricada no processo de urbanização inversa, pois “[...] estas periferias são constituídas de populações pobres, com elevadas taxas de subemprego, carentes de serviços urbanos, físicos e sociais.” (FERNANDES, 2004, p. 3)

A cidade de Salvador, segundo dados do (IBGE)¹³, tem população estimada de 2.892.625; o Miolo, 189.028 habitantes.

¹³ Disponível em < www.ibge.gov.br > Acesso em: 19 maio 2009.

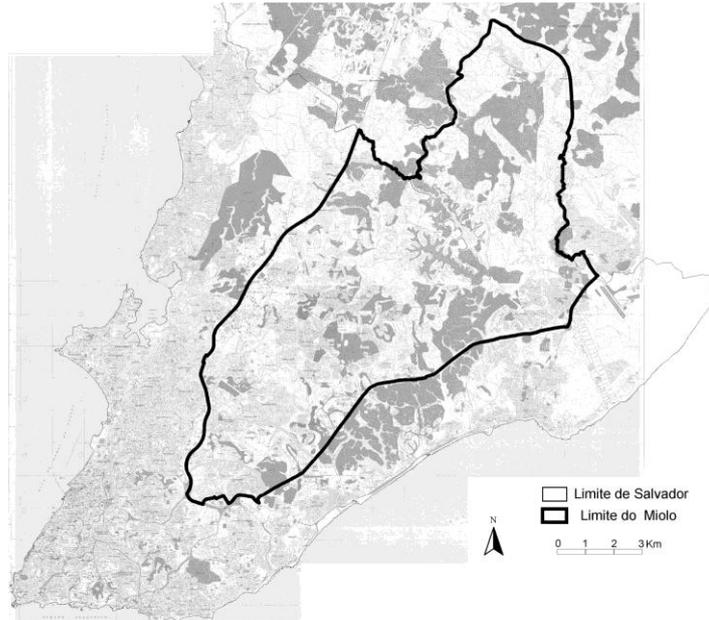


Figura 1 - Os limites do miolo na cidade de Salvador
Fonte: CONDER (2004) Mapa de Salvador, 1992. Escala 1:12.500

Caldas (2007) analisa a ocupação do Miolo e sua ocorrência a partir do início da década de 1950, com a construção do aeroporto de Salvador. Era necessária “uma via de ligação entre o aeroporto e a cidade”. (CALDAS, 2007, p. 30) Foi quando se construiu a Avenida Aliomar Baleeiro, conhecida como Estrada Velha do Aeroporto (EVA).

Dos aspectos que impulsionaram essa ocupação destaca-se a iniciativa governamental, com a implantação de programas habitacionais como a Urbanização da Bahia (Urbis).

5.2 TERRITÓRIO E IDENTIDADE

É importante refletir sobre as noções de território, de desterritorialização e de representação das subjetividades coletivas na atuação das lideranças em associações de moradores, porque diz respeito à construção e reconstrução das identidades dos agentes sociais. Há correlação entre a noção de território e a construção de sentimentos de reciprocidade do sujeito com o espaço onde reside. Nessas relações estão imbricados sentimentos de afirmação ou negação.

É possível perceber a importância do território para os sujeitos, a partir de pesquisas empíricas sobre sentimentos de posse, apropriação ou pertencimento. Muitos moradores de bairros populares possuem sentimentos afirmativos e os expressam em ações de intervenção para tentar mudar a realidade local; muitos, por outro lado, construíram sentimentos negativos e preconceituosos em relação a esses bairros, nos quais permanecem porque não dispõem de renda para se mudar. Ressalta-se que uma parcela significativa de moradores tem boa relação com estes territórios, mas não participa de movimentos associativos em defesa de seu espaço.

A relação entre identidade e território apresenta-se como construção dialógica, sendo território o campo que revela identidades múltiplas e a identidade um sentimento reconstruído e redefinido a partir do meio multirreferencial de aprendizagens cognitivas. Por isso, identidade e território são elementos indissociáveis, quando é possível construir relações de afetividade e aprendizagens na base socioespacial. Correa (1999, p. 172), ao discutir identidades territoriais, afirma:

Partindo do pressuposto geral de que toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social.

Para a identidade social definida fundamentalmente no território, segundo Correa (1999), existe dependência recíproca desses elementos, pois a identidade precisa do território para se definir e o território apresenta-se como espaço geográfico que agrega subjetividades coletivas; nessa pesquisa tem expressão no papel de lideranças em associações de moradores, as quais atuam na defesa e reivindicação dos direitos sociais básicos. Com efeito, “[...] de forma muito genérica podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes”. (CORREA, 1999, p. 172)

A identidade dos agentes sociais está em processo de reconstrução nos territórios, que se mostram reconstruídos na relação de pertencimento, reciprocidade e dialogicidade: “[...] pois por mais que se reconstrua simbolicamente o espaço, sua dimensão mais concreta constitui, de alguma forma, um componente estruturador da

identidade”. (CORREA, 1999, p. 172) Assim, identificar no âmbito social ou coletivo é identificar com, ou seja, é sempre um processo relacional. Daí o fato de que o território é um espaço onde se definem identidades quando indivíduos revelam sentimentos de pertencimento que, por sua vez, são capazes de mobilização em ações locais de intervenção. A atuação no território constitui defesa natural e orgânica e tem relação com o ato de pertencer ou delimitar.

A partir do aspecto relacional entre identidade e território, é possível discutir desterritorialização, como descontinuidade ou desaparecimento da base territorial? O conceito de território possui vertentes diferenciadas, entre as quais destacam-se: multiterritorialidade; reterritorialização, desterritorialização. Esta última nos interessa porque remete ao que significa declínio ou ausência das noções de pertencimento ao espaço geossocial.

A desterritorialização implica elementos específicos e representativos da subjetividade para ser definida; não considerá-los como pressupostos teóricos é generalizar ou mesmo unidimensionalizar as análises.

Assim, associar declínio ou decadência ao conceito de desterritorialização não é o que se entende neste estudo, pois os sentimentos de pertencimento, embora considerados remotos ou ultrapassados, podem ser visualizados nas práticas sociais, donde a sua permanência, principalmente entre os líderes comunitários em associações de moradores. É possível considerar, mesmo diante das dificuldades na atuação das associações, que as lideranças existem como símbolo de resistência nas práticas associativas diante da realidade de negação da subjetividade coletiva e afirmação do individualismo. Embora Maffessoli (2006) afirme que o individualismo seja uma característica psicológica acentuada com a consolidação do capitalismo e na contemporaneidade, seu declínio é evidente com o surgimento de grupos denominado “tribos”; a nosso ver, o individualismo nas práticas e relações entre os sujeitos apresenta-se reconfigurado na conjuntura atual e não impede o sentido de coletividade em organismos sociais governamentais e não-governamentais nas comunidades populares, como as desta pesquisa.

Dessa maneira, a liderança é a reafirmação da essência coletiva em exercício e das subjetividades coletivas representadas por atores sociais que realizam trabalhos de intervenção no espaço de um território delimitado. As ações desenvolvidas no âmbito do território constituem uma forma de controle e apropriação de seu espaço. Halbwachs (1990, p. 340) entende território como o que

[...] pode estender-se desde um nível mais físico ou biológico (enquanto seres com necessidades básicas como água, ar, alimento, abrigo para repousar), até um nível mais imaterial ou simbólico (enquanto seres dotados de poder e representação e da imaginação e que a todo instante re-significam e se apropriam simbolicamente do seu meio, incluindo todas as distinções de classe socioeconômica, gênero, grupo etário, etnia, religião etc.

Costa (2004) destaca a “necessidade territorial como controle ou apropriação do espaço” associada a pertencimento. Os aspectos materiais e imateriais, discutidos por Halbwachs (1990), são componentes do território, nos quais se encontram as representações simbólicas ou culturais ligadas às relações humanas na estrutura social, incluindo a condição econômica, a de gênero e a étnica. Os aspectos materiais estão relacionados à distribuição e obtenção dos elementos básicos para a sobrevivência humana, como água, alimento, abrigo. O nível material, na dimensão do território urbano, pode ser compreendido como infraestrutura e o imaterial como lugar de representações identitárias e de poder, onde atuam as lideranças. Escreve Costa (2004, p. 339): “[...] podemos denominar territorialização: as relações de domínio e apropriação do espaço, ou seja, nossas mediações espaciais do poder, poder em sentido amplo, que se estende do mais concreto ao mais simbólico”.

A desterritorialização é analisada por Costa (2004) como um mito, pois o que se vivencia é a construção da multiterritorialidade em uma miríade de territórios e redes marcados pela descontinuidade e pela fragmentação em constantes relações entre si. Essas relações são construídas no âmbito dos territórios e não podem estar associadas a declínio, mas à reconstrução de espaços territoriais, entendidos em sua multidimensionalidade, como reterritorialização. Assim, como assinala esses autores, a estrutura social capitalista e a determinação de estados descontínuos na relação com a base de sustentação territorial, em consequência da desconstrução de relações sólidas, e por causa da reconstrução da flexibilidade espacial, eis o que não são mais territórios-zonas, mas territórios-redes.

Para Costa (2004, p. 339), “[...] não há indivíduo ou grupo social sem território”. Identidade e território possuem caráter multidimensional a partir da construção de saberes materiais e imateriais. A liderança, como identidade coletiva, constitui processo de identificação dos atores sociais no território, por ser um saber

imaterial, simbólico, relacionado à reterritorialização, isto é ao que se configura como retomada dos territórios – zonas no mundo contemporâneo. Desse modo, o território, como espaço de afirmação da liderança, é o cenário representativo das associações de moradores.

Goffman (1983) define cenário como a parte material do equipamento expressivo, o qual pode ser compreendido como “[...] a mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos do pano de fundo que vão constituir o cenário e os suportes do palco para o desenrolar da ação humana, executada diante, dentro ou acima dele”. (GOFFMAN, 1983, p. 29) A partir dessa definição, é possível entender que a liderança utiliza o cenário, ou seja, as associações, de moradores, como parte de sua representação para atuar com ações movidas a sentimentos de pertencimento.

As organizações e os movimentos sociais na América Latina são vistos por Bringel e Falero (2008) como espaços de formação contra-hegemônicos dos sujeitos na busca do processo de emancipação. Os autores analisam as práticas dos agentes sociais na construção das subjetividades coletivas no território em que elas emergem. Por subjetividades coletivas entendem o: “[...] processo coletivo de elaboração, socialmente condicionado, e que supõe uma ponte para uma dinâmica de envolvimento com o objetivo de alcançar os direitos sociais”. (BRINGEL; FALERO, 2008, p. 6)

Segundo esses autores, a história forneceu numerosos exemplos de construção de práticas ligadas às subjetividades coletivas de resistência, emancipação e de luta, como alternativas de consolidação de modos diferentes de reorganizar o espaço, condicionado a se apresentar, a partir dos processos descontínuos capitalistas, de forma fragmentada. Dessa maneira, as lideranças interferem na redefinição espacial, como expressão da subjetividade coletiva e dos sentimentos vinculados ao território geográfico onde atuam, contribuindo para o seu redimensionamento. O território vem a ser, por isso, um lugar de reconstrução de identidades, que se apresenta de forma multifacetada, partindo da pluralidade de manifestações identitárias dos sujeitos. Tais sentimentos de pertencimento impulsionam as ações de caráter intervencionista no local, o que se deve ao fato de

[...] que nascer dentro de uma sociedade supõe avaliar as relações sociais que ali operam, através de um conjunto de sinais coletivos

compartilhados e que se diferenciam de outros, mas inclusive de poderosos sentimentos vinculados a um espaço geográfico específico. (BRINGEL; FALERO, 2008, p. 6)

Autores como Correa (1999), Costa (2004), Bringel e Falero (2008), Halbwachs (1990), sublinham a importância do território para a afirmação da identidade e das subjetividades coletivas na resistência à homogeneização imposta pelos condicionantes sociais do sistema capitalista, que promove o individualismo como paradigma e contribui para a definição da identidade do sujeito na sociedade. Castells (2006), por sua vez, discute a identidade coletiva no contexto da contemporaneidade e o impacto da informatização sobre as culturas associada à ação comunicativa em rede. A resistência a homogeneização refere-se à implantação ou implementação de núcleos de mobilização em organismos e movimentos sociais que promovem ações de mudanças socioculturais. Para tanto, a ação comunicativa em rede e a intensificação da identidade coletiva dos movimentos sociais contra a tentativa de homogeneizar as relações humanas estão relacionadas com a conquista de novos territórios na realidade de opressão das minorias, que intensificam cada vez mais a luta pela sobrevivência.

A identidade, nas relações de poder, de acordo com Castells (2006), é constituída de três modos distintos: identidade legitimadora – ligada às instituições dominantes; identidade de resistência – gerada por atores sociais em condições de discriminação e identidade de projeto – possibilitada mediante o acesso aos bens culturais disponíveis na comunidade. Segundo Castells (2006), a identidade de resistência desencadeia, na maioria das vezes, a construção da identidade de projeto e esta determina e direciona as ações dos movimentos e organismos sociais na sociedade. O processo de identificação do papel designado socialmente, como liderança, diante dessa tipologia pode ser classificada como de resistência, e as associações estão relacionadas à identidade de projeto, a começar pelas ações desenvolvidas no território.

Assim, as associações de moradores locais possuem representação de poder, através da liderança, nas relações de pertencimento construídas no território diante das condições de discriminação vivenciadas entre os moradores da comunidade. O poder, aí existe em consequência da construção legítima de demanda espontânea através da disponibilidade de ações e acesso a serviços, com

vistas à promoção humana. Está associado à manutenção do *status quo* da figura pública, carismática e solidária do líder.

A sociedade contemporânea e os indivíduos vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade. Paralelamente a essas tendências, vivenciamos o avanço das expressões da identidade coletiva. Para Correa (1999, p. 18), “[...] essas expressões são altamente diversificadas e seguem os contornos pertinentes a cada cultura, bem como as fontes históricas da formação de cada identidade”.

A definição que Correa (1999) atribui à categoria identidade tem relação com a construção de significados dos atributos culturais inter-relacionados entre si. Dessa maneira, a multiplicidade de identidades está relacionada às diferenças atribuídas aos sujeitos, e diante disso torna-se relevante tratar o campo da subjetividade com atenção, pois para cada ator social existem imbricadas a capacidade de autoconstrução e a individuação na afirmação da identidade. Assim, cada pessoa responde e reage de forma diferenciada aos estímulos; quanto ao que corresponde à liderança existem contradições nas atuações em distintos territórios ou no mesmo território.

Existe distinção entre identidades e papéis; Castells (2006) refere como exemplos de papéis: “[...] ser trabalhador, mãe, vizinho, militante, socialista, jogador de basquete, frequentador de uma determinada igreja e fumante, ao mesmo tempo e são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações na sociedade”. (CASTELLS, 2006, p. 22-23) A identidade, contemporaneamente, está relacionada à capacidade de reconstrução de papéis em processo dinâmico e voltada para a resistência à hegemonização dos sistemas ideológicos dominantes. Desse modo, o caráter coletivo da subjetividade representa alternativa de sobrevivência no âmbito individual e coletivo.

Para Goffman (1983), o desempenho do papel está associado, ou não, à necessidade de levar a sério a impressão que sustenta, pois a credibilidade destinada são atributos que fundamentam sua existência; isso porque o papel que o indivíduo representa “[...] terá conseqüências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser”. (GOFFMAN, 1983, p. 25)

A liderança na configuração do associativismo, objeto deste estudo, é um recorte do processo de identificação dos sujeitos, pois concebe a coletividade como um suporte de representação nas reivindicações que realiza no âmbito da

sociedade. Dessa maneira, o exercício de liderar é um papel incorporado na representação dos agentes sociais como atributo de poder, e tem consequências pretendidas no desenvolvimento da atuação. A identidade relacionada a processos de identificação é dinâmica, porém as características que a definem são construções que podem permanecer na essência dos sujeitos.

A capacidade de agrupamento em organizações comunitárias dos sujeitos está relacionada à necessidade de desenvolvimento do papel social pretendido, o que segundo Castells (2006, p. 79), representa processos de resistência à individualização e atomização, tendendo a gerar “identidade cultural, comunal”

Os sentimentos de coletividade e de pertença estão na essência dos sujeitos que podem desenvolver, ao longo da vida, capacidade de agrupamento em organizações. Por tanto, as organizações comunitárias são, para Castells (2006), movimentos urbanos que lutam contra a exploração econômica, como reação ao processo de opressão quando a capacidade de congregar ideias e aglutinar pessoas em movimentos representa autoconhecimento, ou seja, reconhecimento de si e do outro como base de sustentação do que está relacionado à identidade de resistência. A construção da identidade de projeto apresenta-se no território onde surge a contradição entre a estrutura política global e as manifestações locais. Neste sentido, afirma Castells (2006, p. 80):

Assim surgiu o paradoxo de forças políticas com bases cada vez mais locais em um mundo estruturado por processos cada vez mais globais. Houve a produção de significados e identidade: minha vizinhança, minha comunidade, minha cidade, minha escola, minha árvore, meu rio, minha praia, minha capela, minha paz, meu ambiente.

Para tanto, a produção de significados alocados nas relações de posse, com a utilização dos pronomes possessivos “meu” e “minha”, está relacionada ao sentimento de pertença construído, partindo de vivências e práticas sociais no território. A base territorial, como espaço geográfico e sociocultural, tem significado relevante na construção da identidade e da identidade da liderança, a qual exprime a consciência coletiva, ao romper com o individualismo predominante do sistema e

intensificar ações de solidariedade e alteridade, como manifestações da subjetividade coletiva.

Os movimentos associativos de bairro têm caráter político e desenvolvem campos de ações e forças sociais na sociedade civil, pois são “[...] coletivos porque no processo da ação sociopolítica desenvolvem uma identidade, de forma que se apresentam como atores coletivos”. (GOHN, 1998, p. 252) Dessa maneira, a liderança é representada por atores coletivos em movimentos associativos como cenário, para desenvolvimento de ações na comunidade, porque “[...] o líder não fala por si próprio mas o faz em nome do coletivo”. (GOHN, 1998, p. 252) Este processo de atuação tem o princípio da solidariedade como núcleo de articulação central. Gohn (1998) assim ressalta os movimentos que valorizam a solidariedade como ação e são também espaços possíveis de conflitos na intenção de articular as diferenças peculiares:

É necessário destacar que quando se fala em solidariedade não se quer dizer que os movimentos sejam internamente espaços harmoniosos ou homogêneos. Ao contrário, o usual é a existência de inúmeros conflitos e tendências internas [...] a solidariedade é o princípio que costura as diferenças fazendo com que a representação simbólica construída e projetada [...] seja coerente e articulada em propostas que encubram as diferenças internas, apresentando-se de forma clara e objetiva. (GOHN, 1998, p. 253)

O campo de conflitos é comum nas relações entre os sujeitos em movimentos e organizações em que a solidariedade é o núcleo dos sentimentos. O conflito mais comum entre os movimentos associativos está relacionado ou com a busca de poder ou com as diferenças peculiares dos sujeitos. Assim, o conflito é importante para polir as arestas em busca do crescimento no trabalho, pois são necessários polos positivos e negativos para o alcance e a consolidação de resultados.

A análise da reconstrução identitária dos atores sociais em práticas de intervenção comunitária em territórios delimitados, como se percebe, tem íntima conexão com a identidade, a subjetividade coletiva e o território na reflexão da categoria liderança. Estes conceitos são relevantes para compreensão da pesquisa que empreendemos, pois, no tópico seguinte eles apontam para a significação de espaços geográficos, que são os bairros investigados, pois intencionamos apresentá-los com as respectivas associações de moradores locais: Conselho de

Moradores da Engomadeira, Conselho de Moradores da Estrada das Barreiras e Associação de Moradores da Mata Escura.

5.3 TERRITÓRIO E SUBJETIVIDADE COLETIVA

O território é um espaço geossocial que revela saberes materiais e imateriais, pois constitui atributo importante para a redefinição da identidade e esta interfere na configuração espacial em movimento dialógico. O foco deste capítulo é, portanto, a formação socioespacial dos territórios da Engomadeira, Estrada das Barreiras e Mata Escura e a reconstrução das identidades dos atores sociais que acompanharam o processo de desenvolvimento urbano e cultural, intervindo como lideranças na organização territorial.

A formação socioespacial das unidades territoriais desses bairros faz parte da história contemporânea de Salvador, a qual compõe o cenário secular de desigualdades sociais do país. O processo histórico de segregação e marginalização do povo brasileiro é cruamente visível quando transitamos em ruas e vielas dos bairros populares, onde se reflete a ausência de ações do município, do Estado e do governo federal. Estes territórios são locais violentados pela criminalidade, como a do narcotráfico, sobretudo. É nítida, mesmo física e não só psicológica, a sensação de medo imposta a todos.

A história das lideranças de associações de moradores em áreas de pobreza está, pois, imbricada com a história de formação e ocupação dos territórios, entre outros aspectos, em consequência da convivência por períodos longos no mesmo espaço geossocial. Essa convivência como representação possibilita o surgimento de comunidades atuantes, donde a necessidade de diferenciar categorias como território e comunidade.

Assim, o território tem relação com aspectos materiais e simbólicos que contribuem para a configuração urbana. A comunidade vem a ser o resultado da operacionalização dos movimentos associativos de pessoas com objetivos e intenções comuns. Em uma unidade territorial é possível a existência de várias comunidades, como por exemplo: comunidades religiosas, escolares, de associações de moradores, desportivas etc. Ainda que a comunidade e o território

se distingam estão, entretanto, imbricados, porque não existe comunidade sem território.

Para analisar as unidades territoriais como parte da estrutura geoespacial, faz-se importante destacar a história das ocupações que propiciou a formação local. Apresentaremos a origem da formação dos territórios da Engomadeira, Estrada das Barreiras e Mata Escura, como unidades que fazem parte da estrutura geográfica na relação do local com o global.

A Engomadeira, segundo relatos de moradores, durante a realização do estudo e informações de pesquisas realizadas por estudantes de graduação e pós-graduação da Universidade do Estado da Bahia e da Universidade Católica do Salvador¹⁴, nos anos de 1950 a 1970, era uma área onde existia uma mata extensa, havia poucas casas e a população praticava a agricultura de subsistência. Nessa época não havia infraestrutura urbana, e a existência de fontes de água potável favorecia o contato e o conhecimento das pessoas que residiam no local; a água para o abastecimento doméstico e outros fins, como lavar roupas, era buscada nas fontes, obedecendo ao sistema de filas.

Os locais eram pontos de encontros de, principalmente, mulheres. Esta ação basicamente feminina foi importante para a história da ocupação e formação do bairro, porque as mulheres trabalhavam lavando roupas para os coronéis da época. Lavar e “engomar¹⁵” era uma ocupação comum, que, segundo relatos de residentes antigos na comunidade, deu origem o nome do bairro: Engomadeira, substantivo comum cuja aceção é a do verbo correspondente – engomar. Assim, a existência de encontros na fonte e em festividades como São João, Santo Antônio e outras, também consideradas prática comum, podem ser descritos como momentos em que se cultivavam amizades.

Possui população de 6 mil habitantes¹⁶ e três escolas públicas (Municipal Álvaro Rocha; Estadual Anizete Alves e a Municipal da Engomadeira); um posto de saúde, dois terreiros de candomblé. Faz divisa com os bairros Beirú, Estrada das Barreiras, Narandiba e conjuntos habitacionais como o Condomínio José Marcelino

¹⁴ Dos trabalhos realizados destaca-se a monografia de Especialização – *Educação comunitária e gestão democrática*, de Gabriel Swahili e a de Janine Barreto dos Santos, da Universidade Católica, *Percepção sócio-ambiental de lideranças comunitárias à Represa do Prata de Salvador*. Disponível no Conselho de Moradores do Bairro da Engomadeira (Comobe)

¹⁵ Segundo Sacconi (2007), engomar é “[...] colocar em goma e alisar posteriormente com ferro quente”.

¹⁶ Dados coletados no levantamento do Posto de Saúde da Família.

mais conhecido como Cabula IV, Pomar do Cabula, Solar dos Orixás, Conjuntos ACM (Antonio Carlos Magalhães) e Maestro Vanderley.

É basicamente residencial, embora tenha pontos comerciais que são mais conhecidos nas adjacências por vender mais barato. Tem imagem muito negativa por causa do poder narcotraficantes que é hegemônico. Há pontos íngremes e de difícil acesso; muitas casas estão em situação precária, e inexistente saneamento em algumas ruas, o que, com o acúmulo de lixo, cria focos de doenças.

A denominação Estrada das Barreiras é pertinente pela localização do bairro, que está situado em ruas transversais de acesso a outros bairros como Mata Escura e Beirú. Segundo levantamento realizado com a liderança do Conselho de Moradores da Estrada das Barreiras, este território geoespacial possui quatro escolas públicas, sendo uma estadual e três municipais, nove particulares e nenhuma escola comunitária. Há dois postos de saúde, mas a população reclama da ausência de atendimento médico. Algumas clínicas e laboratórios particulares. Não possui módulo policial, o que não constitui aspecto negativo, pois outros bairros têm esse equipamento e são de alta periculosidade. O território é beneficiado por um Horto Florestal coordenado pelo Ibama, através do Centro de Tratamento de Animais (Cetras).

Com uma população de 25 mil habitantes, segundo informações de Sant'anna (2007), a unidade territorial é "cortada" por 18 vias transversais de acesso local. A gênese de sua formação está associada, segundo moradores antigos, com a chegada dos desabrigados das chuvas, problema frequente em Salvador, e também em consequência do processo de urbanização desordenado da capital baiana. Escreve esse autor:

O crescimento urbano na área tem início quando da construção do conjunto habitacional Antonio Carlos Magalhães na década de 1970. Atualmente o bairro de Estrada das Barreiras conta com uma população aproximada de 25.000 moradores de acordo com o levantamento realizado pelo Posto de Saúde da Família. (SANT'ANNA, 2007, p. 43-46)

A localização do bairro favorece seu desordenamento por causa das muitas vias transversais existentes. A infraestrutura urbana é crítica em todos os sentidos: coleta de lixo, iluminação pública, esgotos, pavimentação.

Na unidade territorial da Mata Escura existe atualmente uma extensão de área verde, remanescente da Mata Atlântica, localizada no interior do bairro. No passado remoto foram construídas no local duas grandes represas, a do rio Camurugipe e a do rio do Prata, que serviram para o abastecimento de água na região. Caldas (2007), ao estudar a história do bairro, faz referência aos mananciais hídricos lá existentes, como de grande importância para Salvador, além de registrar que foi um sítio de cultos religiosos de escravos quilombolas. Atualmente, essa paisagem natural, que favoreceu a sobrevivência humana, encontra-se degradada. Os mananciais e represas formaram-se esgotos. Em relação à cultura africana, o bairro tem como patrimônio, em uma área de 14,8 hectares, o Terreiro de Candomblé Bate Folha. Assinala Caldas (2007, p. 32-33):

O atual bairro da Mata Escura serviu como local de abastecimento de água para a região devido a seus mananciais hídricos. Em 1880, a Companhia do Queimado, uma empresa de capital privado, compra parte das fazendas Bate Folha e São Gonçalo para construir as barragens da Mata Escura e do Prata, com o objetivo de abastecer Salvador, que contava na época com uma população de aproximadamente 60.000 mil habitantes e que até então dependia das águas das fontes públicas.

Trata-se, portanto, de um sítio urbano que é parte essencial da formação da cidade de Salvador. Sua ocupação é basicamente residencial, embora haja pontos comerciais. Em 1950 foi construído no local a Penitenciária Lemos Brito, um dos maiores presídios do Estado. Por causa da existência da penitenciária, conforme alguns residentes, a população do bairro se sente discriminada pelos moradores de outras áreas da cidade.

5.4 TERRITÓRIO E ASSOCIATIVISMO

Em Salvador existem vários movimentos sociais e organizações não-governamentais, o que inclui uma diversidade de associações de moradores. Em quase todos os bairros, há uma ou mais dessas associações. Cumpre assinalar que

em muitos bairros essas associações funcionam só como currais eleitorais. São poucas as associações que trabalham sem esse clientelismo político.

Em um breve relato sobre a história do associativismo em Salvador, constatamos que as primeiras entidades surgiram na década de 1940, como registra Espiñeira Gonzalez (1997, p. 27):

A vida associativa nos bairros populares de Salvador, conforme levantamentos feitos nos arquivos da Secretaria do Desenvolvimento Social do Estado da Bahia, registra no período (década de 40) o aparecimento de seis associações de bairros, número pouco expressivo. Constituíam agremiações sem caráter reivindicatório, o que só vai acontecer muito mais tarde, nas lutas do Corta-Braço e Alagados.

Espiñeira Gonzalez (1997), ao estudar o legado histórico das associações, registra que, em 1946, foi criada a Federação das Mulheres da Bahia, filiada à Federação Internacional das Mulheres. Trata-se de uma entidade que, “[...] aproveitando o impulso das manifestações contra a crise no abastecimento, alta do custo de vida entre outras reivindicações, dirige as suas para a obtenção de direitos básicos como alimentação, moradia, etc”. (ESPIÑEIRA GONZALEZ, 1997, p. 27) A moradia constitui elemento relevante da bandeira de reivindicações dos movimentos, nessa época. Em 1974, as associações continuaram a surgir em Salvador em um contexto de implantação de políticas públicas nas instâncias estatais e não-governamentais. Destaca-se o trabalho do Sesi, em 1985, o da Legião Brasileira de Assistência (LBA), do governo federal, que atendia a famílias de baixa renda com assistência médica, cestas básicas e tinha como principais parceiras as associações de moradores.

O modelo de desenvolvimento econômico adotado no país apresenta-se incompatível com o desenvolvimento humano porque, voltado para a obtenção máxima de lucro pelo acúmulo de capital, cria disparidades de renda que só agravam as desigualdades sociais. O desenvolvimento humano prioriza a escolaridade, tornando-a acessível a toda a população, o que contribui significativamente para a elevação do nível de renda dos trabalhadores e, em consequência, aumenta a expectativa de vida das famílias em geral.

Num país como o Brasil, onde o capitalismo chega a ser cruel, tamanha é a distância entre a produção de riqueza e a produção de miséria. Diante disso, surgem

propostas de melhoria das condições sociais em núcleos de trabalho no âmbito local. A esses núcleos denominamos associações de moradores. São essas propostas que, a seguir, vamos considerar à luz do associativismo nos bairros estudados.

A Engomadeira possui outras associações, além do Conselho de Moradores: Associação Cultural e Comunitária Engenhos dos Negros (o atual presidente recusou contato e informações para esta pesquisa, alegando que, em suas relações com pesquisadores, não auferia benefício nenhum); Sociedade Beneficente Recreativa e Cultural; Cooperativa Múltiplas Fontes da Engomadeira, que faz parceria com a Pró-Reitoria de Extensão da UNEB e mulheres do bairro. A Associação Recreativa e Cultural é relevante na história de AT do Conselho de Moradores da Engomadeira, porque, quando ela chegou de Livramento do Brumado, sua cidade de origem, tornou-se voluntária e prestava serviços como professora na Escola de Educação Infantil mantida por essa entidade. Eis o que diz:

Em 1976, iniciei com a Associação Recreativa da Engomadeira, fazendo um trabalho voluntário com crianças na creche. Lá, conheci o grupo do Sesi. O trabalho era duas vezes por mês, levar o pessoal, as famílias de comunidade para o Sesi para participar das reuniões, tinha que receber o alimento da cesta básica, tinha que ficar com uma prancheta com o nome de todo mundo. Mudou o ritmo das mulheres. Trabalhei na escola da Associação, neste mesmo ano, quando precisava eu ia como voluntária. Em 1985, fundamos o Comobe em parceria com o Sesi. O trabalho na comunidade incentivou a fundar o Comobe. Não tinha lugares para reunir. À sede da associação pedíamos para fazer reunião, nunca aceitava e quando aceitava era à noite, só que o Sesi não trabalhava à noite. Elas queriam fazer palestra aqui na Engomadeira, controlava a maternidade. Então tinha que ter lugar para a gente se reunir. (AT Liderança do Comobe)

O primeiro contato com trabalhos comunitários de AT em Salvador foi na Associação Recreativa, mais comumente denominada “sede”. Nesta associação iniciou-se o trabalho com o Sesi, o qual desenvolvia ação social, à época, com as mulheres das comunidades populares. O envolvimento de AT, nessas ações, foi importante para despertar a necessidade de fundar o Conselho e constituir um espaço para o desenvolver atividades de interesse comum no bairro. O Sesi é um órgão patronal que presta serviços aos trabalhadores da indústria; criado em 1946, foi a partir de 1975 começou a realizar trabalhos comunitários e de promoção social, visando a “preparar lideranças para assumir o processo comunitário, evitando a

dependência permanente da comunidade ao técnico e à instituição”. (ESPIÑEIRA GONZALEZ, 1997, p. 59)

Espiñeira Gonzalez (1997) observa que, nos movimentos de bairros,

[...] o partido, a igreja e o Estado existem neste contexto em razão dos moradores, com o empurrão dos primeiros. Trata-se na verdade dos três principais elementos presentes nos movimentos de bairros das últimas cinco décadas em Salvador. (ESPIÑEIRA GONZALEZ, 1997, p. 13)

Há a participação da Igreja, que favoreceu a construção do processo de identificação voltado para o desenvolvimento de trabalhos comunitários, ligados à solidariedade de AT do Conselho da Engomadeira, porque ela sempre atuou nas missões católicas em Livramento do Brumado e em Salvador. Diz ela:

Em 1959, fiz catequese, entrei na Igreja. Nasci na Igreja, fiz catequese aos sete anos de idade, depois da primeira comunhão entrei no grupo da perseverança. Nesta perseverança somos treinados para evangelizar outras crianças da mesma idade. Tinha esse trabalho. Nós começamos dentro da cidade, depois fomos para fora. As vezes, íamos para a Igreja, mas a Igreja era uma capela pequena e tinha muitas atividades mas mesmo assim a Igreja foi um sustentáculo, foi assim que conseguimos, eu, Antônio Freire, Peter, grupo que era da Igreja. Os diretores do Comobe todos eram da igreja. As nossas reuniões do Comobe começaram na Igreja. (AT do Conselho da Engomadeira)

Existem diversos elementos que impulsionaram a implantação de associações de bairros, mas a vontade de agir necessita da presença dos moradores que decidem se engajar na luta com ideais pautados na melhoria de vida da coletividade. É importante ressaltar que se diferenciam os aspectos estruturantes da ação de intervenção social das associações ou qualquer movimento urbano. No caso do Conselho da Engomadeira, parece que a prática filantrópica da líder nas ações de solidariedade ligadas à Igreja, em tempos remotos, fundamentou a reconstrução de sua identidade e, conseqüentemente, estimulou a fundação do Conselho de Moradores da Engomadeira. Já no Conselho de Moradores da Estrada das Barreiras e na Associação da Mata Escura, como vimos, não há elementos diretos na reconfiguração identitária ligados a ações de solidariedade em tempos anteriores que justifiquem o papel de líderes comunitários na conjuntura atual.

Se o Sesi foi o grande incentivador da fundação do Conselho da Engomadeira, espaço criado para desenvolver trabalhos com a comunidade, cumpre sublinhar que o rompimento da parceria com esse órgão resultou em prejuízos para o Comobe, que reduziu suas ações no bairro. Historicamente, as parcerias com organismos sociais governamentais e não-governamentais têm sido importantes no desenvolvimento do associativismo, sem comprometer o caráter da expressão espontânea das manifestações simbólicas locais, articulado à construção da autonomia nas ações propostas e desenvolvidas. A esse respeito, diz a líder do Comobe:

O Sesi era o sustentáculo, a base de todo trabalho na Engomadeira. O rompimento com o Sesi foi antes de 1979, fomos desligados do Sesi. Teve uma decadência muito grande, pois se achou por bem trabalhar com as pessoas ligadas ao trabalhador. Naquele momento, eles abriram para a comunidade, depois fecharam para atender o pessoal interno, porque cresceu muito e o custo era muito caro. Aí, eles ficaram para atender somente o trabalhador. As comunidades já estavam estruturadas, eles já haviam levantado aquela bandeira. Acabou o trabalho do Sesi, mas ficou o grupo formado. Aí quando começamos a trabalhar essas próprias mulheres, esses próprios maridos, com outra cabeça, com outra mente, foi o que ajudou a criar o Comobe. Esse grupo formado pelo Sesi foi o que primeiro se associou ao Comobe, eles começaram a trazer água, para fazer massa, a campanha do bloco.

O Conselho de Moradores da Engomadeira, quando esta pesquisa foi realizada, estava com dificuldades para captar recursos a fim de desenvolver as ações de intervenção propostas para a comunidade. Mas, mesmo com limitações orçamentárias, conseguiu manter a Escola de Educação Infantil para crianças da comunidade, com a ajuda financeira dos pais. É importante referir que estudantes de Nutrição e Pedagogia da UNEB realizam atividades de extensão acadêmica no Conselho da Engomadeira, como: palestras com pais, assessoria pedagógica, além de pesquisas de graduação e pós-graduação. Entre todas essas ações, sob a orientação de professores desta Universidade, destacam-se as intervenções do Prof. Eduardo Nunes, (orientador desta pesquisa) junto à comunidade, segundo o qual é possível mudar a realidade urbana quando se acredita no trabalho do associativismo.

A presença do Comobe na comunidade da Engomadeira, há 24 anos, é bastante significativa quanto à definição e redefinição das identidades dos atores sociais que construíram o ideal pautado no associativismo. Os moradores têm

conhecimento da existência do Conselho, principalmente os mais antigos. O pertencimento construído nas relações de reciprocidade e cultivados ao longo dos anos identifica as pessoas que estão ligadas ao movimento. Da diretoria ao voluntariado, muitos que passaram pelo Comobe deixaram as marcas de um engajamento comunitário e o trabalho árduo, mas afetivamente recompensado. Os que se permitiram estar juntos apenas por questões financeiras ou de outra natureza, saíram decepcionados com o movimento e não acreditam que a ação associativa, comunitária e conjunta pode ser capaz de empreender mudanças em benefícios de todos.

Com efeito, o Conselho de Moradores da Engomadeira contribui para a reafirmação da identidade associativa, pois proporciona a construção e a reconstrução do processo de identificação dos agentes sociais no território delimitado. Cumpre assinalar que a figura representativa da solidariedade, reciprocidade e alteridade está identificada com a pessoa de AT – presidente do Conselho que, na adolescência e idade adulta, participou de movimentos ligados à ação comunitária nas missões católicas. A participação em ações de solidariedade bem como as relações filantrópicas cultivadas nas práticas religiosas intensificou a construção da identidade com alteridade e pode ser considerado um traço que a distingue das demais lideranças. Para tanto, o Conselho presidido por ela tem a essência dessa simbologia associativa e solidária.

Outro aspecto importante, que merece destaque, é a postura frente à participação de candidatos a cargos políticos como parceiros do Conselho. Embora em tempos remotos isso tenha acontecido, atualmente o Comobe recusa essa participação. As razões são pertinentes, porque em sua grande maioria os políticos, costumam se aproximar das associações com a finalidade apenas de se eleger, já que estas agregam muitos membros e representam a comunidade local. Fica evidente, na citação da liderança, a visão que expressa o caráter público do Conselho com o registro no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas: “Eu não posso me associar a nenhum político, pois tenho CNPJ. Nossa associação não é particular é pública, da comunidade”. (AT 07/04/2008)

O associativismo, por ser uma manifestação do poder local, é caracterizado de forma espontânea, legítima e racional. Como não há políticas públicas nas instâncias estatais voltadas para beneficiar a população em estado de carências materiais extremas; não por outro motivo, os sujeitos em condições desfavoráveis

socialmente, tendem a se associar e se mobilizar. Por isso, são nos projetos de uma sociedade com menos desigualdades, que a parcela “marginalizada” da população encontra abrigo em diversas dimensões.

As instalações físicas da sede do Conselho da Engomadeira vêm melhorando a cada dia, de forma gradual, pois a ausência de recursos financeiros impede que no espaço disponível se desenvolvam ações de oficinas, cursos profissionalizantes e outras.

Na Estrada das Barreiras, a presença do associativismo tem um caráter público e pode ser visto na maneira de organizar o espaço da associação e na postura do líder. O espaço é dividido em dois pavimentos: no primeiro fica a sala onde a liderança realiza atendimentos; é climatizada e tem um aspecto burocrático; no segundo, acontecem eventos e cursos profissionalizantes abertos à comunidade. É possível perceber que o elemento figurativo da filantropia, que, em tempos anteriores, poderia ter realizado ações ligadas à solidariedade, não existe na representação da liderança. Essa questão não apresenta, porém, um aspecto negativo, pois o presidente construiu as referências de lideranças com outras características operativas dessa categoria, como vimos no capítulo 4.

Nota-se que além do Conselho de Moradores da Estrada das Barreiras, existem outras associações, entre as quais destacam-se: Associação da Vila Dois Irmãos, Associação da Vila Moisés, Loteamento Sol Nascente e Conselho de Moradores do Conjunto ACM.

O papel designado como liderança está ocupado, no momento da pesquisa, por AN, que participara anteriormente do Conselho como diretor de esportes, o qual declara que não tinha intenção de ocupar o cargo de presidente dessa instância associativa. Sente-se responsável no papel que exerce na comunidade e diz que o Conselho é importante em sua vida e que disponibiliza seu tempo de folga para prestar serviços. Assim, relata AN:

Eu tenho que ter tempo disponível a dar ao Comoba. Se eu levar um dia sem vir aqui, no outro a pessoa vai dizendo que passou o dia aqui e não tinha ninguém para atender, mesmo que outra pessoa venha aqui. Acho essa cobrança positiva, sou útil também, a pessoa que é cobrada é útil também. Tenho alguma coisa para oferecer, na verdade.

AN considera-se imbuído de sua responsabilidade como líder e acha que precisa disponibilizar seu tempo para atendimentos na comunidade. Essa

disponibilidade está relacionada com o exercício da função. Assim ele avalia o Comoba: “Hoje melhorou muito para o que eu conheci, eu vi o Conselho no passado, hoje eu acho que os diretores, mesmo com o pouco tempo que têm, eles participam mais, as pessoas até reconhecem os diretores do Conselho na rua”.

Na percepção dessa liderança, a atuação da associação na comunidade desperta insegurança e percebe-se, com essa constatação, que o associativismo está perdendo cada vez mais o caráter de participação popular. Diante da necessidade de sobrevivência material, as pessoas se aproximam do Conselho com a intenção de obter proveitos e não entendem a importância de ser parte da associação.

Eu acho que as pessoas olham o COMOBE, com um olhar desconfiado, eu nunca fiz uma pesquisa sobre isso, mas eu acho que é com um olhar desconfiado. Apesar de que também quem mais procura a associação para algum benefício, para identidade, CPF, hoje que a gente tem um médico clínico, dentista, quem mais procura é quem não é associado, mas mesmo assim eles têm um olhar que isto é uma jogada política, que isto é para beneficiar alguém do Comobe.

Existem dificuldades em relação à participação e mobilização nas circunstâncias em que o associativismo se apresenta nesse território. As pessoas que convivem com o Conselho de Moradores das Barreiras não acreditam na presença dessa instância como fomentadora de mudanças. A adversidade das relações construídas na comunidade pode ser explicada, entre outros motivos, pela ausência de um projeto político-pedagógico que possibilite atuar de forma consciente, acreditando nas possibilidades de mudança e priorizando certas ações, com vistas à promoção humana, com perspectiva orçamentária adequada à realidade da associação. Entre os moradores não há cultura de participação associativa, embora o Comoba sempre promova cursos ou oficinas profissionalizantes para a comunidade. A esse respeito, observa Putnam (2006, p. 104): “[...] a participação em organizações cívicas desenvolve o espírito de cooperação, o senso de responsabilidade comum para com os empreendimentos coletivos”.

Quanto à participação de políticos no Conselho de Moradores da Estrada das Barreiras, isto sempre existiu. AN vê esse envolvimento com naturalidade e o considera importante, pois, segundo ele, políticos trazem benefícios para a comunidade:

[...] a gente trabalha com um cara que é candidato a vereador, o que a gente pede, ele dentro do possível ajuda. O médico está sendo mantido aqui, através dele, o pediatra através dele, o dentista também. Se alguma pessoa disser que vai ser presidente de alguma associação e não quer político, sei não. Tem coisa que, se não for o político... Vou dar exemplo do Comoba: com a mensalidade de 3 reais para os associados, vai ter condições de pagar a hora de um clínico? de um dentista? de um pediatra? Não tem condições.

É fato que, na experiência brasileira, os políticos populistas ou demagogos só procuram as associações de bairros para se eleger. Chegam com promessas de campanha e oferecem, muitas vezes, o que nunca têm condições de cumprir. No início da pesquisa, que coincidiu com o período de eleições municipais em Salvador, o Comoba apoiou um candidato a vereador e, em troca, obteve atendimentos médicos e odontológicos para a comunidade. No período eleitoral, o fluxo de pessoas na associação era grande e o contato com a liderança, para efeito desta pesquisa, ficou mais difícil. Depois de eleito esse político em questão, já não tinha mais o que oferecer à comunidade. Afirma AN:

A participação de políticos no Comoba em parte é benéfica. Eu acho que se o político não fizer, a comunidade em si não tem condições de fazer. Dou um exemplo: a maior parte da construção da sede, na gestão passada, foi feita por políticos, trazendo blocos, arria, arenoso, cimento. Se for botar a comunidade para fazer, não quer botar o seu dinheiro, na realidade não quer botar não, eu expressei mal, as pessoas não têm para botar. [...] queira ou não, tem algum político que mesmo durante a campanha a gente tem que ter alguma dele para dar à comunidade, ou que sirva de raiz para dizer: Aquele ali deu alguma coisa para a gente. Infelizmente, se o político não der, ele não ganha o voto.

Diante disso, fica evidente a relação clientelista construída entre políticos e associações. Essa relação é negativa para os movimentos sociais urbanos, que representam alternativas de luta contra a hegemonia dominante, porque o discurso dos partidos políticos, na experiência da frágil democracia brasileira, é populista, enganador. As associações de bairros, diante dessa realidade, ficam clientes dos políticos, tornam-se vulneráveis e muitas atuam somente em períodos eleitorais.

Putnam (2006, p. 116), ao estudar a realidade política italiana, afirma “[...] onde as associações prosperam, onde os cidadãos se interessam pelas questões comunitárias e votam por convicção e não por clientelismo, aí é que vamos também encontrar líderes que acreditam na democracia e não na hierarquia social e política”.

A atuação da Associação de Moradores da Mata Escura, no momento da pesquisa, estava direcionada, como atividade principal, para a reeleição de uma vereadora residente do bairro. Ela mantinha como “funcionários” o presidente da associação, o vice e a secretária, os quais eram renumerados como “cabos eleitorais”, isto é, trabalhavam só para obter votos para essa candidata que, além do salário pago aos dirigentes da associação, responsabilizava-se pelo pagamento das contas de água, luz e telefone e utilizava a sede da Amme como escritório particular. Dos benefícios para os moradores da comunidade, merecem destaque: gratuidade para obtenção de carteira de identidade, CPF e título de eleitor, com disponibilidade de transporte; patrocínios de eventos festivos com visibilidade do nome da candidata. Entretanto, ela não conseguiu a reeleger-se. O que, em consequência, deixou a Amme em situação de abandono. Eis o que diz o presidente da associação:

Reconheço que a Amme não tem um trabalho bom, posso falar, caso venha ser reeleito o que quero implantar. O que fizemos aqui foi tudo baseado na vereadora,¹⁷ a gente em vez de agir ficou muito dependente dela. A parceria com a candidata teve mais pontos negativos do que positivos. Hoje em dia não faria parceria do jeito que foi feita, ela contribuiu muito, mas a parte que poderia ser feita pelo presidente e diretores não foi feita.

A prática clientelista é assim comum na maioria das associações de moradores, as quais realizam verdadeiros “conchavos” com políticos como estratégia para continuar funcionando e prestar alguns serviços à comunidade. As ações desenvolvidas em sua maioria são irrelevantes no que se refere à promoção humana, pois não proporcionam mudanças significativas.

Putnam (2006, p. 118), reelabora a noção de civismo e sobre ela reflete em sua relação com o compromisso dos líderes comunitários:

[...] o civismo tem a ver com a igualdade e também com o engajamento. É impossível especificar as complexas conexões causais subjacentes a esse conjunto de relações entre elite e massa. É inútil indagar se o que vem primeiro é o compromisso dos líderes com a igualdade ou o compromisso dos cidadãos com o engajamento.

¹⁷ Referindo-se à aliança política que fizeram, apoiando uma candidata à vereadora. Ganhava salário para trabalhar dentro da associação, como cabo eleitoral da candidata. Ela não se reelegeu e a associação ficou quase abandonada. Inúmeros contatos foram feitos. Retornou ativa no momento da eleição, para mudança na presidência.

O civismo é definido pelo autor como a competência para o engajamento político de líderes comunitários preocupados com a realidade social de opressão do capitalismo moderno. A igualdade à qual Putnam (2006) se refere está relacionada à equidade no sentido de equilíbrio nas relações de produção e distribuição de renda. A competência cívica e a construção do ideário de mudanças no âmbito da política administrativa local estão distantes da realidade para a maioria das lideranças e para grande parcela da população.

É importante referir que em Mata Escura as chapas para a eleição da diretoria da Amme têm concorrência significativa e muitos se habilitam a participar. É possível fazer uma analogia entre as eleições na Amme e as eleições municipais em Salvador. Conseguir eleger-se para o Executivo ou Legislativo da capital baiana significa vir a fazer parte de uma cúpula que detém o poder e, conseqüentemente, apropria-se de recursos financeiros. A fala da liderança lembra um discurso de um candidato a vereador, tentando se eleger com promessas de campanha:

Nosso objetivo está focado para o próximo mandato. Caso seja reeleito tenho alguns projetos como: criação de uma creche comunitária aqui na Nova Mata Escura, é um projeto que vamos procurar os órgãos públicos para estar botando em prática, tem a criação do transporte alternativo que não temos aqui, já que tem dificuldade de ter o coletivo, a pavimentação asfáltica das ruas, falta uma boa iluminação pública, saneamento básico e a água, pois a Embasa tem que dar um melhor atendimento.

A realidade do associativismo nos bairros populares pode ser considerada instável diante da ausência de recursos orçamentários e também de propostas viáveis com continuidade de ações e resultados esperados. É possível transformar o sonho em realidade ou perceber a realidade no sonho, quando encontramos práticas associativas que condizem com propostas consistentes de ação social e com o que se pode construir de modo solidário.

Outra questão que merece destaque e chamou a atenção na postura da liderança em Mata Escura foi a comovente tentativa de ajuda a uma população de outra comunidade e de outro Estado. A mídia, com sensacionalismo, divulga as tragédias como se estivesse vendendo um produto em um mercado, e mobiliza as pessoas com um discurso que intensifica o assistencialismo e desvia a responsabilidade governamental frente às problemáticas sociais. Estamos nos referindo à tragédia que aconteceu em novembro de 2008 no Estado de Santa Catarina, quando um temporal acarretou mortes e desabrigados. A Amme fez

campanha para arrecadar roupas para os desabrigados naquele Estado do Sul do país, quando essa preocupação e responsabilidade em nível local não são prioritárias nessas práticas associativas. Em todos os contatos mantidos na Amme não foi possível perceber nenhuma ação desse tipo que mobilizasse pessoas do local. A realidade externa produz mais comoção e se apresenta com mais possibilidades de ação. Essa contradição é negativa. Assim ressalta a liderança: “No momento estamos unidos, como todo o Brasil, para arrecadar fundos e doações para o povo de Santa Catarina. Já arrecadamos uma boa quantidade de roupas”.

É possível considerar que as representações do associativismo, nas instâncias locais, produzem impactos e resultados que podem ser positivos e negativos. Este conteúdo valorativo na acepção positiva está relacionado aos sentimentos de pertencimento peculiares da essência coletiva dos indivíduos na sociedade. Por isso as categorias como território, subjetividade coletiva e identidade se imbricam e suscitam a reflexão sobre o objeto deste estudo: a liderança em associações de moradores. O território constitui a base multirreferencial das subjetividades coletivas dos atores sociais que exercem papel de liderança na comunidade onde atuam. As práticas de liderança na configuração da solidariedade, alteridade e reciprocidade são imprescindíveis para a permanência e a difusão da essência da coletividade entre os sujeitos que a constituem.

6 O CARÁTER EDUCATIVO DA LIDERANÇA NOS BAIROS POPULARES DE SALVADOR

O caráter educativo da liderança em associações de moradores em Salvador parte do pressuposto de que a identidade dos sujeitos na sociedade é formada no contato com a coletividade de forma representativa. Assim, na formação humana, é significativo o papel dos grupos sociais na socialização, e, em consequência, na construção do processo de identificação dos indivíduos. Quando consideramos que a coletividade é de importância crucial na construção da identidade, sublinhamos a relevância dos sentimentos de pertencimento – solidariedade, alteridade e reciprocidade – para a constituição do ser social. Esses sentimentos coletivos têm, na expressão da liderança, um caráter educativo.

A educação, por ser um processo social contínuo que abrange todo o ciclo de vida dos sujeitos, recebe influências tanto no âmbito da família quanto no contexto da sociedade. De maneira específica, mostraremos em que consiste a liderança na realidade do associativismo e como o exercício desse papel social contribui, direta ou indiretamente, para o processo de identificação dos agentes sociais.

É possível considerar que os indivíduos aprendem com o meio as formas elementares para viver em sociedade a partir da percepção do outro como uma representação social do eu em processo de construção. Esse processo é parte essencial da formação humana; afinal, vir a ser humano pressupõe que se convive e se aprende com pessoas. Por isso as aprendizagens cognitivas, em processos formais e não-formais, são constituídas de estímulos e respostas contínuas, que são decisivas na formação da identidade e acompanham o indivíduo por toda a vida.

Primeiro, abordaremos a importância da coletividade na formação humana, em contraposição aos valores do paradigma do individualismo, para compreender os

sentimentos coletivos e o caráter educativo desses sentimentos. Ora, o que tem surgido em todos os países, e bem antes da globalização capitalista, são formas alternativas de coletividade, que possibilitam um olhar diferenciado da vida e das relações, como assinala Maffesoli (2006, p. 101): “[...] existe uma organicidade das coisas e que de uma maneira diferencial, tudo concorre para a sua unicidade”

Cumprе assinalar que, os sentimentos coletivos geram a necessidade de associar ou formar grupos que Lapassade (1983, p. 65) define como:

[...] um conjunto de pessoas em relação umas com as outras e que se uniram por diversas razões: a vida familiar, uma atividade cultural ou profissional, política ou esportiva, ou amizade, ou religião... Ora todos esses grupos – equipes oficinas, clubes células – parecem funcionar segundo processos que lhes são comuns [...].

Um conjunto de pessoas que se unem a partir de um processo comum, segundo a definição de grupo de Lapassade (1983), está relacionado a dois fenômenos que são de importância-chave neste estudo: o associativismo e o comunitarismo. O associativismo se refere, na definição do autor, à capacidade natural dos seres humanos de se unir e formar grupos. Para Sacconi (2007, p. 857), a união é definida como “[...] ação ou efeito de unir-se; ajuntamento de pessoas com interesses comuns; ou mesmo associar-se”. Já o comunitarismo concerne à finalidade formal da união que é o elemento comum. Conforme Sacconi (2007, p. 188), a palavra “comum” pode ser conceituada como “o que é de muitos ou de todos” e possui variações como comunidade e comunitário. Dessa maneira, a partir dos conceitos assinalados, definimos grupo como a capacidade de as pessoas se unirem ou associarem mediante os interesses de muitos ou de todos, movidos por sentimentos de pertencimento e formando comunidades ou tribos. O conceito de grupo está imbricado com o que denominamos de coletivos ou formas de coletividade.

As formas alternativas de coletividade podem ser exemplificadas como: cooperativismo, associativismo, movimentos sociais, organizações não-governamentais e tantos outros modos de organizar uma empresa privada, uma instituição pública, visando a priorizar a gestão participativa a fim de respeitar as diferenças naturais dos seres humanos, considerando a potencialidade de cada um e a relevância desse potencial para a constituição da unidade finalizadora entendida como “unicidade”. Trata-se de partir da construção da autonomia em busca da

heteronomia, isto é, do processo em que o nós vem a se constituir como representação do próprio eu.

Santos (1999), ao refletir sobre as formas alternativas de coletividade a partir do pensamento e das práticas associativistas e cooperativistas, observa que essas práticas foram desenvolvidas como resposta ao individualismo liberal. Por isso,

Os movimentos sociais, ONGs, comunidades e setores governamentais da semiperiferia e da periferia continuam a promover formas associativas de produção: associações de moradores, cooperativas de trabalhadores, que procuram assegurar o acesso das classes populares a bens e serviços básicos. (SANTOS, 1999, p. 48)

A promoção das formas alternativas de coletividade contrapõe-se ao que é preconizado pelo capitalismo, para o qual “[...] a noção de desenvolvimento é entendida particularmente como crescimento econômico”. (SANTOS, 1999, p. 123)

Segundo Maffesoli (2006) há um declínio do individualismo nas sociedades de massa e tendem a ganhar cada vez mais importância as relações entre os sujeitos na sociedade e a representação dessas relações na constituição de “tribos”, como resultado do prazer de estar juntos. À representação dessa realidade comunal, onde há uma perda de si e o encontro constante e permanente com o outro, o autor denomina de socialidade e a define como “[...] uma concentração de pequenas tribos que se dedicam, de qualquer modo, a se ajustar, se adaptar, se acomodar entre si”. (MAFFESOLI, 2006, p. 14)

A construção do pressuposto teórico apresentado por Maffesoli (2006, p. 46) aponta para a importância da participação e dos sentimentos comuns, com a retomada das formas comunitárias que, segundo o autor, “acreditávamos haver ultrapassado”. Sobre isso, afirma:

[...] redescobrimos que o indivíduo não pode existir isolado, mas que ele está ligado, pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e pela moda, a uma comunidade, que pode não ter as mesmas qualidades daquelas da idade média, mas que nem por isso deixa de ser uma comunidade. [...] Entretanto é inegável que existe uma sociedade “política”, uma sociedade “econômica”, existe também uma realidade que dispensa qualificativos, e que a coexistência social como tal que proponho chamar socialidade, e que poderia ser a forma lúdica de socialização. (MAFFESOLI, 2006, p. 140-141)

Não por outro motivo, a liderança encarna um papel social destacado na representação do coletivo, pois possui uma imagem figurativa que reforça a socialidade como um “[...] cimento sólido que são a partilha, a ajuda mútua ou a solidariedade desinteressadas”. (MAFFESOLI, 2006, p. 146) As práticas solidárias e de reciprocidade da liderança em associações de moradores consolidadas em tempos remotos podem ser consideradas como um “hábito”, uma ideologia – e, como tal, contribuem para a disseminação de ideias que marcam uma história. Daí, seu caráter educativo.

A liderança se caracteriza pelo envolvimento orgânico do líder na comunidade, com a percepção de que é imprescindível considerar nas relações o nós, pois há prazer em viver coletivamente. Quando relacionamos as práticas da liderança e o conceito de habitus, cumpre esclarecer que, de acordo com Bourdieu (2001, p. 61), trata-se de “[...] um conhecimento adquirido, é também um haver, um capital [...] indica a disposição incorporada, quase postural [...] de um agente em ação”. À luz dessa compreensão, a liderança é uma prática adquirida no processo de aprendizagem, considerando a disposição incorporada dos agentes sociais no meio em que convivem ou conviveram.

Assim, a relação existente entre a categoria liderança e o conceito de habitus apresenta-se como um processo que possibilita a construção de identificações de outros agentes sociais, considerando o caráter educativo dessa relação. Os movimentos de associações de moradores e demais organizações que intervêm na realidade social, possuem uma história de luta e reivindicações e deixam um legado cultural que se constitui como referência nas práticas educativas tanto formais quanto informais.

O caráter educativo ao qual estamos nos referindo está diretamente relacionado com as práticas de lideranças nos movimentos, porque partimos do pressuposto de que todas as organizações sociais possuem uma liderança como representação da coletividade em questão. Por isso não afirmamos que os movimentos sociais têm caráter educativo, mas sim a liderança, porque esta corporifica as ideias e mantém vivo o movimento independentemente do elemento figurativo que envolve, ou seja, não importa aquele que representa o papel, mas quem solidifica os ideais dando continuidade à luta contra a opressão e em busca de uma realidade onde as pessoas possam viver mais dignamente. A existência do associativismo como exercício de aglutinar pessoas e movimentar ideias, com

objetivos comuns, mesmo com as limitações e dificuldades na efetivação dos resultados, tem importância na construção de ideais utópicos, como referência na reconstrução de identidades individuais e coletivas.

Gohn (1999), em estudo sobre Movimentos Sociais e Educação, faz referência ao cidadão coletivo que busca os interesses da coletividade para reivindicar direitos relativos à sobrevivência ou mesmo como exercício da cidadania de negros, homossexuais, mulheres etc. A liderança é representada por um cidadão de uma comunidade, o qual pode ser denominado de cidadão coletivo. Escreve Gohn (1999, p. 16):

O cidadão coletivo presente nos movimentos sociais reivindica baseado em interesses de coletividade de diversas naturezas. Assim, temos grupos de mulheres que lutam por creches, grupos de favelados que lutam pela posse da terra, grupos de moradores pobres que lutam por acesso de algum tipo de moradia etc. [...] Temos assim os grupos que lutam pelo exercício da cidadania dos negros, homossexuais, mulheres, pela paz, em defesa da ecologia etc.

O cidadão coletivo em apreço dissemina suas ideias e pode ser fonte inspiradora do processo de identificação de outros agentes próximos a ele no âmbito da família ou exteriores à comunidade, considerando que a formação da identidade é uma interação simbólica quando a construção do eu constitui uma referência da participação do outro. Dessa maneira, a categoria liderança, como foco deste trabalho dissertativo, tem no bojo dessa prática a construção de relações de solidariedade, alteridade e reciprocidade, quando o outro é a corporificação de um coletivo organizado. Para tanto, este conjunto de elementos, que contém expressões de trabalhos sociais ligados ao associativismo, ideias utópicas, construção de identidades e outras qualidades, é considerado um exercício da cidadania. O estar na sociedade não significa compor, mas inserir-se de forma a possuir benefícios necessários que justifiquem a cidadania, a qual está ligada estreitamente à educação. É o que ressalta Gohn (1999, p. 16):

A educação ocupa lugar central na acepção coletiva da cidadania. Isto porque ela se constrói no processo de luta que é, em si próprio, um movimento educativo. A cidadania não se constrói como um processo interno, no interior da prática social em curso, como fruto do acúmulo das experiências engendradas. A cidadania coletiva é constituidora de novos sujeitos históricos: as massas urbanas espoliadas e as camadas médias expropriadas.

A autora afirma que todo processo de luta constitui um movimento educativo associado ao exercício da cidadania, pois esta é construída nos movimentos sociais nas reivindicações de base. Assim, os movimentos sociais têm caráter educativo, reivindicativo, e contribuem para a formação de sujeitos históricos e protagonistas de suas próprias vidas.

Podemos considerar como dialógica a relação entre educação e cidadania na formação de identificação de novos sujeitos, pois estes constroem e reconstróem suas histórias de luta e as protagonizam.

A esse respeito, duas questões cruciais são pontuadas por Gohn (1999): a dimensão educativa e a dimensão pedagógica dos movimentos sociais. Nesta análise, movimentos sociais são entendidos como de caráter explicitamente reivindicativo de uma demanda popular e que têm no bojo de sua ação a capacidade de aglutinar e mobilizar a comunidade ou território em que está localizado. Assim, a dimensão educativa constitui um processo dialético de construção e reconstrução de identidades, quando a liderança se torna referência na comunidade a partir da capacidade de mobilizar e aglutinar. A dimensão pedagógica está voltada para a utilização de instrumentos operacionais das ações em si.

A existência da liderança na comunidade possui caráter educativo, dentre outros motivos, pela capacidade de influenciar outros agentes, os quais, por sua vez, poderão executar o mesmo papel social e manter de forma contínua a atuação do associativismo no território delimitado. Ressalta-se que essa categoria pode ser explorada como recurso pedagógico, principalmente na educação institucionalizada ou formal, pela importância que tem na vida, diante das dificuldades conflituais de aceitação e convivência com o outro. Assim, a noção de liderança pode fundamentar a construção de colegiados de pais, alunos, grêmios estudantis, favorecendo a participação de todos nas tomadas de decisões e considerando a relevância da participação coletiva como uma instância favorável na construção de uma sociedade menos opressora. Outra maneira de tornar presente a temática liderança na ação pedagógica é incluí-la no currículo como um conteúdo na aprendizagem escolar do ensino nos níveis fundamental, médio e superior.

Outro ponto que merece destaque, quando nos referimos às temáticas da educação, cidadania, prática pedagógica, currículo e liderança, é a questão da emancipação discutida por Adorno (2000) como “conscientização e racionalidade”.

Assim, toda ação humana é uma ação educativa e, como tal, precisa ser consciente e racional. Para esse autor, o conceito de racionalidade e conscientização está associado à capacidade de pensar. Neste sentido, a educação está voltada para a construção da cidadania quando é possível uma prática pedagógica desmistificadora do poder centralizador e em busca da emancipação dos sujeitos. Diz ele:

De um certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade é simultaneamente uma comprovação da realidade, e esta envolve continuamente um movimento de adaptação. (ADORNO, 2000, p.143)

Por outro lado, o autor enfatiza que “[...] o conceito de racionalidade ou de consciência é apreendido de um modo excessivamente estreito, como capacidade formal de pensar”. (ADORNO, 2000, p. 151)

A educação para Adorno (2000) não pode modelar as pessoas, mas produzir consciência de forma racional e emancipatória. Por isso, ela precisa estar próxima da essência coletiva do sujeito, optar pela descentralização, relevar a participação de todos os agentes que fazem parte do processo educativo. Uma educação, em suma, que visa ao desenvolvimento de seres políticos, emancipados, conscientes do papel social na formação de líderes representativos de uma demanda.

Por ser uma prática racional e consciente dos sujeitos, a liderança possui capacidade de emancipação, diante do caráter educativo e do papel social que os líderes executam, como representantes de uma demanda popular, mesmo de forma espontânea. As práticas de liderança foram originadas nos movimentos populares; todavia, podem ser cultivados em todas as instâncias da sociedade. A organização da sociedade segundo o modelo piramidal hierárquico surgiu com a consolidação do capitalismo quando a desigualdade tornou-se justificável diante do fluxo de riquezas e das disparidades salariais. Em consequência, foram moldadas as relações de gênero, etnia e classe social, e também constituído um modelo de gestão autoritária e corporativista nas instâncias públicas e privadas, inclusive em muitos movimentos sociais.

A convivência interpessoal e intergrupal, no modelo de organização onde o poder é fragmentado e a participação de todos é a peça chave do processo, é menos conflituosa, pois existe a possibilidade de se perceber na simbologia do trabalho coletivo e com isso torna-se visível o grupo como uma unidade.

Descentralizando-se o poder no associativismo, a consciência da participação se fortalece e os sujeitos tendem a se emancipar e empenhar-se para expressar os sentimentos de grupo ou de coletividade.

6.1 LIDERANÇA, GESTÃO DEMOCRÁTICA OU AUTOGESTÃO

Qualquer organismo social que possui liderança como forma de operacionalizar o poder pode considerar que realiza uma gestão democrática? Como podemos compreender a autogestão, nesta perspectiva? A liderança, gestão democrática, participação e a auto-gestão são elementos que se imbricam? Estes questionamentos nortearão a discussão a seguir, e tentaremos analisá-los de maneira a definir cada categoria na tentativa de perceber a relação existente entre elas.

A liderança é uma ação racional carismática que considera o grupo ou coletividade nas tomadas de decisões e objetivos comuns. Geralmente, as decisões são tomadas de forma coletiva e transparente. Esta ação é respaldada pela existência de sentimentos de coletividade evidenciados no prazer em estar juntos. O corpo representativo dos movimentos associativos é liderado por um agente social que tem o papel de representar a comunidade com a proposta política de ação e intervenção social. Dessa maneira, a liderança é uma prática solidária dos sujeitos, que dedicam e doam sua força de trabalho, de forma voluntária, sem interesses materiais. Podemos considerar que o ato de doar é uma ação de reciprocidade e este sentimento de pertencimento, analisado anteriormente neste estudo, compõe a simbologia dessa categoria.

A gestão é democrática quando há a participação efetiva de seus membros. Como se dá essa participação? No âmbito de uma instituição escolar, empresas públicas ou privadas, a gestão é democrática quando é possível considerar significativa a participação de todos? O que é participação?

Ferreira (2001) analisa a gestão democrática das escolas vinculando essa prática à criação de canais de participação:

[...] a gestão democrática é entendida como processo de aprendizado e de luta política que não se circunscreve aos limites da prática educativa mas vislumbra, nas especificidades dessa prática social e de sua relativa autonomia, a possibilidade de criação de canais e, no seio dessas, as práticas educativas de efetiva participação e de aprendizado do “jogo” democrático e, conseqüentemente, do repensar das estruturas do poder autoritário que permeiam as relações sociais. (FERREIRA, 2001, p. 25)

Quando uma gestão se apresenta como democrática, a participação está imbricada como um elemento que complementa a atuação do corpo diretivo. Os canais institucionais de participação na realidade de uma escola podem ser exemplificados como: conselhos de pais e de alunos; representação estudantil; assembléias para discutir ou apresentar questões orçamentárias e referentes à dinâmica da unidade escolar.

Segundo Teixeira (2001), a participação cidadã no poder local significa “fazer parte”, “tomar parte”, “ser parte” de um ato ou processo, de uma atividade pública, de ações coletivas. “Refletir a ‘parte’ implica pensar o todo, a sociedade, o Estado, a relação das partes entre si e destas com o todo e, como este não é homogêneo, diferenciam-se os interesses, aspirações, valores e recursos de poder”. (TEIXEIRA, 2001, p. 27) Para isso, a participação pode ser o diferencial nas categorias que estamos analisando, pois, nas práticas de liderança, fazer, tomar e ser parte são uma realidade natural e cotidiana dessa representação.

Nas realidades que apontam a gestão como democrática e participativa é preciso perceber qual a referência de participação e como acontece na prática em atuação. Em nossa experiência docente no ensino médio, como estagiária de nível superior, ainda na graduação, percebemos que a participação não flui de forma espontânea, porque o gestor é aquele que decide, coordena, toma as decisões e dirige a escola. Esse modelo tradicional e, portanto, centralizador, autoritário é mantido denominando como aquele que em sua figura concentra todo poder escolar.

No entanto, é possível perceber que os canais de participação são fechados principalmente porque os segmentos escolares não são considerados nas tomadas de decisões, isto é, não consideram relevante a participação de alunos, funcionários e pais. Na realidade, onde acontece a liderança como forma de organizar e visualizar o poder, não existe corpo que dirige e não há concentração de poder, porém a fragmentação de forma a delegar poderes para todos de maneira representativa. Em organismos sociais que possuem um gestor na acepção de

diretor, este existe como um elemento figurativo que está em um plano superior aos demais.

Cumpramos esclarecer que a liderança implica a distribuição de poderes e a construção de uma atuação mais independente quando todos têm consciência do papel político e emancipatório que representam. Podemos considerar que as categorias gestão democrática e liderança são distintas e podem ser consideradas dicotômicas em relação à sua respectiva gênese. A liderança é originada na representação popular de uma demanda e tem uma simbologia designativa que carrega como uma conquista a partir de uma vivência significativa no território em que surgiu. O gestor, geralmente, é indicado para ocupar o cargo e quando há processo eleitoral é pouco representativo, mesmo sendo escolhido pelo voto, pois os candidatos não conquistam tal posto, um deles é indicado para o cargo ao qual concorre.

Em uma realidade social, onde existe a liderança como forma de organização, pode acontecer a concentração do poder na figura de um elemento ou de um grupo ou mesmo uma gestão pode ser democrática e participativa quando o gestor consegue representação da comunidade como um líder, que delimita seu território e adquire nessa relação respeito mútuo.

E a autogestão? Como podemos inseri-la nesta discussão? Podemos refletir os significados das duas palavras que a compõem. Auto significa “a si próprio” e gestão pode ser conceituada como ação ou efeito de gerir. Assim, autogestão é a capacidade de cada um administrar as ações das instituições sociais em que atua. Qualquer instituição ou movimento de reivindicação social que institui a liderança ou a gestão democrática em sua dinâmica organizacional, precisa trabalhar o grupo de modo que cada componente possa estar preparado para representar a coletividade com a sintonia do comum, bem como trabalhar as partes para chegar ao todo, ou ainda preciso trabalhar o sujeito para formar o grupo e vice-versa.

De acordo com Lapassade (1983), a relação entre escola e sociedade pode ser de tal modo significativa, que interfere na mudança social. Mas, para que isso aconteça, é necessário que a sociedade ofereça um projeto político de escola adequado à realidade local e possível de acolher os sujeitos, respeitando as subjetividades e a multirreferencialidade do diferente e das diferenças.

Como a sociedade lida com a pluralidade de processos identitários e ao mesmo tempo volta-se para a singularidade como expressão da subjetividade, torna-

se relevante que os seres humanos aprendam a lidar com o igual e o diferente na relação consigo e com o outro. Esse “jogo” dialógico fundamenta a construção de uma estrutura social com instituições mais sólidas. Segundo Lapassade (1983), a “autogestão pedagógica” significa a capacidade dos sujeitos de lidar com as instituições de maneira que se apropriem da capacidade de liderá-las da melhor forma possível. Daí configura-se a ação produzindo efeito e o efeito, por sua vez, transformando a ação quando o diálogo permanente fundamenta o desenvolvimento das relações individuais e grupais. Acrescenta Lapassade:

Compreende-se assim que é preciso mudar a escola se quisermos, verdadeiramente, mudar a sociedade. A transformação da escola é, sem dúvida, insuficiente. Nada, no entanto, pode mudar se os homens não aprendem, desde a infância, a construir instituições e a dirigi-las. Eis a origem do que chamo de autogestão pedagógica. Ela visa a modificar as atitudes e os comportamentos. Se, amanhã, forem instaladas novas estruturas, visando a permitir a participação de todos nas decisões, quer dizer, visando a autogestão social, isso de nada servirá se os homens já não tiverem aprendido a viver na nova sociedade e a construí-la “permanentemente”, a jamais fixar o movimento histórico em instituições cristalizadas e separadas do ato de instituir. (LAPASSADE, 1983, p. 37)

Dois aspectos chamam a atenção quanto à construção de instituições, à luz do que reflete Lapassade (1993): um concerne à aprendizagem, desde a infância, do que significa instituir o que é fundamental para a vida em sociedade; o outro, refere-se à compreensão de que as instituições não podem nem devem petrificar-se. A autogestão é o que articula essas duas visões.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interacionismo simbólico e a etnometodologia são referências teóricas fundamentais do presente estudo, posto que ambos priorizam a subjetividade. Os enfoques são utilizados como propósito de descrever e analisar conceitos como interatividade, participação, observação participante, história de vida, memória e identidade no contexto da pesquisa empírica que se realizou no período de 2007 a 2009 em três bairros populares de Salvador – Engomadeira, Estrada das Barreiras e Mata Escura – a fim de conhecer a realidade das respectivas associações de moradores e a liderança que cada uma delas representa.

A discussão sobre a reconstrução da identidade da liderança remete a uma série de questões teóricas que têm relação com os dados empíricos e vice-versa. Procuramos encontrar pontos comuns nas diversas histórias de vida para elaborar um conceito de liderança. Os elementos figurativos que foram documentados contribuíram para a formulação desse conceito. Cumpre esclarecer que as histórias de vida divergiram entre si, tanto quanto as considerações sobre elas. Assim, ficou evidente que não há um padrão de compreensão e interpretação linear, mas distintas trajetórias de vida que fundamentam a discussão. A história de AT do Conselho da Engomadeira tem características específicas e diferentes da história de AN da Estrada das Barreiras, e esta, por sua vez, difere da história de TD da Mata Escura.

Cumpre sublinhar que, este estudo considerou relevante a inserção no campo de investigação empírica, pois permitiu interagir e entender a dinâmica e operacionalização das instâncias institucionais, considerando os sujeitos envolvidos no processo. As análises focalizaram o conjunto de preceitos que valorizam as indiossincrasias desses sujeitos no contato com sua realidade social. O interacionismo simbólico e a etnometodologia, as correntes de pensamento propostas como referências para este estudo, mostraram-se pertinentes à

consideração dos sujeitos como construtores de suas histórias e protagonistas da história do país. São eles sujeitos comuns capazes de reconstruir a memória histórica e contar fatos e acontecimentos, pois os vivenciaram. Essa vivência tem um significado simbólico específico.

Os sujeitos que constituem liderança, nessa perspectiva de estudo, têm histórias de vida marcadas por vicissitudes de todo tipo e constituem minorias do ponto de vista das relações étnicas de gênero e estratificação social. Essa realidade de exclusão, carências e dura sobrevivência é considerada uma das justificativas para a consolidação de práticas sociais ligadas ao processo de intervenção em associações de moradores. O desenvolvimento do carisma como uma ação racional e legítima está associado às ações de solidariedade, alteridade e reciprocidade, quando dar, receber e retribuir não estão relacionados ao aspecto material, mas ao dom da dádiva.

Os sentimentos de pertencimentos são significativos para a definição do conceito de carisma, pois representam a certeza da existência do poder manifesto no local. Através desses sentimentos, pudemos visualizar e comprovar o carisma como uma ação espontânea dos sujeitos alocados nos bairros populares investigados, onde é flagrante o descaso do Executivo municipal no atendimento dos problemas de infraestrutura urbana. Dessa maneira, o associativismo é representativo no local e surge como alternativa para resolver ou amenizar esses problemas e os de sobrevivência material dos agentes sociais. A liderança emerge nesse contexto de adversidades quando os sentimentos coletivos se traduzem em gestos de solidariedade, reciprocidade, alteridade, ao representar a expressão de pertencimento pelo e no território delimitado na área de atuação.

Nesta perspectiva apresentada como estudo, foram comprovados três fatores que justificam e caracterizam a existência da liderança. O primeiro fator é a convivência dos atores sociais no mesmo local, nas socializações primária e secundária, por períodos longos, o que lhes permitem presenciar o desenvolvimento urbano do território e expressar sentimentos de pertencimento. Tais sentimentos são revelados no território, que, como unidade socioespacial, é importante na determinação do papel da liderança e contribui para o reordenamento habitacional do lugar.

O segundo fator é a legitimidade do papel de liderança quando o sujeito identifica e é identificado na comunidade a partir do desenvolvimento de ações

ligadas ao carisma, como poder representativo. É possível perceber a sensibilização com as problemáticas do território e da sociedade em geral na existência de ações de intervenção no cenário do associativismo. A participação em associações de moradores é uma maneira de tornar parte do contexto do território, pois o reconhecimento como referência popular permite a construção de laços de afetividade e pertencimento.

O terceiro fator pode ser evidenciado na existência de comunicação com a comunidade quando o diálogo se torna crucial, diante da situação de periculosidade (a criminalidade do narcotráfico) em que vivem os moradores dos territórios abordados no estudo. Este diálogo existe na forma de conviver e transitar sem muito temor. No entanto, a dialogicidade existente é ratificada quando a condição socioeconômica e cultural é similar entre os sujeitos da unidade socioespacial, razão pela qual eles podem ser considerados “concidadãos”, pois há a simbologia do comum na condição étnica, nas relações de gênero e na estratificação social.

Outra questão em destaque nas manifestações espontâneas da liderança é a existência da simbologia do território, o qual se torna componente estruturador da identidade. Os atores sociais revelam sentimentos de pertencimento e estes desencadeiam a necessidade de ação no local. Para tanto, a atuação em associações de moradores é uma defesa natural, orgânica, de controle e apropriação do espaço.

Entre os sujeitos, na sociedade, existe a necessidade natural de apropriação do território, que se apresenta como base de sustentação e representação da identidade. Assim, a percepção de identidade entra em relação com processos de identificação e seu desenvolvimento no local. Independentemente do aspecto material associado ao conceito, há a identidade que se manifesta em sua simbologia. Cumpre sublinhar, que o território pode ser exemplificado como: um bairro, uma associação de moradores, a sede de um movimento social, escola, Igreja, praça pública, um computador conectado à internet, sala de aula etc.

Percebe a existência de um vínculo forte entre a apropriação e defesa no território e os sentimentos de coletividade. Essa íntima ligação ocorre porque, de acordo com o interacionismo simbólico, a formação humana se dá nas etapas de socialização primária e secundária quando a constituição do “eu” está diretamente relacionada à representação do “outro” enquanto grupo coletivo, ou seja, ninguém nasce e cresce sozinho, mas como parte de instituições sociais: a família (unidade

primária), a escola, grupos de amigos etc. A criança ao nascer aprende por processos cognitivos a ser um sujeito a partir do contato com outras pessoas que fazem parte de sua realidade e estas são referenciais relevantes da identidade a *posteriori*. Dessa maneira o “eu” em construção é o “outro” em representação social que se tornará *self*, ou seja, “si mesmo”. Essa representação coletiva permanecerá ao longo da vida nos âmbitos público e privado da vida em grupos.

Os sentimentos de coletividade foram tolhidos na consolidação do capitalismo, que promoveu o individualismo e alimentou o consumismo. Com a expropriação do trabalho, legitimou-se a espoliação, pois, quanto mais o lucro se acumula, mais os salários se depreciam. O crescimento econômico, num país como o Brasil, está muito longe da equivalência social que deveria ter. O perfil da distribuição da renda no país chega a se perverso, cruel.

Outro aspecto importante nas análises que o estudo propiciou é o caráter educativo da liderança, mediante as manifestações espontâneas associadas aos sentimentos de pertencimento. Daí um dos conteúdos apreendidos no processo de desenvolvimento cognitivo dos indivíduos na sociedade. Processo esse que produz a identificação, a qual garante a permanência e a continuidade do papel designativo como liderança na realidade do associativismo e mantém as associações de moradores em funcionamento no cenário urbano.

O estudo permite, assim, reafirmar a importância das práticas de liderança na vida dos sujeitos na sociedade, pois os sentimentos de coletividade, quando vivenciados e mobilizados, possibilita-lhes romper com os valores que reforçam o paradigma do individualismo e buscar meios, modos e estratégias de sobrevivências que se traduzem como dignidade. Nesta perspectiva, a competição negativa e opressiva deixa de existir enquanto reafirmação do poder desigual, e torna-se um estímulo para o crescimento pessoal e grupal. Com isso sublinhamos a relevância das associações de moradores como um espaço de organização na luta pela reafirmação da cidadania.

É importante assinalar que a liderança no cenário do associativismo, ao reforçar a existência de espaços coletivos, incorpora práticas sociais ligadas ao desenvolvimento sustentável, o que é perceptível na história das lideranças em Salvador, três das quais foram escolhidas como objetos do presente estudo.

Entre as reflexões produzidas pelo estudo, ganha relevo a de que a liderança, à luz do que foi investigado e resignificado, se constitui como um

alargamento do campo do possível – isto é, porque visa a dar mais concretude e expressividade aos sentimentos coletivos de viver dignamente.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- ARRUDA, A. (Org.). **Representado a alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- ASTI VERA, A. **Metodologia da pesquisa científica**. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1979.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Tradução Artur Morão. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- _____. **A sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- _____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- BAURRICAUD, François. **Dicionário crítico de sociologia**. São Paulo: Ática, 1993.
- BERGER, P. L.; LUCKAMN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BRINGEL, Breno; FALERO, Alfredo. Redes transnacionais de movimentos sociais na América Latina e o desafio de uma nova construção socioterritorial. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 53, p. 269-288, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 1 abr. 2009.
- CALDAS, A. dos S.; NUNES, E. J. F.; SANTOS, W. **Odu, Eghé Dudu: caminhos da Mata Escura**. Salvador: UNIFACS, 2007.
- CARDOSO, R. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: _____ (Org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.
- COSTA, R. Haesbaert da. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” a multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- COULON, A. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

COULON, A. **La etnometodologia**. Madrid: Catedra, 1988.

DEBET, G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, R. C. L. (Org.). **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DELGADO, Lucília A. N. **História oral, memória, tempo e identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ESPIÑEIRA GONZALEZ, Maria Victoria. **O partido, a igreja e o estado nas associações de bairros**. Salvador: EDUFBA; Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 1997.

FEATHERSTONE, M. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

FERNANDES, Rosali B. Processos recentes de urbanização em Salvador: o miolo, região popular e estratégia da cidades. **Biblio 3W: Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, v. 9, n. 523, jul. 2004. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-523.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2006.

FERREIRA, N. S. C. (Org.). **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 58-78, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GARCIA, A. S. **Mulheres da cidade d' oxum: relações de gênero, raça e classe e organização espacial do movimento de bairro em Salvador**. Salvador: EDUFBA, 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

GOHN, M. da G. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **Movimentos sociais e educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

HAGUETTE, M.T. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HOBBSAWM, E. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOWARICK, L. **Escritos urbanos**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

LAPASSADE, G. **As microssociologias**. Tradução de Lucie Didio. Brasília, DF: Líber Livro, 2005.

_____. **Grupos organizações e instituições**. Rio de Janeiro: Francisco. Alves, 1983.

LEVY-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Tradução Maria de Lourdes Menezes. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. 2. ed. São Paulo: Abril, 1978.

MATTA, R. da. **Relativizando: uma introdução á antropologia social**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

MINAYO, M.C. **O desafio do conhecimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

OLIVEIRA, D. A. (Org.). **Gestão democrática da educação: desafios contemporâneos**. Petrópolis: Vozes, 1997.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-27, 1989.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

REIS, E. Desigualdade e solidariedade: uma releitura do familismo de Banfield. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano X, n. 29, p. 35-48, out. 1995a.

_____. Governabilidade e solidariedade. In: VALLADARES, Lícia do Prado; COELHO, Magda Prates (Org.). **Governabilidade e pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995b.

_____. Percepções da elite sobre a pobreza e desigualdade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, n. 42, p. 145-152, fev. 2000.

SACCONI, L. A. **Minidicionário Sacconi da língua portuguesa**. São Paulo: Escala Educacional, 2007.

SANT'ANNA, I. R. **A agenda 21 em estrada das barreiras**: uma estratégia de desenvolvimento local e participação social em Salvador. 2007. Monografia (Graduação em Urbanismo) – Universidade do Estado da Bahia, 2007.

SANTOS, B. S. **Democratizar a democracia**: os caminhos da democracia participativa. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós – modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. Reinventar a democracia: entre o pré-contratualismo e o pós contratualismo. In: OLIVEIRA, F. de; PAOLI, M. C. (Org.). **Os sentidos da democracia**: políticas do dissenso e hegemonia global. Petrópolis, SP: Vozes; FAPESP, 1999. p. 83-129.

SOUZA, E. C. de; SOUSA, C. P. de; CATANI, D. B. A pesquisa (auto)biográfica e a invenção de si no Brasil. **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 29, p. 31-42, jan. 2008.

TEIXEIRA, E. C. **O local e o global**: limites e desafios da participação cidadã. São Paulo: Cortez, 2001.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1981.

WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, DF.: Ed. da UNB, c1999.

_____. **Ensaio de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

_____. **Metodologia das ciências sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ZALUAR, A. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 35, out. 1997.

APÊNDICE A – História de Vida de AT – Liderança do Conselho de Moradores do Bairro da Engomadeira (COMOBE)

Entrevista realizada com AT do Conselho de Moradores no bairro da Engomadeira, no dia 03/07, às 11:00h da manhã.

Infância

Nasci no interior da Bahia, Livramento de Nossa Senhora, próximo a Rio de Contas¹⁸, onde passei minha infância e adolescência. Eu conheci o engenho, onde seus avós foram escravos dos Meiras¹⁹. Não conheci meu pai, quando eu era ainda pequena ele saiu para São Paulo para trabalhar na usina de cana e não voltou mais para a casa. Sou filha única, de minha mãe, D. Alice da Conceição Santos. Quando eu era criança passei por situações difíceis. Fomos minha mãe e eu morar com os meus avós. Minha mãe nunca mais viu meu pai, que escrevia inicialmente, mas ela não dizia nada e falava muito pouco dele. Minha mãe tem uma natureza forte, é filha de quilombo. D. Alice, mesmo antes do casamento, trabalhava na agricultura. Depois de ter ficado com a responsabilidade de criar uma filha sozinha, passou a fazer todos os trabalhos, lavadeira e parteira. Sofri muitos preconceitos em Livramento, na época, por meu pai ter abandonado a família. Minha mãe nunca mais se envolveu com outro homem. O ano que meu avô morreu, foi uma data que marcou minha vida. Ele tirou minha mãe do local onde morava, que não era bom. Estava com oito anos, lembro até hoje de tudo como foi. Ele representava tudo na minha vida, aceitou mamãe de volta. Hoje, eu não seria o que sou.

Trabalhava na roça, plantando arroz, milho, feijão, horta. Esta horta era o sustentáculo de tudo. Vendia tomate, cebola, pimentão, alho. Já tinha pessoas na cidade que fazia entrega, eu fazia entrega também, até os 18 anos de idade, entregava encomendas, além de outras atividades, todos os dias de manhã eu fazia as entregas, às vezes, era tomate, cebola o que pedia, as pessoas pediam era toda

¹⁸ Rio de Contas é uma cidade do interior da Bahia que, atualmente, representa um patrimônio histórico e cultural da Chapada Diamantina.

¹⁹ Família de Engenho influente em Livramento, na época do escravismo do Brasil.

a semana. Segunda em um lugar, terça em outro, quarta em outro e assim até aos sábados.

Adolescência e Idade Adulta

Em 1959 – Fiz catequese – entrei na igreja. Eu nasci na igreja, dentro da igreja fiz catequese aos sete anos de idade, depois da primeira comunhão, entrei no grupo da perseverança. Nesta perseverança somos treinados para evangelizar outras crianças da mesma idade. Tinha esse trabalho. Nós começamos dentro da cidade, depois fomos para fora. Meus 16 anos fui trabalhar fora da cidade, zona rural. Duas das minhas tias trabalhavam com padres e bispos. Minha mãe e minhas tias frequentavam todos os domingos a Igreja Católica.

Sofri muitos preconceitos na cidade, até para estudar consegui matricular em uma escola particular com a ajuda do padre que enviou uma carta para a Secretaria de Educação em Salvador, antigamente tinha os grandes que tinha peso, a cota dos já marcados, Padre José Ribeiro Dias lutou e conseguiu, a partir daí já tinha direito a ir em clube recreativo. O do preto era um, o do pobre era outro. O carnaval do rico era na associação, o do pobre era no mercado, lavávamos a salmoura (sal) e brincávamos a noite toda. Livramento mudou depois que o bispo chegou, pessoas de fora de outros estados. Fiquei afastada uma ano na escola porque estava com sífilis – minha perna com bolhas, era mal vista. Tive que mover uma ação na justiça para continuar a estudar, minha mãe que lavava roupa para o promotor, ajudou a voltar. Era querida pelos filhos dos ricos. Minhas amigas ricas emprestava livros, sem os pais delas saberem, aí eu copiava em papéis soltos, não tinha caderno, as vezes copiava em papel de pão, um dia, à noite, queimei o rosto no candeeiro*, porque dormi de tanto copiar.

Em 1969/70/71, trabalhei na zona rural, fomos descobrindo a comunidade carente e consegui, acreditei. Lançamos campanha junto ao grupo de jovens. Quando você passa pela primeira comunhão, perseverança, você entra no grupo de jovens. Eu cantava nas músicas da igreja, festas, casamentos da igreja. Em 68, iniciamos trabalho de evangelização, nas casas, nos bairros. Este trabalho de evangelização nos bairros carentes é mais discriminado na cidade, Itaguari, era bairro de na entrada da cidade. Tinha o índice maior de pessoas pobres, era local onde tinha várias saídas para outros bairros, onde pessoas de fora chegavam

nestes locais, primeiro, caminhoneiros e outros. As mulheres prostitutas que lá existiam acolhiam bem, atendiam bem. Eles ficavam mais. Nossa missão na igreja era evangelizar as mulheres prostitutas da cidade e que moravam nesse bairro distante, as moças de bem não iam lá. Estas mulheres não podiam sair nas ruas da cidade, nem assistir missa na igreja ficavam lá e todos olhavam elas com desprezo. Frequentava a feira no final da tarde, quando tinha poucas pessoas “de bem”. As casas delas eram feita de barro e coberta de palha, ou “adobo socado”. Os fazendeiros²⁰ frequentavam, esse bairro onde estas mulheres moravam e tinham filhos, que muitos não eram registrados nos cartórios. Estas crianças também não se misturavam com outras crianças na cidade e não freqüentavam a escola e não iam para as praças da cidade. A sociedade tinha muito preconceito com estas mulheres, elas também sentiam que eram menores e sempre evitava a cidade, ficavam isoladas. Nosso trabalho na igreja era evangelizar, fazer elas sentirem valorizadas e principalmente levar a compreensão do seu erro. Então nós resolvemos rezar uma missa neste bairro, que as prostitutas moravam, abaixo de um umbuzeiro²¹. O grupo de jovens com o padre rezou uma missa, depois foi de quinze em quinze dias e demos continuidade, mas elas no início não compareciam, só as crianças, mas arrumavam o local deixava tudo limpinho, depois foram participando aos poucos. Com isso elas começaram a sentir valorizadas. Minha mãe não gostava e chegou a colocar para fora de casa, mas insisti porque achava importante. Eu conheci todas as prostitutas, colava com todas, minha mãe tinha receio que eu virasse. Tenho uma lembrança de uma delas, que me ofertou com um terço. Fui madrinha de casamento de Maria Pombão, fiz os primeiros batismos. Hoje tenho uma boa relação em Livramento, sou bem recebida, com carinho. Neste local que era rezada a missa foi construída uma capela, uma igreja e atualmente existe uma gruta, “Gruta de Bom Jesus da Lapa,” e no dia 6 de janeiro é bastante visitada por muitos “romeiros²²” de todos os lugares do país e o bairro ficou um bairro que só tem gente rica, é valorizado pela gruta. Essas mulheres usaram o evangelho para saírem da vida que

²⁰ Os fazendeiros faziam parte de uma estratificação social, na época, privilegiada na sociedade de Livramento do Brumado, naquela época, por possuir patrimônio como latifundiários. Os filhos destes, neste local, tinham certa visibilidade negativa nas famílias, principalmente de estratificação inferior, muitos destes enganavam mulheres deixando-as acreditar que queria algo sério. Quando isso acontecia, em muitos casos, as mulheres nesta situação, eram postas “para fora de casa” pelo pai. A virgindade era um tabu, inalienável e as regras de pureza tinham um valor que fazia parte da moral social.

²¹ Umbuzeiro, árvore local da caatinga que produz uma fruta cujo nome é umbu.

²² Romeiros são pessoas que saem dos seus lugares de origem, na prática de romaria, constitui um ato evangélico e católico. Muitos viajam para agradecer uma graça concedida.

levavam tinham uma imagem negativa, viviam sujas e andavam pelos cantos. Também teve outra coisa que conseguimos com a insistência do padre, tentamos matricular as crianças, filhos das prostitutas na escola. O padre conseguiu na Prefeitura, depois de tentar muito, uma turma só com essas crianças, em um galpão longe da cidade que seria construído um aeroporto e não foi concluída a obra. Esta turma ficou apenas um ano na escola, pois a distância das casas onde elas moravam era muita e acabou desistindo de estudar.

No ano de 1963, nesta época, já era noiva, fui noiva aos 12 anos de idade, com um rapaz da cidade que morava em São Paulo, e aí não deu certo. Por causa deste noivado muita coisa ruim na minha vida aconteceu, desavença entre família. Minha mãe queria o namoro, minhas tias que me criavam não queriam. Existia muitas brigas, muitas desavenças, muita discussões. Quando meu noivo chegava, não tinha abertura de conversar com ele na frente de todo mundo, tinha que ser escondido para não apanhar. Apanhar da família. Minha mãe não batia, mas minhas tias quando encontrava batia, porque estava com ele e elas não queria. Não queria porque tinha um problema da morte da mãe dele e acusaram que foram elas que mataram as pessoas que acreditam em feitiço, só que não era, pois minhas tias eram todas religiosas, e não iria fazer uma coisa dessas. Elas ficaram não gostando do problema, mas eu não tinha nada a ver, elas achavam que eu não deveria ficar como eu não fiquei. Elas pesaram muito para eu deixar este rapaz. Isso aconteceu em 1968, fui para São Paulo, quando cheguei lá ele estava com outra família, foi a “gota d’ água” ²³. De 12 anos até os 18 anos eu era uma pessoa presa, só saía acompanhada porque era noiva, tinha que ter aquele respeito. Sabe uma pessoa noiva, no local tinha que respeitar a família do noivo. Para mim foi uma coisa que eu perdi quase uma vida, sem poder fazer nada, só arrumando para casamento. Não fui uma jovem como as outras de curtir a juventude, não tive festa de 15 anos como elas queriam, porque me tiraram este direito, porque era noiva, a família nossa todas as jovens faziam. Eu sempre tive aniversário meus 15 anos foi festejado na escola, sempre fui boa aluna e nunca fui reprovada de maneira alguma. Muito amiga das professoras dos diretores e tinha as dificuldades da vida, como todo mundo tem. A dificuldade era estudar era não ter livro, porque para comprar livro, tinha que comprar em Salvador, era difícil, minhas colegas que tinham condições, eu era muito

²³ Expressão popular que significa, foi o fim o motivo final.

amiga ela emprestava o livro para copiar, copiava a matéria toda. Fui criada assim, trabalhando na escola. Dizer que eu nunca tive vergonha de colocar uma sexta na cabeça e ir a rua, levar as coisas para vender, entregar.

Quando completei 18 anos que terminei o noivado, para mim foi uma asa. Foi um pássaro que estivesse preso, um pássaro que nasceu e começou a voar então eu considero assim a partir dos 18 anos, que comecei a sair, a ir a festa. Eu Conheci VT²⁴ uns tempos depois em 1971 Em 1972, casei e vim morar em Salvador. VT foi uma pessoa que foi para Livramento, na época em que estava construindo os polivalentes²⁵. Quando esta escola polivalente chegou em Livramento foi como se chegasse a coisa mais linda do mundo, mais... progresso. E como foi mesmo. Depois do polivalente muita gente de fora foi para lá. Então construiu este polivalente, foi uma empresa que construiu e VT como era pintor, fazia parte da empresa, ele foi no final finalizar. Ele era chefe de pintura, aí então toda semana o pessoal ia visitar o polivalente. Quando a equipe de VT chegou, começou a pintar tudo e todo mundo achou bonito, aí, aos domingos à tarde, ia as pessoas visitar o polivalente, e VT abria para visitaçãõ. Não podia, mas ele abria. Então, eu conheci VT assim, ele mostrando. Mas nem eu esperava, ele mim viu e conversamos bastante, mostrando minha família, minha tia Ana, tia Lídia, todo mundo da rua foi, ele mostrando todas as dependências. Voltamos para casa. Depois teve uma festa de casamento era uma amiga dele e amiga minha também, só que ele foi para o casamento, e eu não fui. Não foi comigo que ele namorou Ele dançou muito com as minhas primas, nesta festa ele perguntou: cadê aquela prima que não veio, disseram que minha mãe não tinha deixado ir. No outro dia da festa ele passou de bicicleta na rua, tinha um amigo que era vizinho, e eu considerava como um irmão, era banco. Ele fez amizade com este menino, muito amigo meu. Minha família, já tinha falado: há estes homens de trecho, aquele cara ali, tem cara de casado. Ele estava conversando contando como foi a festa, a casa deste amigo era do lado da minha, agente ouvia conversando sobre a festa. Me falaram que ele dançava bem. Quando foi no domingo seguinte, eu fui para a missa e depois da missa, como todos os interiores, tem a praça, o jardim, na frente da igreja, e eu fui dar uma volta no jardim depois da missa, para depois ir para casa. Quando estávamos rodando ele estava,

²⁴ Seu atual esposo.

²⁵ Na década de 70, surgem no Brasil as escolas polivalentes de ensino médio e profissional, atendendo a uma demanda capitalista fordista.

minha prima foi e apresentou ele, e aí pronto, ele disse: eu posso ir com você? Comigo não Minha família, minha mãe está aqui, e estão muito aborrecidos. Ele foi até o fundo da igreja, um pouquinho conversando comigo muito simpático, muito educado, no outro dia eu viajei, levei uma semana fora. Trabalho de escola, era um ano de formatura e no interior tem essas coisas. Fui para Abaíra e outros interiores, levamos uma semana fora, com um grupo de amigos, como disse a você, comecei a voar. Eu disse: tenho um passeio para ir, minha mãe dizia você não vai. Não tenho noivado com ninguém, então eu vou. Quando eu era noiva, não ia porque era noiva, agora não vai. Vou, sim. Comecei a desobedecer, para mim foi bom. Fui e passei uma semana fora. Quando eu cheguei de viagem, o pessoal já tinha me falado que ele estava no hotel, onde nos chegamos, ele estava na frente do hotel me esperando. Ele perguntou algumas pessoas que dia eu ia chegar e as pessoas falaram que ia chegar tal hora. Ele não foi trabalhar, ficou lá esperando, quando eu cheguei conversei um pouco com ele e aí fui para casa. Aí começou este namoro de novo, difícil. Minhas tias queriam, minha mãe não queria, começou o mesmo problema. Aí já mudou, minhas tias queriam o namoro com VT e minha mãe odiava ele. Eu deixei de apanhar das tias para apanhar da mãe. Mamãe me criava assim, ia atrás de mim em qualquer lugar. Ela trabalhava na escola e me controlava o tempo todo, na hora do recreio, na hora, na hora de entrar, na hora de ir para Educação Física, tudo. E, às vezes, quando ele me pegava batia. Apanhei muito, apanhei na vista de VT, quando eu chegava em casa apanhada, minhas tias iam brigar com ela. Eu tinha uma proposta para ir em Minas Gerais, quando me formasse. O meu primeiro emprego ia ser em Minas, já tinha feito cadastro. Eu tentei fugir de casa para não ver... não era fugir para ir com homem, me prostituir nem nada. Quando eu cair em mim, que ser noiva aos 12 anos a 18, eu pedir a maior parte de viver a tranquilidade, era aquela briga. Começar relacionamento de novo, já com quase 20 anos, para ter briga de novo, aí eu disse já sou de maior, chega. Arrumei para ir embora, peguei tudo, das minhas coisas da cômoda que tinha, no quarto eu ia levando, levando até levei tudo, deixava na agência. Comprei passagem. O filho do dono da agência era meu colega de sala, ele que controlava ficha com o nome dos passageiros. Eu tentei mudar meu nome, mas não podia, tinha que ir na folha o nome do passageiro. Ele me chamou na ante véspera da viagem e disse: preta você vai para São Paulo? Por que? Tam o nome lá da agência, parece com o seu. Eu esqueci, quando eu deixei as malas de roupas eu deixei em caixas, pensando que

no caminho poderia tirar e colocar em sacolas. Eu esqueci e coloquei o meu nome completo, com a minha letra, eu aí checando as coisas que estavam na agência, descobriu. Foi falar com o Padre, onde eu trabalhava, na Casa Paroquial. Aí, o Padre Zé, a noite, na véspera foi em casa, foi lá saber como eu estava e perguntou a minha mãe: Qual o motivo que AT está indo embora. Minha mãe disse: embora para onde? Ela está indo embora amanhã, por causa da briga de vocês. Antes tinha feito uma carta, para o bispo, que eu ia pôr no correio, uma hora antes de viajar, contando minha história e contando para onde ia. Eu trabalhava na Casa Paroquial, eu recebia o dinheiro, tanto da casa do bispo, quanto do padre. Fiz uma carta comunicando ao bispo o motivo que ia sair, ia embora e com quem que ele ia deixar o dinheiro. Falei que o dinheiro iria deixar com ele, se caso precisasse, mandaria outra carta, para ele colocar em uma contar que iria abrir lá, na frente, então não deu certo. Foi descoberto da véspera, ainda apanhei, fiquei chateada e depois que o padre saiu, minha mãe me bateu queria que fosse pegar as coisas na agência. Fui lá toda marcada. VT estava ainda na cidade, ficou sabendo que eu ia fazer isso, ele disse: porque não disse para mim que iria fazer isso, agiria de outra maneira. Eu queria livrar tanto eu, quanto ele. Porque se eu fosse acompanhar ele eu era “rapariga do homem”²⁶ essa palavra era muito marcada. Queria ir embora deixando ele também, para o povo da cidade não dizer que eu ia embora. Morara com ele. A carta foi lida na igreja, a minha despedida. O bispo leu na missa das 7:00 horas da manhã, na missa do grupo de jovens, fez a reflexão de uma jovem que ia embora e tinha deixado aquela carta., as recomendações para o grupo de jovens, idosos que ele trabalhava. Para o grupo do Sagrado Coração de Jesus, Irmandade de Nossa Senhora da Conceição. Envolvia com esse povo todo, afilhados, meu filho que eu criei, minha família. Sabia que se fosse, não ia voltar. A carta foi feita “A Ida Sem Volta”, o tema da minha carta. As desavenças era muito grande. Eu digo hoje a minha mãe, com oito anos de idade eu vi uma pessoa da minha família falecer e só fui ver a outra falecer quando tinha 25 anos, que foi minha tia mais velha que me criou. O espaço de tempo naquele aconchego de lá, que minha tia Ana me dava. Tudo que tinha vontade de ter, minhas tias me davam, minha mãe dava. Só que dava as coisas materiais, mas eu não queria as coisas materiais, eu queria estudar. Fui convidada quando eu tirei o quarto ano de ginásio. Eu tenho uma “mãe de leite”

²⁶ Denominação comum e estigmatizada na sociedade da época, quando uma mulher decide morar com um homem, se casar.

²⁷, Iara. Ela veio para Salvador e queria que sua filha fosse morar comigo, a minha mãe viria e para tomar conta, para estudar. Minha mãe não deixou. Eu estudei para fazer o concurso do Banco do Brasil, as provas eram em Paramirim²⁸, preparei uma turma de colegas, sempre fui boa em matemática, estudava muito. Qualquer espaço que dava na aula, estávamos ali estudando para o concurso, minhas colegas todas passaram. No dia em que eu fui fazer as provas minha mãe não deixou, ela pegou a identidade e cortou a cédula principal que eu tinha que ir. Encontrou o cartão do concurso. As provas tinha que ser feita em Paramirim, inclusive tinha uma prima minha, parte de pai que foi fazer o concurso também, queria muito, que comentou que tinha certeza que eu ia passar. Eu nem cheguei a ir. Casei em setembro e ia ser contratada em dezembro e VT não deixou ficar em Livramento, neste espaço, outubro novembro e dezembro, para minha contratação, contrato de Estado para professora. Tive a minha vida toda interrompida, tinha o prazer de estudar, era boa em língua francesa. A professora de Francês, D. Poema, era tão desenvolvida no Francês, quando D. Poema adoecia ela mandava eu dar aula no seu lugar, em qualquer série (espaço para reflexão). Ganhei curso em Salvador por dois dias, D. Poema inscreveu para eu fazer essa reciclagem, minha mãe não deixou. Quando eu me casei em setembro, nesta data, doida para casar logo para me ver livre, voando. VT me prometeu mundos e fundos, que aqui era melhor, que ele conhecia pessoas, que eu nem preocupasse, que eu ia ser logo contratada. Eu logo acreditei e mais uma vez quebrei a cara de novo. Lutei muito em Salvador, lutei, fiz concurso. Quando cheguei aqui morei no Alto do Cruzeiro em Cosme de Farias, passei seis anos morando de aluguel. Sofri, padeci, e depois vim para Engomadeira em 1973. Moro aqui neste bairro 35 anos. Este mesmo ano fui visitada pelos membros da igreja, que não era igreja era uma capela, a matriz era em São Gonçalo, sempre foi. Participava de tudo dentro da igreja, fui catequista, cheguei até morar dentro da igreja. Teve uma fase aqui na Engomadeira, difícil, a casa quando eu cheguei, mudei para um quarto e sala. VT não teve condições de pagar, saiu foi despejado. Fui para outra, com uma irmã (amiga) tinha um terreno no fundo da casa, eles construíram para agente. Começaram de manhã, quando foi a noite estávamos morando. Aí, não deu certo, eu vim, passei uns tempos na igreja. Dentro da igreja,

²⁷ Mãe de leite é uma designação para as mulheres que contribuíram com determinadas crianças na alimentação do leite materno. Constroem nessa relação uma reciprocidade comum entre mãe e filha.

²⁸ Cidade do interior da Bahia, localizada no Centro Sul.

as coisas ficaram na casa de uma amiga, essa amiga minha e eu ficava dormindo na igreja. O dinheiro meu foi quase todo. Foi vida difícil, criava filhos dos outros, duas filhas de VT e cinco sobrinhos morando em quarto e sala, me enraivava o tempo todo. VT, a intenção dele, só queria mulher dentro de casa, trouxe logo duas filhas para criar, já tinha quando cheguei aqui duas filhas de uma outra mulher, mas morava com os pais dele, quando eu me casei trouxe. Então já conhecia tudo, não podia fazer um curso, porque, porque todo lugar que eu ia tinha que levar estas meninas. Uma com cinco anos e outra com seis. Depois ele achou pouco e trouxe cinco sobrinhos, estava em casa do irmão dele, não se deu bem lá, foi tudo para dentro de casa. Para lavar, passar e cozinhar para este povo todo. E VT sempre na farra, sempre na bebedeira. Às vezes, saía sexta e só chegava domingo, quando não era isso trazia pessoas. Trabalhando de pintor, nessas casas todas, às vezes, trazia aquelas amigas empregada doméstica, tudo para dentro de casa, fim de semana. O pessoal ficava, sábado, domingo dentro de casa, bebendo, comendo e brincando. Segunda feira ia todo mundo para casa das patroas. E eu servindo, não tinha condições de estudar, já existia a UNEB.

A atuação no Conselho de Moradores do Bairro da Engomadeira (COMOBE)

Em 1976, iniciei com a Associação Recreativa da Engomadeira, fazendo um trabalho voluntário, com crianças na creche. Lá, conheci o grupo do Sesi. O trabalho do Sesi era duas vezes por mês, levar o pessoal, as famílias de comunidade para o Sesi para participar das reuniões, tinha que receber o alimento da cesta básica, tinha que ficar com uma prancheta com o nome de todo mundo. Mudou o ritmo das mulheres. Trabalhei na escola da Associação, neste mesmo ano, quando precisava eu ia como voluntária. Em 1985, fundamos o COMOBE em parceria com o Sesi. O trabalho na comunidade incentivou a fundar o COMOBE. Não tinha lugares para reunir. A sede da associação pedíamos para fazer reunião, nunca aceitava, e quando aceitava era à noite, só que o Sesi não trabalhava à noite. Elas queriam fazer palestra aqui na Engomadeira, controlava a maternidade, tinha que ter lugar para a gente se reunir. Às vezes, íamos para a igreja, mas a igreja era uma capela pequena e tinha muitas atividades, mas mesmo assim a igreja foi um sustentáculo, foi assim que conseguimos, eu, Antônio Freire, Peter, grupo que era da igreja. Os diretores do Comobe todos eram da igreja. As nossas reuniões para o Comobe

acontecer começou na igreja, com a participação da comunidade católica, evangélica. Não foi impedimento. Uma das pessoas de Deus é Amor²⁹ foi uma das primeiras mulheres que eu levei para o Sesi. Eu tenho aqui no COMOBE, atualmente, filhos e mães que eram do Sesi. O Sesi era o sustentáculo, a base de todo trabalho na Engomadeira. O rompimento com o Sesi foi antes de 79, fomos desligados do Sesi. Teve uma decadência muito grande que achou por bem, trabalhar com as pessoas ligadas ao trabalhador. Naquele momento eles abriram para a comunidade, depois fecharam para atender o pessoal interno, porque cresceu muito e o custo era muito caro. Aí, eles ficaram para atender somente o trabalhador. As comunidades já estavam estruturadas, eles já haviam levantado aquela bandeira. Acabou o trabalho do Sesi, mas ficou o grupo formado, aí, quando começamos a trabalhar essas próprias mulheres, esses próprios maridos, de outra cabeça, de outra mente, foi que ajudou a criar o COMOBE. Esse grupo formado pelo Sesi foi eles as mulheres, os primeiros homens, os primeiros maridos a associar ao COMOBE, começaram a trazer água, para fazer massa, a campanha do bloco. VT foi o primeiro presidente do COMOBE, escolhido pelo grupo. Essa influência ajudou muito VT, porque ele não tinha tirado o segundo grau, quando cheguei aqui ele falava bem, escrevia bem, tinha o dom da palavra na igreja e não tinha o segundo grau. Eu matriculei ele na escola à noite, na Barroquinha – Instituto Bahia. Ele tirou o segundo grau com muito sacrifício, mas tirou. O que impulsionou VT a participar da associação foi porque eu estava no meio. Sentamos e conversamos. Ele nunca achou ruim fazer este trabalho, nunca foi contra, sempre me deu força. Eu disse a ele, você já me deu essa forma, você entra como presidente e eu como secretária, e aí vamos fazer um trabalho juntos. Fizemos um trabalho muito bonito junto. Foi muitos anos de luta, não é à-toa estes anos todos no COMOBE. Ele afasta. Teve uma época que ele afastou total. Antes tinha muito sócio, entrou a LBA. Trabalhei cinco anos com a LBA, tinha que ser bolsa. Era uma bolsa que davam para estudar. Fiz administração e contabilidade. Trabalhava de dia e estudava à noite. Então tinha que levar todo dia a ficha de matrícula da escola. Fiz dois anos de administração, contabilidade. Eu não poderia ficar mais, passei para a minha menina, filha de VT que eu criei, ela ficou mais ou menos mais um ano. Foi quando Collor de Melo entrou e acabou com a LBA e eu fui junto. Eu não lutei, outras colegas todas lutaram

²⁹ Nome de uma das igrejas protestantes.

e receberam foi indenizadas, Eu VT não quis lutar, mais um. Hoje as pessoas só procuram a associação quando precisam, não temos muita coisa a que oferecer.

ANO	ACONTECIMENTOS
1951	Ano de nascimento
1959	Ano em que o avô faleceu. Considera esta data importante, pois seu avô representava o pai que não teve.
1959	Fez catequese
1969/70/71	Desenvolveu trabalho na zona rural, alfabetizando crianças, adolescentes e jovens. O local não possuía infraestrutura adequada para realização de tal ação.
1968	Entrou no grupo de jovens, iniciou trabalho de evangelização com mulheres prostitutas e discriminadas na cidade de Livramento Brumado. O bairro tinha o nome de Itaquari.
1968	Ficou noiva de um rapaz da cidade; tinha 12 anos.
1969	Concluiu o 2º grau de Magistério em Livramento do Brumado.
1968/73	Trabalhou na Casa Paroquial. Ganhava salário para realizar trabalho de limpeza e arrumar os paramentos dos padres e bispos.
1972	Conheceu um ano antes, e casou neste ano com o seu atual esposo, com quem convive há 35 anos. VT foi presidente do Comobe, no primeiro ano de atuação na comunidade. Neste mesmo ano veio para Salvador, onde foi morar no Alto do Cruzeiro - Cosme de Farias ³⁰
1973	Foi morar na Engomadeira. Neste mesmo ano, teve os membros da igreja como visitantes em sua casa.
1976/1977	Fez trabalhos na Associação Recreativa da Engomadeira, como voluntária, trabalhando com crianças em uma creche para crianças em situação de risco social. A associação existe até hoje, localizada no “fim de linha ³¹ do bairro”.
1976/1985	Iniciou trabalhos em parceria com o Serviço Social da Indústria (SESI), fundado durante a Era Vargas. Nas décadas de 1970 e 1980 realizou trabalho importante de inserção comunitária em comunidades populares. AT considera este trabalho um grande fomentador de ações de promoção social na comunidade, quando a média de filhos era de dez para cada família. Esta parceria implantou ações de planejamento familiar, atendimento e acompanhamento médico psicológico, encontros quinzenais para mães da comunidade, trabalhando identidade, gênero e autoestima.
1985	Fundação do Conselho de Moradores do bairro da Engomadeira. Ação que foi estimulada com o trabalho com o SESI, já que havia formado grupo coeso na comunidade. Famílias em mutirão na liderança de AT e S. VT, invadiram terreno no bairro e construiu a sede da associação. A realização de campanhas como “campanha do bloco, cimento” foi importante para a finalização rápida do alicerce da sede.
1986/1991	O COMOBE firma convênio com a LBA, Programa governamental do governo Sarney, que intensificou a ação das associações de bairros, para a doação de leite, cestas básicas, destinados às famílias da comunidade. Este programa foi finalizado, no Governo de Fernando Collor – ano da redemocratização do Brasil pós-ditadura.

³⁰ Cosme de Farias é um bairro situado nesta cidade.

³¹ Essa denominação “fim de linha” é muito comum em Salvador, significa local onde os ônibus coletivos estacionam para recomeçar uma nova rota.

APÊNDICE B – História de Vida de AN – Liderança do Conselho de Moradores do Bairro da Estrada das Barreiras (Comoba)

Entrevista com AN - Presidente do Conselho de Moradores do Bairro da Estrada das Barreiras, no dia 22/04/08.

Infância

Nasci no bairro Vasco da Gama (em 1971); minha mãe Eliezer Francisca da Cruz lavava roupa de ganho para criar os três filhos e eu ia levar as roupas que minha mãe lavava para as casas das baronas na Barra , Corredor da Vitória e outros bairros. Ajudava minha mãe a entregar as roupas e também carregava água para minha mãe lavar. Toda semana tinha essa obrigação levar as roupas de ganho para minha mãe ganhar o dinheiro para o sustento da casa. Meu pai nem gosto de falar para que falar de alguém que só me fez botar no mundo? Não conheci meu pai ele abandonou a família quando eu tinha onze anos, depois dizem que ele me procurou, quando eu já trabalhava, mas não se identificou, só conheci por conhecer. Ele conheceu eu não. Para ele satisfez, para mim não. Eu nem queria que ele se identificasse. Aos dez anos comecei trabalhar na oficina de mecânico para aprender a profissão estudava, no colégio no bairro do Rio Vermelho que hoje é um teatro. Estudava pela manhã e a tarde ficava na oficina. Na Vasco da Gama, morava no Alto da Canjira em baixo era a Coca Cola saí de lá porque tinham que construir prédio, todo mundo venderam os terrenos para construir prédios, hoje tudo lá é prédio. Tivemos que sair. O que me lembro foi as máquinas passando e nós botando os móveis no caminhão. Quando chegamos aqui nas Barreiras nem casa tinha era um pedaço de pau e uma lona para cobrir e ter cuidado para as cobras não morder; tinha 11 anos e isso marcou minha vida foi a mudança para Barreiras fui morar no meio de mato e cobras. As Barreiras tinha muito mato e cobra, não tinha asfalto, água, luz, morava perto do Horto Florestal que tinham realmente as cobras. Na rua em que morava tinha só duas casas e no bairro para pegar ônibus tinha que andar até a tesoura entrada de São Gonçalo, que a gente chamava de tesoura. Minha mãe é simpatizante do espiritismo e eu sou católico. Não sou 100%, pois dizem que agente só é católico se frequentar, mas tenho fé em Deus e não sou candomblezeiro, meu irmão gosta de candomblé.

Adolescência e Idade Adulta

Comecei a vida trabalhando aos 17 anos, vendendo jornal depois picolé no bairro da Barroquinha, ia até a Barra, andando. O que mais marcou a minha adolescência foi quando vendia picolé, e aí o dono da sorveteria gostou de mim e botou para trabalhar na sorveteria e por um acaso fui demitido. Ele contratou uma menina para trabalhar no balcão e a menina me convidou para a festa do Bonfim e eu nem maldade tinha quando chegou na segunda-feira colocou os dois para fora. Saí como vendedor de picolé fui trabalhar na sorveteria no balcão despachando, ajudando o sorveteiro a fazer picolé depois voltar a vender picolé de novo? Marcou ter que sair da sorveteria por ciúmes do dono por uma menina de 16 anos e ele tinha quase 50. Se não tivesse jeito tinha que ir, mas meu padrasto já morreu, na época chegou na SIMBA tinha acabado de fazer 17 anos e conversou e me botou lá para trabalhar de auxiliar de serviços gerais, mas fazia de tudo um pouco. Depois fui trabalhar na SIMBA como auxiliar de serviços gerais fiquei quatro anos saí e fui para outra empresa na função de vigilante, que estou até hoje com 19 anos de empresa e 33 de carteira assinada, no próximo ano aposento. Lidava com colegas de trabalho e nunca tive problemas com relacionamentos. Sempre organizei campeonatos de futebol na comunidade. Eu sou assim, gosto de falar o que eu acho errado, o meu jeito de ser sempre esteve comigo.

Atuação no Conselho de Moradores da Estrada das Barreiras

O Conselho de Moradores era naquele tempo ao mesmo tempo próximo e distante – próximo porque estava perto da minha casa e distante porque tinha pouco contato só como parceiro para organização dos campeonatos, na verdade não era um participante ativo. Tinha conhecimento que todos que passavam no Conselho, como diretores não tiveram o compromisso com a associação, nenhum levou a ata no cartório, para registro da diretoria em posse. Na década de 1980, com 25 anos, fui convidado por um diretor para fazer parte da associação, mas não aceitei. Acho que teve um diretor que foi muito importante para o conselho, que foi AM. Para mim foi um grande líder. Ele tentava de tudo, acabou conseguindo. Cesta do povo, posto de saúde, asfalto, linha de ônibus que entrava no bairro, ticket de leite. O meu contato com o Comoba foi no ano de 2002, quando aceitei o convite para ser

membro da tesouraria. O Comoba caiu assim... eu não tinha anseio de ser... foi mais o esporte me fez ser presidente do Comoba hoje.

Ai fui envolvendo e acabei aceitando o convite para concorrer como presidente por força da comunidade, não tinha mais como negar. Trabalho, atualmente, como vigilante e minhas folgas estou na associação. Eu tenho que ter tempo disponível a dar ao Comoba. Se eu levar um dia sem vim aqui, no outro a pessoa vai dizendo que passou o dia aqui e não tinha ninguém para atender, na verdade mesmo que outra pessoa venha aqui, por exemplo: LM³², vem todo dia aqui, mas sai, e tem gente que chega aqui, naquele momento em que ele não estava, e tem gente que chega aqui e não quer falar com ele, quer falar comigo, e tem gente que chega aqui e não quer falar comigo, quer falar com ele. Se eu ficar um dia sem vim aqui tem pessoas que falam, ah, passei o dia todo aqui e você não estava aqui, o dia que não posso vim aqui tem pessoas que criticam, falam. Acho essa cobrança positiva, sou útil também, a pessoa que é cobrado é útil também. Tenho alguma coisa para oferecer na verdade. (pausa)

Hoje, melhorou muito para o que eu conheci, eu ví o conselho no passado, hoje eu acho que os diretores mesmo com o pouco tempo, eles participam mais, as pessoas até reconhecem os diretores do conselho na rua, quando quer alguma coisa, alguma informação eles pedem, perguntam, muito diferente do passado, as pessoas não sabiam direito quem eram os diretores do conselho, eu vejo assim em relação ao passado, não adianta falar do presente se a gente não tiver o passado para dar o exemplo. Hoje, tem diretor do conselho, se ele passar ele é conhecido pelo morador ou indicado “eu fui indicado por alguém para tentar resolver este problema para mim”. A participação dos diretores é mais efetiva porque as pessoas de vez em quando procuram para alguma coisa.

Eu acho que as pessoas olham o Comoba, com um olhar desconfiado, eu nunca fiz uma pesquisa sobre isso, mas eu acho que é com um olhar desconfiado. Apesar de que também quem mais procura a associação para algum benefício, para identidade, CPF, hoje, que a gente tem um médico clínico, dentista, quem mais procura é quem não é associado, mas mesmo assim eles têm um olhar que isto é uma jogada política, que isto é para beneficiar alguém, as pessoas pensam que sou candidato a alguma coisa, a vereador. Se alguém tiver pensando que sou candidato

³² LM é o vice-presidente do COMOBA- atua com AN. Em minhas idas a campo, sempre o encontrava atendendo pessoas.

a vereador, não tenho anseio para ser candidato, acho que tem que ter dinheiro. Se não tiver dinheiro não vai para lugar nenhum, eu vejo assim. Nesses 2002 para cá, seis anos, praticamente, alguns políticos que chegou a dar oportunidade, a trabalhar a fazer campanha na comunidade, as pessoas vê o político, eles pedem muito do político, tem gente que pede bloco, que pede arreia, arenoso, é muito pedido. O cara que candidatar a vereador, na minha visão ele tem que ter muito dinheiro, se não tiver dinheiro ele não vai para lugar nenhum.

Dentro do Comoba a gente trabalha com um cara que é candidato a vereador, o que a gente pede, ele dentro do possível ajuda. O médico está sendo mantido aqui, através dele, o pediatra através dele, o dentista também. O nome dele é C M, então eu acho que de qualquer maneira, se alguma pessoa disser que vai ser presidente de alguma associação e não quer político, sei não. Tem coisa que se não for o político! Vou dar exemplo do Comoba com a mensalidade de R\$: 3,00 (três reais) para os associados, vai ter condições de pagar a hora de um clínico? de um dentista? de um pediatra? Não tem condições. O dentista pior ainda, o dia do dentista é caro e o material mais ainda. Eu estava conversando com uma pessoa essa semana, disse que o material do dentista, inclusive nem é feito aqui no Brasil, é trazido de fora, alguns materiais, cadeira essas coisas são comprados lá fora, então é uma coisa cara.

A participação de políticos no Comoba em parte é benéfica. Eu acho que se o político não fizer, a comunidade em si não tem condições de fazer. Dou o exemplo aqui da sede, a maior parte da construção da sede, na gestão passada foi feita por políticos, trazendo blocos arreia, trazendo arenoso, trazendo cimento. Se for botar a comunidade para fazer, não quer botar o seu dinheiro, na realidade não quer botar não, eu expressei mal, as pessoas não tem para botar.

Alguns políticos vieram aqui e usaram o Comoba para fazer sua campanha. PL³³ ajudou, deu as telhas da cobertura, deu os blocos, o arenoso, mas teve um DC, não gosto de citar nomes, mas tenho que citar, só fez botar o nome aqui, na gestão do ex. presidente que faleceu, enganou ele dizendo que ia fazer, que ia acontecer, junto com o Deputado Rodrigues da Silva³⁴, na hora não deu nada, e a gente ficou sendo taxado que tinha pego dinheiro dele, ele colocou o nome na frente, hoje quem colocar o nome coloque uma faixa, agora pintar o nome nas paredes não, e depois

³³ Nome fictício, usado com o objetivo de não comprometer publicamente os políticos mencionados.

³⁴idem

até para tirar esse nome³⁵. Deu trabalho a gente mesmo quem mandou pintar, mas normalmente queira ou não tem algum político que mesmo durante a campanha a gente tem que ter alguma dele para dar a comunidade, ou que sirva de raiz para dizer, aquele ali deu alguma coisa para a gente, infelizmente se o político não der, ele não ganha o voto, esse negócio de dizer, você tem que votar no político [...], por isso eu vejo muitos deputados do PT, tendo o trabalho de se eleger em bairro de pobre, porque eles acham que as pessoas têm que votar neles, porque eles acham que é PT, quer dizer, partido dos trabalhadores, do trabalhador? Nenhum deles trazem uma recapagem de asfalto para a rua onde as pessoas moram, e está precisando, nenhum deles dá um manelha para melhorar a rede de esgotos, traz uma caçamba de asfalto, tapa os buracos. O PT não. Acham que tem que ser votado porque é partido dos trabalhadores, mas também eu não vejo nada de bom neles, quando eles estão lá em cima não vê a comunidade.

ANO	ACONTECIMENTOS
1960	Nascimento de NA, no bairro de Vasco da Gama
1971	Mudou com a família para Estrada das Barreiras, permanecendo até a presente data
1973	Iniciou atividades laborais como ambulante, vendendo inicialmente jornal, depois picolé, no bairro da Barroquinha até a Barra. Realizava o percurso andando.
1977	Contratado com carteira assinada, como auxiliar de serviços gerais na SIMBA – Empresa de Metalurgia, fabricava utensílios de alumínio , atualmente inexistente no cenário social.
1978	Começou a organização de campeonatos esportivos na comunidade de Sussuarana, pois nas Barreiras até então não existia campo.
1982	Após a falência da SIMBA, foi indicado para trabalhar na Transecur, empresa de segurança, como vigilante, também com carteira assinada. A empresa finalizou seus serviços em 1990, encerrando o contrato. Foi indicado para trabalhar em outra empresa.
1983	Filiou-se no Sindicato dos Vigilantes da Bahia (Sindivigilantes).
1990	Iniciou serviços com carteira assinada na EMBRAEL- Empresa de Segurança, esta foi comprada pela empresa PROTECTO, e recontratado, permanece até o momento como vigilante.
2002	Iniciou a gestão como diretor de esportes do Comoba. Finalizou a atividade de organizador de campeonatos na comunidade, passando á ação ser exclusiva do Conselho de Moradores.
2005	Após o impulso dos associados, principalmente dos integrantes da agenda 21 – Ação da Universidade do Estado da Bahia na Associação, com a comunidade. Iniciou a gestão como presidente do Conselho de Moradores do bairro da Estrada das Barreiras. Foi eleito com voto direto pelos associados.
2008	Atuou como presidente do Conselho de Moradores do bairro da Estrada das Barreiras

³⁵ Referindo-se ao político que colocara o seu nome, na frente do Conselho, utilizando tinta fixa na parede.

APÊNDICE C – História de Vida de TD – Liderança da Associação de Moradores do Bairro da Mata Escura (AMME)

Entrevista realizada com TD da Associação de Moradores do Bairro da Mata Escura (AMME), no dia 14/07/2008

Infância

Minha infância foi quase vivida no interior de Castro Alves, uma localidade de nome Cardeal, vivi lá até os 13 anos, aquela infância de criança de roça, quando não estudava só fazia brincar com a bola, pneu, quando a gente achava pneu de carro velho, botava dois pauzinhos dentro um pouco de água e saía correndo, cavalo de pau, montava e saía dando uma soladazinha no cavalo, tive aquelas amizades boas, amizades de pescaria, amizade de bola, da caça. Minha mãe criava muita galinha, graças a Deus na falta, quando dava dia de sexta nas compras que lá era por semana... outra coisa que marca muito no interior a feira que é feita no dia de sábado e quando chega quinta, a mãe que é dona de casa vai ao quintal e pega ovos para fritar para os filhos, para cozinhar. Lá em casa era difícil porque a família era grande era 11 pessoas, tivemos muita dificuldade nesse sentido. De vez em quando vinha virose, que matava nossa criação. Era momentos de muita dificuldade, momento de fome. Hoje em dia vejo crianças que tem tudo em casa e não dá valor aos pais. Lá em minha casa não. Faltava alimento, mas não faltava farinha porque tínhamos a casa de farinha, para fazer farinha. Plantava nossa mandioca e era a nossa salvação em alguns momentos só comíamos farinha com açúcar e o café preto. Se nós olharmos para traz, em nossa criação, no tempo da nossa infância nossos irmãos se sentem vitoriosos, porque temos uma condição bem melhor, para educar os filhos e dar alimentação melhor, porque naquela época não tivemos. Nós sabíamos que não foi nossos pais que faltou esforço não, trabalhava muito, mas era muito difícil. Hoje já tem essa bolsa família do governo, antigamente não tinha nada disso. A educação dos pais no início da nossa vida é muito importante. Meu pai me ensinou a pescar, caçar me ensinou que é para gente aplicar lá mesmo na roça. Como a cidade grande nos chamava, vimos para cá. Este período foi muito importante, ajudando meus pais no cuidado, com os animais. Lá só começava estudar aos sete anos, estudava pela manhã e à tarde brincava e assim fui levando a vida, ganhei uma coisa que me lembro e até hoje guardo com saudade, um

radinho do meu pai, como gostava muito de jogo desde pequeno torcia pelo Bahia, e aí ganhei esse radinho, que carreguei muito tempo, um Motorola vermelho que se foi com o tempo. Sou filho de uma família de 11 irmãos, cinco homens e seis mulheres; atualmente, todos praticamente moram aqui em Salvador, só uma, minha irmã continua morando lá. Um acontecimento na política que me marcou muito eu ouvia falar muito no presidente Tancredo Neves. A morte dele foi muito falada lá no meu interior, foi muito sentida, eu me lembro como hoje que meu pai falava “Nós perdemos um grande presidente”. Não entendia muito de política, mas naquele momento eu via algumas pessoas chorar e eu também chorei. A coisa que mais me marcou em relação à política, foi isso aí. Na minha vida foi quando meu irmão foi me tirar da roça, já que eu não tinha como estudar, acho que aqui tive um futuro melhor se ficasse lá não tinha futuro que tenho hoje.

Adolescência e idade adulta

Mudei aos 13 anos para Simões Filho, fui morar com o meu irmão de 1986 a 1993. Convivi com ele durante oito anos, a parte da adolescência até a vida adulta. Cheguei em Simões Filho em 1986, lá fiquei até 1993, fiz a parte do fundamental e médio, lá eu cursei curso técnico de contabilidade e comecei minha parte profissional em uma empresa que não existe lá, na qual era auxiliar de montagem. Comecei a trabalhar aos 18 anos e aí começou minha parte mais difícil. Vim para Salvador em janeiro de 1994, praticamente sozinho, morei de aluguel no centro da cidade, no bairro de Nazaré. Dei sorte, comecei logo a trabalhar. Quem está começando é tudo difícil. Fui tomar conta de uma lanchonete lá na Lapa³⁶ trabalhei durante dois anos, aproveitei e ganhei experiência não era isso que eu queria, queria algo mais infelizmente só me vinha na área de comércio, saí de lá e fui trabalhar em outra lanchonete fiquei lá mais dois anos e não deu certo, fui para o Supermercado BomPreço, acreditando eu que seria um bom paço na minha vida. Lá fui ser repositor de mercadorias. Depois de certo tempo fiz curso de vigilante no ano de 2002, curso esse que vai fazer cinco anos e até hoje estou atuando na área. Trabalho na empresa PROTEC, na escola Cândido Emílio Lobo no Largo do

³⁶ Estação de ônibus coletivo localizada no centro da Cidade de Salvador.

Tanque, no turno da noite. Depois que morei em Nazaré fui para Tancredo Neves³⁷ e depois surgiu a possibilidade de morar em Mata Escura tinha já familiares morando aqui³⁸, meu irmão me trouxe para vim morar aqui em 1987. Fiz cursos para aperfeiçoamento de informática, associativismo e cooperativismo. O último foi patrocinado pela prefeitura com duração de três meses. O de cooperativismo e associativismo foi muito importante para lidar com a comunidade, aprender a formular um estatuto, fazer um bom ofício para entregar nas secretarias, nos órgãos públicos e como redigir uma boa carta, foi muito proveitoso. A prefeitura patrocinou, deu o vale transporte e o lanche. Um acontecimento importante que marcou minha vida adulta, precisamente aqui na Mata Escura foi quando perdi meus pais em janeiro de 2001 e minha mãe em setembro de 2003. Eles vieram morar em Salvador em 1996, porque ficaram praticamente só ficou com uma filha. Já estavam os dois ficando idosos, nós filhos achamos melhor trazer eles de lá para cá. Alugamos uma residência em Tancredo Neves e eles vieram, morando com duas filhas, no momento era quem poderia ficar com eles, os outros eram casados, ficaram lá em Tancredo Neves de 1998 a 1999. Nós tínhamos uma parte do imóvel porque morávamos em Mata Escura e os meus pais vieram morar em Mata Escura. Foi aí que infelizmente meu pai teve um AVC, levou seis anos em cima de uma cama, foi uma das partes mais duras da minha vida e quem ia cuidar deles eram os homens, as mulheres ficaram com a parte da alimentação e remédios e Deus sabe o que quer a gente como filho fizemos a nossa parte. Deus está lá e ele sabe que fizemos. Minha mãe também, com a morte do meu pai ficou doente e um ano após, quase dois anos veio a falecer. Essas pessoas que convivem distante dos pais vê o quanto é importante agradecer tudo que eles fizeram pela gente, depois que a gente perde só Deus. Hoje, os irmãos continuam morando em Mata Escura, só um que se mudou para o centro da cidade, mora lá na Carlos Gomes.

A atuação na Associação

Anos após, fui convidado a participar da associação a AMME (Associação de Moradores de Mata Escura), na qual atualmente sou presidente. Gostei da

³⁷ Bairro da periferia da cidade , próximo de Mata Escura, onde reside atualmente e atua como presidente da AMME.

³⁸ Está se referindo ao Bairro de Mata Escura

experiência, entrei como tesoureiro, depois fui eleito presidente e hoje estou concorrendo a reeleição. A eleição será no dia 21 de dezembro de 2008 e estou muito animado com a possibilidade de ganhar. Nesse seis anos na associação adquiri muita experiência, conheci pessoas na política, conheci o companheiro CH, que me passou algumas informações importantes e os moradores daqui faz com que a gente lute por uma vida melhor. Reconheço que essa associação não tem um trabalho bom, posso falar, caso vier ser reeleito o que quero implantar. O que fizemos aqui foi tudo baseado na vereadora,³⁹ a gente de vez de agir ficou muito dependente dela. A parceria com a candidata teve mais pontos negativos do que positivos. Hoje em dia não faria parceria do jeito que foi feito, ela contribuiu muito, mas a parte que poderia ser feito pelo presidente e diretores não foi feito. Eu como presidente, CH como vice reconhecemos isso falhamos nessa parte e estamos tentando corrigir no próximo ano. Eu não pretendo continuar com alianças políticas, quando for preciso ter um político do nosso lado, se eu vier ser eleito vou procurar, mas aliança não quero mais. Do ponto de vista da comunidade a aliança deveria ter dado muito mais do que foi dado. No momento estamos unidos como todo Brasil para arrecadar fundos e doações para o povo de Santa Catarina, já arrecadamos uma boa quantidade de roupas. Nosso objetivo está focado para o próximo mandato. Caso seja reeleito, tenho alguns projetos como: criação de uma creche comunitária aqui na Nova Mata Escura, é um projeto que vamos procurar os órgãos públicos para estar botando em prática, tem a criação do transporte alternativo que não temos aqui, já que tem dificuldade de ter o coletivo, a pavimentação asfáltica das ruas, falta uma boa iluminação pública, saneamento básico e a água, pois a embasa tem que dar um melhor atendimento. Nossa água aqui só cai as 22h. Estamos fazendo um abaixo assinado para melhoria da água, é nesse sentido que vamos juntos trabalhar daqui para frente.

³⁹ Referindo-se a aliança política que fizeram, apoiando uma candidata à vereadora. Ganhava salário para trabalhar dentro da associação, como cabo eleitoral da candidata. Ela não se reelegeu e a associação ficou quase abandonada. Inúmeros contatos foram feitos. Retornou ativa no momento da eleição para mudanças na presidência.

ANO	ACONTECIMENTOS
1973	Nascimento de TD em Castro Alves, Interior da Bahia.
1986	Mudou com o irmão para a Cidade de Simões Filho – Região Metropolitana de Salvador.
1994	Passa a residir em Salvador inicia as atividades laborais no comércio, como vendedor.
1987	Constitui residência no bairro de Mata Escura
1996	Seus pais saem de Castro Alves e passa a residir em Salvador no bairro Beirú depois Mata Escura
2001	Perde seus pais
2002	Participa de curso de vigilante atividade profissional em exercício até o momento.
2004	Inicia a liderança na Associação de Moradores da Mata Escura.
2008	Perde as eleições da Associação para seu vice CH que se desvinculou e constituiu chapa.